

**INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES**

**CURSO DE ESTADO-MAIOR**

**2004 / 2006**

**TRABALHO INDIVIDUAL DE LONGA DURAÇÃO**

**A GUERRA DO IRAQUE 2003 – A CAMPANHA**

**CARLOS ABÍLIO CAVACAS MACIEIRA**

**MAJ INF**

Presidente do Júri: TENENTE-GENERAL José Luís Pinto Ramalho

Arguente principal: MAJOR-GENERAL Alfredo Nunes da Cunha Piriquito

Arguente: TCOR de INFANTARIA Francisco José Caldas Silva

Arguente: MAJ CAV José David Angelino da Graça Talambas

**ESTE TRABALHO É PROPRIEDADE DO INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES.**

*ESTE TRABALHO FOI ELABORADO COM FINALIDADE ESSENCIALMENTE ESCOLAR, DURANTE A FREQUÊNCIA DE UM CURSO NO INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES, CUMULATIVAMENTE COM A ACTIVIDADE ESCOLAR NORMAL. AS OPINIÕES DO AUTOR, EXPRESSAS COM TOTAL LIBERDADE ACADÉMICA, REPORTANDO-SE AO PERÍODO EM QUE FORAM ESCRITAS, PODEM NÃO REPRESENTAR DOCTRINA SUSTENTADA PELO INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES.*

**PROFESSOR ORIENTADOR:**

**JOÃO CARLOS VAZ RIBEIRO DO AMARAL BRITES  
TCOR CAV**

## RÉSUMÉ

Au début des années 90 on assiste au dernier grand conflit du siècle XX. Une coalition de quelques dizaines de pays conduits par les États-Unis affronte l'Iraq dans une guerre caractérisée par un période de préparation du champ de bataille prolongé et un période d'opérations décisives très court.

Au départ de ce nouveau millénaire, on est témoin d'un autre conflit avec les mêmes joueurs: États-Unis, Royaume-Uni et Iraq ; mais dont la planification et exécution des opérations sont substantiellement différentes du premier.

Le présent travail vise à analyser la planification et exécution des Conflits "*Desert Storm*" et "*Iraqi Freedom*" , pour identifier potentiels facteurs différentiateurs qui nous rendent possible de retirer quelques *leçons apprises*. Cet essai va se focaliser sur l'identification des objectifs aux divers niveaux, l'examen de la planification opérationnelle de la campagne, la reconnaissance de la structure de commandement et contrôle, l'étude du combat dans ses diverses parties et l'importance de la technologie dans l'exécution des opérations.

Donc, après une introduction où le but de l'investigation est définie, son importance justifiée et la méthodologie, bien comme le plan et le contenu présentés. Le premier chapitre est consacré à l'analyse de la Guerre du Golfe de 1991. Ensuite, le deuxième chapitre examine la Guerre du Golfe de 2003 selon les mêmes paramètres du premier conflit. Alors que le troisième chapitre matérialise la réponse à la question centrale et ses dérivées, ainsi que la confirmation ou réfutation des théories soulevées. Le quatrième et dernier chapitre, conclue avec les leçons apprises de l'étude comparative des deux conflits.

## ABSTRACT

The beginning of the 90's saw the last great conflict of the 20<sup>th</sup> century. A coalition of a few dozens of countries led by the United States faced Iraq in a war noticeable by a long period of battle-field preparation and a short period of key operations.

At the start of this new millennium we witnessed another conflict with practically the same players: United States, United Kingdom and Iraq. Yet, the planning and execution of the operations was substantially different from the first.

The present paper endeavours to draw an analysis of the planning and execution of Operations “*Desert Storm*” and “*Iraqi Freedom*”, aiming to identify several possible distinguishing factors which might allow us to get some *lessons learned*. This examination will focus on target identification at several levels, the scrutiny of the campaign's operational planning, recognizing the command and control structure, studying the conflict in its different components and the importance of technology in the execution of the operations.

Therefore, after an introduction where the goal of the research is defined, the study's significance justified and the adopted methodology, layout and content presented, the first chapter is devoted to scrutinising the Gulf War of 1991. Then, the second chapter examines the 2003 Gulf War by the same parameters of the first conflict. Subsequently, the third chapter proposes the answer to the main question and related issues, as well as the confirmation or rejection of the raised theories. And in the fourth and last chapter, lessons learned are drawn from the comparative analysis of the two conflicts.

## DEDICATÓRIA

À minha esposa **Teresa** pela compreensão perante a ausência ao convívio familiar.

Ao meu filho **Tomás** pela atenção e dedicação de que se viu privado.

### **AGRADECIMENTOS**

A todos os camaradas do Curso de Estado-Maior 2004-2006 e Curso de Estado-Maior Conjunto 2005 que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho de investigação, em especial ao Major do Exército Americano Armando Ramirez, pela disponibilização de documentos e saber pessoal, sem os quais não teria sido possível a sua concretização.

Igual gratidão ao Maj Cav Miguel Freire, pela documentação dispensada. Da mesma forma, profunda gratidão aos TCor Tm (Engº) Carlos Ribeiro, Maj Inf João Leal e Maj Art Gilberto Garcia pelos contributos oferecidos e revisão do trabalho. Especial agradecimento aos TCor Inf Caldas Silva e TCor Inf Magalhães, pela colaboração prestada em algumas partes do trabalho.

Um agradecimento muito sentido e especial ao TCor Cav Amaral Brites, meu orientador, pela confiança e liberdade concedida, bem como pela atitude crítica, determinante para a profundidade da investigação.

## LISTA DE ABREVIATURAS

### A

ADM – Armas de Destruição Massiva  
ARCENT – Comando da Componente Terrestre  
AWACS – Stands Airborne and Control Warning System  
A-Team – Equipa de Forças de Operações Especiais

### B

BatAeroTransp – Batalhão Aerotransportado  
BCOTM – Battle Command On The Move  
BFT – Force XXI Battle Command Brigade and Below System or Blue Force Tracking  
BI – Batalhão de Infantaria  
Brig – Brigada  
Brig Exp Mar – Brigada Expedicionária de Marines  
BrigAerom – Brigada Aeromóvel  
BrigAeroTransp – Brigada Aerotransportada  
BrigAva – Brigada de Aviação  
BrigBl – Brigada Blindada  
BrigMec – Brigada Mecanizada

### C

C2 – Comando e Controlo  
C2W – Guerra de Comando e Controlo  
CAOC – Combined Air Operation Center  
CAS – Close Air Support  
CB – Campo de Batalha  
CC – Carro de Combate  
CE – Corpo de Exército  
CENTAF – Comando da Componente Aérea  
CENTCOM – Comando Central  
CFACC – Comando da Componente Aérea das Forças Combinadas

CFLCC – Comando da Componente Terrestre das Forças Combinadas  
CFMCC – Comando da Componente Marítima das Forças Combinadas  
CFSOCC – Comando da Componente de Operações Especiais das Forças Combinadas  
CIA – Agência Central de Informações (Norte Americana)  
CINCENT– Comandante do Comando Central  
CJCS – Chairman of the Joint Chiefs of Staff  
Cmndt – Comandante  
CoG – Centro de Gravidade  
COP – Common Operational Picture

## **D**

DAerom – Divisão Aeromóvel  
DAeroTransp – Divisão Aerotransportada  
DBI – Divisão Blindada  
DI – Divisão de Infantaria  
Div – Divisão  
Div Lig – Divisão Ligeira  
Div Mar – Divisão de Marines  
Div Mec – Divisão Mecanizada  
Div Pes – Divisão Pesada  
DoD – Departamento de Defesa

## **E**

E-8C JSTARS – Joint Surveillance Targeting Attack Radar System  
EAC – Escalão Acima de Corpo  
EBO – Effects Based Operations  
EBT – Effects Based Targeting  
EF – Estado Final  
Esq Helis – Esquadrão de Helicópteros  
EsqAva – Esquadra de Aviação  
EUA – Estados Unidos da América

## **F**

FT – Força Tarefa

## **G**

Gen – General

GPS – Global Positioning System

Gr Helis – Grupo de Helicópteros

Gr Helis Atq – Grupo de Helicópteros de Ataque

GrAva – Grupo de Aviação

## **I**

In – Inimigo

Indep – Independente

## **J**

JDAM – Joint Direct Attack Munition

JFC-E – Comando das Forças Conjuntas – Este

JFC-N – Comando das Forças Conjuntas – Norte

JSOTF-N – Força Tarefa de Operações Especiais Conjuntas Norte

JSOTF-W – Força Tarefa de Operações Especiais Conjuntas Oeste

JSTARS – Joint Surveillance Targeting Attack Radar System

## **L**

LCAF – Linha de Coordenação de Apoio de Fogos

LOC – Linha de Comunicação

## **M**

MARCENT – Comando da Força de Marines

MEF – Força Expedicionária de Marines

MEU – Unidade Expedicionária Marine

## **N**

NAVCENT – Comando da Componente Naval

NBQ – Nuclear, Biológico, Químico

NCW – NetWork Centric Warfare

## **O**

ONU – Organização das Nações Unidas

OOp – Ordem de Operações

OPCOM – Comando Operacional

OPCON – Controlo Operacional

OPLAN – Operation Plan

## **P**

PC – Posto de Comando

PD – Ponto Decisivo

PIOp – Plano de Operações

PRC – Potencial Relativo de Combate

## **Q**

QG – Quartel General

## **R**

Reg – Regimento

## **S**

SAM – Míssil Superfície-Ar

SAS – Special Air Service

SATCOM – Comunicações por Satélite

SBS – Special Boat Service

SEAL – Navy Sea Air Land

SOCCENT – Comando Central de Operações Especiais

## **T**

TACOM – Comando Tático

TACON – Controlo Tático

TF – Task Force

TGen – Tenente General

TLAM – Mísseis de Ataque Táticos Terrestres

TO – Teatro de Operações

## **U**

UAV – Unmanned Aerial Vehicle

UK – Reino Unido

UNMOVIC – Comissão de monitorização, verificação e inspeção da ONU

UNSC – Conselho de Segurança das Nações Unidas

UNSCOM – Comissão especial da ONU para o desarmamento

UNSCR – Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas

USAF – Força Aérea dos EUA

## **V**

VBPT – Viatura Blindada de Transporte de Pessoal

VCI – Viatura de Combate de Infantaria

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>I. A GUERRA DO GOLFO DE 1991</b> .....	<b>6</b>
I.1. Enumeração dos Objectivos Políticos, Estratégicos e Operacionais da Campanha .....	6
I.2. Desenho da Campanha .....	9
I.3. Planeamento da Campanha .....	9
I.4. Estrutura de Comando e Controlo .....	10
I.5. Forças em Presença no Teatro de Operações .....	12
I.6. Análise da Campanha .....	12
I.7. Forças de Operações Especiais .....	16
I.8. Operações de Informação .....	18
I.9. Importância da Tecnologia nas Operações .....	19
I.10. Síntese Conclusiva .....	20
<b>II. A GUERRA DO GOLFO DE 2003</b> .....	<b>22</b>
II.1. Enumeração dos Objectivos Políticos, Estratégicos e Operacionais da Campanha .....	22
II.2. Desenho da Campanha .....	25
II.3. Planeamento da Campanha .....	26
II.4. Estrutura de Comando e Controlo .....	29
II.5. Forças em Presença no Teatro de Operações .....	30
II.6. Análise da Campanha .....	32
II.7. Forças de Operações Especiais .....	37
II.8. Operações de Informação .....	38
II.9. Importância da Tecnologia nas Operações .....	40
II.10. Síntese Conclusiva .....	45
<b>III. CONCLUSÕES</b> .....	<b>47</b>
III.1. Resposta à questão central.....	47
III.2. Resposta às questões derivadas .....	48
<b>IV. LIÇÕES APRENDIDAS</b> .....	<b>51</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>55</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>63</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>78</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho da Campanha de 1991 .....	9
Figura 2 - Estrutura de C2 da Coligação no Conflito de 1991 .....	11
Figura 3 - Desenho da Campanha de 2003 .....	26
Figura 4 - Estrutura de C2 da Coligação no Conflito de 2003 .....	29
Figura 5- Dispositivo Inicial das Forças .....	Anx C- 1
Figura 6 - Movimento “ <i>Hail Mary</i> ” .....	Anx C- 1
Figura 7 - Dispositivo Final dos Contendores no Conflito de 1991 .....	Anx C- 2
Figura 8 - 1º Dia da Ofensiva Terrestre (24Fev91).....	Anx C- 2
Figura 9 - 2º Dia da Ofensiva Terrestre (25Fev91).....	Anx C- 3
Figura 10 - 3º Dia da Ofensiva Terrestre (26Fev91).....	Anx C- 3
Figura 11 - 4º Dia da Ofensiva Terrestre (27Fev91).....	Anx C- 4
Figura 12 - Dispositivo das Forças Regulares Iraquianas no Conflito de 2003 .....	Anx D- 1
Figura 13 - Dispositivo da Guarda Republicana e Guarda Republicana Especial .....	Anx D- 1
Figura 14 - I Período da Fase Ofensiva/Decisiva .....	Anx D- 2
Figura 15 - II Período da Fase Ofensiva/Decisiva .....	Anx D- 2
Figura 16 - III Período da Fase Ofensiva/Decisiva .....	Anx D- 3
Figura 17 - Panfletos lançados para sensibilização da protecção dos poços petrolíferos .....	Anx D- 3

## **INTRODUÇÃO**

As guerras do Golfo de 1991 e 2003 caracterizaram-se por serem os últimos conflitos contemporâneos que envolveram meios apreciáveis e cujos planeamentos e execução das operações foram manifestamente diferentes. A primeira, devidamente faseada pela coligação, com a utilização sequencial do vector aéreo, naval e terrestre, obedeceu a um espírito de força esmagadora contra o adversário. Esta operação, designada “*Desert Shield/Desert Storm*”, pelos meios envolvidos apresentou-se como a última guerra simétrica, embora se verificasse a génese da utilização de elementos, no âmbito da tecnologia e informação, que indiciariam uma futura guerra em moldes completamente diferentes.

Após o final do conflito de 1991, o Departamento de Defesa (DoD) Americano apercebeu-se rapidamente das potencialidades da integração da tecnologia no planeamento e condução das campanhas, encetando uma revolução na forma de pensar, planear e conduzir as mesmas. Este processo foi amadurecendo ao longo dos doze anos seguintes, sendo testado na guerra de 2003, com a operação “*Iraqi Freedom*”. Assim, neste conflito, assistimos a uma guerra marcada pela interferência do poder político no planeamento das operações, em que o poder do fogo se superiorizou à agilidade da manobra.

### **Finalidade do Trabalho**

Ao abordarmos o tema, “A Guerra do Iraque 2003 – A Campanha”, procuramos efectuar uma análise ao planeamento e conduta da campanha, nas suas várias componentes: terrestre, naval, aérea e operações especiais. Consideramos imprescindível fazer uma análise comparativa com a campanha de 1991, para materializarmos uma base de comparação que permita identificar factores diferenciadores que possibilitem retirar lições aprendidas.

### **Importância do Estudo**

Na realidade, o conflito de 2003 trouxe novas formas de planeamento e condução de uma campanha num Teatro de Operações (TO), a todos os níveis da Guerra. Assim, esperamos que este trabalho possa suscitar reflexão e debate sobre essas novas formas de planeamento e condução das operações.

### **Delimitação do Estudo**

Dada a vasta natureza deste trabalho, delimitamos o âmbito do seu estudo, ao período das grandes operações militares, sendo o restante período apresentado apenas com a profundidade necessária à clarificação e compreensão do nosso trabalho, que irá recair essencialmente sobre a manobra operacional.

## Metodologia

O nosso percurso metodológico seguiu o método científico de investigação. Iniciámos o estudo pela definição de um fio condutor e de um mapa conceptual apoiado em conceitos que necessariamente contribuíram para a delimitação da análise. Posteriormente, realizámos uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema em questão, quer de âmbito nacional, quer de âmbito internacional, nomeadamente, nos Estados Unidos da América (EUA), Reino Unido, Austrália e Espanha. Devido à vasta informação encontrada, privilegiámos a bibliografia de autores conceituados. Assim, investigámos fundamentalmente relatórios e documentos do DoD dos EUA, dos Ministérios de Defesa do Reino Unido e Austrália; Revistas e Manuais militares; e livros ou publicações da autoria de pessoas especialistas sobre a matéria, tais como o General Tommy Franks, Tenente General Michael Delong e General Wesley Clark.

Definimos, posteriormente, a questão central que pretendemos responder nesta investigação:

**“Que factores se modificaram, entre a campanha de 1991 e 2003, que levaram a alterações do planeamento e conduta das campanhas?”**

As questões derivadas da questão central são as seguintes:

1. Foram as duas campanhas realmente conjuntas e combinadas?
2. Qual a importância e forma de emprego das Forças de Operações Especiais nestas campanhas?
3. Quais as alterações que a tecnologia trouxe ao planeamento e conduta da campanha, e emprego das forças?
4. As Operações de Informação tiveram igual importância nas duas campanhas?
5. Qual a importância dos Planos de Decepção nestas campanhas?
6. Qual a influência da NetWork Centric Warfare (NCW) e Effects Based Operations (EBO) nas campanhas?

Destas questões derivadas resultaram as seguintes hipóteses orientadoras:

- A forma cada vez mais coordenada e o elevado nível de integração das diversas componentes, irá fazer com que a estrutura de Comando e Controlo (C2) esteja apta, no futuro, a planear e conduzir campanhas em que não haja uma distinção nítida entre a actuação das várias componentes e aos vários níveis;
- As Operações Especiais tendem a assumir preponderância na prossecução dos objectivos planeados e a conjugar as operações de forma coordenada com as forças convencionais;
- O avanço tecnológico, ao nível dos sistemas de armas empregue no TO, condiciona o tipo de campanha planeado;

- As Operações de Informação assumem uma importância crescente no planeamento e condução das campanhas;
- A NCW irá revolucionar a estrutura de comando de uma força em campanha.

### **Organização e Conteúdo do Estudo**

Para além da introdução, o presente trabalho articula-se em quatro capítulos.

Na introdução do trabalho definimos o tema, a importância e a delimitação do estudo, a metodologia seguida, a organização e conteúdo do mesmo, para além de um breve Corpo de Conceitos.

No primeiro e segundo capítulos analisamos as guerras de 1991 e 2003 respectivamente, à luz dos mesmos parâmetros. Assim, começamos por identificar os Objectivos Políticos, Estratégicos e Operacionais da Campanha e a partir daí deduzir os respectivos Estados Finais (EF) aos níveis Político, Estratégico e Operacional, bem como os centros de gravidade (CoG) e Pontos Decisivos (PD), que nos permitem estabelecer o desenho operacional da campanha; estudamos o seu planeamento, e posteriormente analisamos a estrutura de C2 da coligação, bem como as forças em presença. De seguida fazemos a análise da campanha nos vectores aéreo, terrestre e marítimo. Analisamos a actuação das Forças de Operações Especiais, estudamos quais os pilares de Operações de Informação mais utilizados e verificamos a importância da tecnologia no planeamento e condução das operações. Terminamos cada um dos capítulos com uma súmula conclusiva da respectiva campanha segundo os parâmetros atrás descritos, salientando os aspectos que julgamos mais pertinentes.

No terceiro capítulo, destinado às conclusões, respondemos às questões levantadas durante o percurso metodológico, destacando os aspectos fundamentais que a nossa investigação nos permitiu fundamentar.

Terminamos com o quarto capítulo, destinado às lições aprendidas, que em nosso entender resulta do estudo comparativo dos dois conflitos.

No Anexo A, apresentamos a parte substancial do Corpo de Conceitos do nosso trabalho que facilitam a compreensão do mesmo; no Anexo B, detalhamos em pormenor a estrutura de C2 das forças da coligação no conflito de 1991; no Anexo C e D, expomos uma compilação de figuras dos conflitos de 1991 e 2003, respectivamente; no Anexo E, abordamos a estrutura de C2 da coligação no conflito de 2003; no Apêndice A, fazemos uma breve caracterização do TO; no Apêndice B, apresentamos uma breve retrospectiva do período entre o final do conflito de 1991 e o início do de 2003.

## Corpo de Conceitos

**Capacidades Críticas:** Os Centros de Gravidade raramente são constituídos por um simples elemento. Normalmente constituem sistemas, estruturas ou organizações complexas cujo poder e força provém dum conjunto de capacidades críticas que proporcionam a capacidade primária para alcançar objectivos específicos (Instituto de Altos Estudos Militares, 2005a, p. 4-11).

**Centro de Gravidade:** Conjunto de características, capacidades, ou locais de onde derivam a liberdade de acção, a força física ou a vontade de combater de uma nação, de uma aliança, de uma força militar ou outra entidade (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 41).

**Comando Operacional:** Autoridade conferida a um comandante para atribuir missões ou tarefas a comandantes subordinados, para projectar unidades e reatribuir forças, e para manter ou delegar o controlo operacional e ou tático consoante as necessidades. Esta autoridade não inclui responsabilidades administrativas ou logísticas. Este grau de comando e controlo permite, ainda, ao comandante atribuir forças aos comandantes subordinados (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 20).

**Comando Tático:** Autoridade delegada a um comandante para atribuir tarefas a forças sob o seu comando para o cumprimento de missões fixadas pelo escalão superior (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 20).

**Conflito Assimétrico:** Conflito entre contendores desiguais, recorrendo o menos forte à exploração das vulnerabilidades do mais forte através de processos e meios diferentes (Boniface, 2002, p. 137).

**Conflito Dissimétrico:** Conflito entre contendores bastante desiguais utilizando o mais apetrechado a sua superioridade, com iniciativa, rapidez e determinação por forma a incapacitar o adversário de utilizar quaisquer outros métodos e meios (Boniface, 2002, p. 138).

**Conflito Simétrico:** Conflito entre contendores semelhantes que recorrem a processos e meios do mesmo tipo (Boniface, 2002, p. 138).

**Controlo Operacional:** Autoridade delegada a um comandante para dirigir as forças que lhe são atribuídas, no cumprimento de missões ou tarefas específicas, normalmente limitadas pela missão, tempo ou localização. Este grau de comando e controlo permite, igualmente, projectar unidades e ou atribuir Controlo Tático. O Controlo Operacional não inclui a autoridade para empregar separadamente partes dessas unidades, nem tão pouco o controlo administrativo ou logístico (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 20).

**Controlo Tático:** Autoridade conferida a um comandante para estabelecer de forma detalhada, direcções específicas e controlo de movimentos ou manobras, necessários ao cumprimento de missões ou tarefas atribuídas (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 20).

**Estado Final:** Antes de conceber uma operação ou campanha é necessário identificar claramente o estado final desejado. Este, deve ser estabelecido antes da execução da operação e define a situação política e/ou militar que deverá existir quando uma operação tiver terminado (Instituto de Altos Estudos Militares, 2005b, p. 3-6).

**Força Combinada:** Força estruturada para um período mais ou menos longo com elementos das Forças Armadas de duas ou mais nações (Estado Maior de Exército, 1987, p. 4-7).

**Força Conjunta:** Força constituída por elementos de mais de um ramo das Forças Armadas, subordinadas ao mesmo comandante (Estado Maior de Exército, 1987, p. 4-7).

**Nível Estratégico da Guerra:** Nível no qual uma nação ou nações determina objectivos nacionais ou multinacionais desenvolvendo recursos nacionais para realizar estes objectivos. As actividades a este nível estabelecem objectivos militares nacionais e multinacionais e desenvolvem planos globais de guerra para alcançar esses objectivos (Department of the Army, 2001, p. 2-2).

**Nível Operacional da Guerra:** Nível no qual as campanhas e grandes operações são planeadas e executadas para realizar objectivos estratégicos dentro de teatros ou áreas de operações. As actividades a este nível ligam o nível tático ao estratégico (Department of the Army, 2001, p. 2-2).

**Nível Tático da Guerra:** Nível no qual as batalhas e empenhamentos são planeadas e executadas para realizar objectivos militares de unidades táticas ou forças tarefa (Department of the Army, 2001, p. 2-5).

**Requisitos Críticos:** Os requisitos críticos de um centro de gravidade podem ser de natureza física, cibernética ou moral e são aqueles que se não forem cumpridos degradarão ou eliminarão uma capacidade crítica (Instituto de Altos Estudos Militares, 2005a, p. 4-12).

**Vulnerabilidades Críticas:** Uma vulnerabilidade crítica de um centro de gravidade existe quando um requisito crítico é deficiente, está degradado ou está em falta, o que expõe a capacidade crítica a avaria ou perda (Instituto de Altos Estudos Militares, 2005a, p. 4-12).

*"Goldwater-Nichols established very, very clear lines of command authority and responsibilities over subordinate commanders, and that meant a much more effective fighting force in the Gulf. The lines of authority were clear, the lines of responsibility were clear, and we just did not have any problem in that area, none whatsoever."*

*General H. Norman Schwarzkopf*

## **I. A GUERRA DO GOLFO DE 1991**

### **I.1. Enumeração dos Objectivos Políticos, Estratégicos e Operacionais da Campanha**

No dia 02 de Agosto de 1990, o Iraque invadiu o Kuwait, controlando-o em 36 horas. “Após esta invasão, o Iraque preparava-se para conquistar a Arábia Saudita, com dois fins específicos: dominar toda a região e destruir Israel” (Houlahan, 1999, p. 11). Os EUA condenaram a intervenção e exigiram a retirada das forças iraquianas do Kuwait. Podemos então levantar o Estado Final Político-Estratégico a atingir, como, «*libertar o Kuwait e restaurar o governo legítimo, garantindo a segurança e estabilidade na região*».

Perante este Estado Final, os EUA liderando uma coligação de 38 países, definiram em 05 de Agosto, os seguintes objectivos Político-Estratégicos a serem atingidos (DoD, 1992, p. 58):

- “Retirada imediata, completa e incondicional de todas as forças iraquianas do Kuwait;
- Restauração do governo legítimo do Kuwait;
- Garantir a segurança e estabilidade da Arábia Saudita e na região do Golfo Pérsico;
- Garantir a segurança e protecção das vidas dos cidadãos americanos”.

“Posteriormente foi definido um novo objectivo Político-Estratégico: manutenção da Coligação Multinacional e evitar a entrada de Israel na guerra” (Ribeiro, 2000, p. 13).

Assim, consideramos que o Estado Final Estratégico-Militar a ser alcançado pelo vector militar, foi «*libertar o Kuwait e garantir a sua integridade territorial*».

Identificados os Estados Finais ao nível Político-Estratégico e Estratégico-Militar e os objectivos Político-Estratégicos, o Secretário da Defesa dos EUA e o Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas (CJCS) definiram os seguintes objectivos Estratégico-Militares (DoD, 1992, p. 116):

- “Neutralizar a capacidade de comando nacional do Iraque para dirigir operações militares;
- Expulsar as forças iraquianas do Kuwait e destruir a sua capacidade ofensiva, incluindo as forças da Guarda Republicana no TO do Kuwait;
- Destruir a capacidade de produção e meios de lançamento de armamento Nuclear, Biológico e Químico (NBQ), incluindo o programa de mísseis balísticos;
- Apoiar a restauração do governo legítimo do Kuwait”.

Perante o exposto podemos identificar o Estado Final Operacional como sendo «*expulsar as forças iraquianas do Kuwait*».

Com a Ordem de Operações (OOp) 91-001 de 17 de Janeiro de 1991, o Gen Norman Schwarzkopf definiu os seguintes objectivos operacionais a serem alcançados (DoD, 1992, p. 120):

- “1º Obter e manter a superioridade aérea;
- 2º Neutralizar as linhas de comunicação (LOC) iraquianas e o seu sistema de C2;
- 3º Destruir as infra-estruturas de produção, armazenamento e lançamento de armas NBQ;
- 4º Isolar o TO do Kuwait;
- 5º Libertar a capital do Kuwait”.

Podemos então determinar dois CoGs para as forças iraquianas e um para a coligação. O primeiro foi o “*Sistema integrado de defesa aérea iraquiano*”<sup>1</sup>. Consideramo-lo CoG porque, este sistema, instalado em praticamente todo o TO retirava a liberdade de acção do vector aéreo da coligação, que era de extrema importância para a manobra, dificultando a concretização dos objectivos operacionais e o alcançar do Estado Final Operacional desejado. O segundo foi a «*Guarda Republicana*», por ser uma força com grande mobilidade e colocada no TO, como reserva, de modo a poder intervir em tempo, em reforço das tropas iraquianas nas primeiras linhas defensivas. Para a coligação, o centro de gravidade foi a «*Coesão da coligação*», em virtude de constarem 17 países Árabes ou Islâmicos na coligação que por motivos ideológicos podiam retirar-se quebrando a coesão da mesma. Iremos fazer de seguida uma análise detalhada a cada um dos CoG, levantando as respectivas capacidades, requisitos e vulnerabilidades críticas.

### **CoG1 - SISTEMA INTEGRADO DE DEFESA AÉREA IRAQUIANO**

Capacidades Críticas:

- Impedir a liberdade de manobra à Força Aérea da coligação.

Requisitos Críticos:

- Meios eficazes de visão nocturna;
- Boas condições meteorológicas;
- Implantado em todo o TO.

Vulnerabilidades Críticas:

---

<sup>1</sup> Segundo o Coronel Richard Iron do Reino Unido e o Dr Joe Strange do USMC War College in “Understanding centers of gravity and critical vulnerabilities”, [Em linha]. [Consult. 10 Jan 2005]. Disponível na WWW:<URL:<http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/usmc/cog2.pdf>

- Material obsoleto;
- Incapacidade tecnológica para detectar aviões furtivos.

### **CoG2 - GUARDA REPUBLICANA**

Capacidades Críticas:

- Manter a coerência do sistema defensivo, actuando como reserva;
- Intervir em tempo em qualquer zona do TO.

Requisitos Críticos:

- Extrema mobilidade;
- Melhores tropas do regime;
- Melhor equipamento;
- Melhor protecção.

Vulnerabilidades Críticas:

- Não ter superioridade aérea no TO.

### **CoG da Coligação - COESÃO DA COLIGAÇÃO**

Capacidades Críticas:

- Congregar o apoio e reconhecimento dos Estados Árabes.

Requisitos Críticos:

- Legitimação da actuação através de um mandato da ONU.

Vulnerabilidades Críticas:

- Coordenação entre as forças árabes/muçulmanas e ocidentais.

Temos como PDs para as forças iraquianas:

- Garantir liberdade de movimentos à Guarda Republicana;
- Garantir um sistema de C2 a funcionar ininterruptamente;
- Implantar um sistema de defesa aérea em todo o TO.

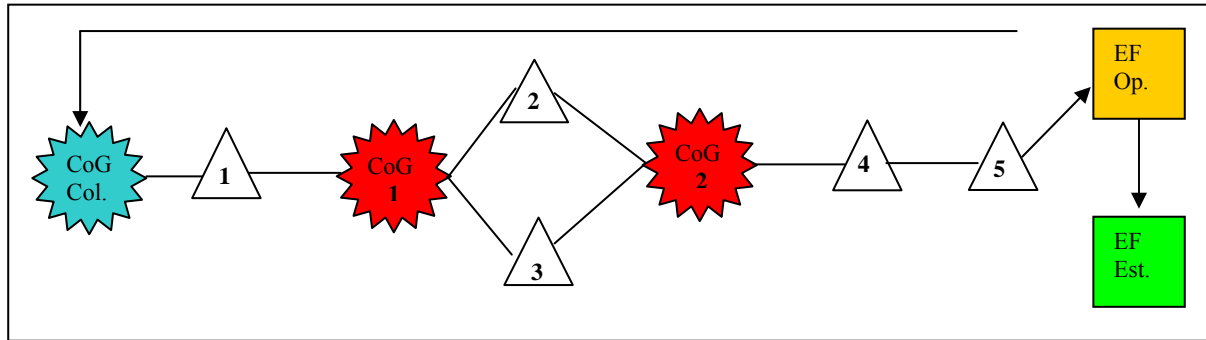
Para a coligação os PDs foram:

- Obter superioridade aérea em todo o TO;
- Estabelecer e manter o controlo do Golfo Pérsico;
- Garantir o apoio dos estados árabes/muçulmanos;
- Desgastar as forças da Guarda Republicana nas fases iniciais;

- Conduzir acções de decepção para iludir quanto à localização do ataque principal.

## I.2. Desenho da Campanha

Com os Estados Finais referenciados, os cinco objectivos operacionais identificados e CoGs levantados, podemos efectuar o desenho operacional da campanha (figura 1).



**Figura 1 - Desenho da Campanha de 1991**

Perante este desenho podemos constatar que os CoGs foram atingidos de forma sequencial. Primeiro, o «*sistema integrado de defesa aéreo*», que permitiu liberdade de manobra à componente aérea, possibilitando a neutralização das LOC e do sistema de C2 iraquiano, e a destruição das infra-estruturas de produção de armamento NBQ; posteriormente, a «*Guarda Republicana*», permitindo à coligação envolver as forças iraquianas no Kuwait impedindo o reforço às primeiras linhas defensivas. Quanto ao emprego das várias componentes foi feito de modo faseado. Inicialmente foram utilizadas as componentes aérea, naval e operações especiais para alcançar o CoG1 e desgastar a Guarda Republicana. Posteriormente utilizou-se a componente terrestre para atingir o CoG2 e libertar a capital do Kuwait.

## I.3. Planeamento da Campanha

No final da década de oitenta, com a queda do muro de Berlim, os EUA decidiram reformular o seu Plano de Operações<sup>2</sup> (PIOp) para esta área do globo. Com a nova ordem política, este novo plano pretendia fazer face a eventuais ameaças à Arábia Saudita por outros estados não soviéticos. Assim, na Primavera de 1990, o Gen Norman Schwarzkopf, Comandante do Comando Central (CINCENT), procedeu à reformulação do PIOp. Em Julho de 1991, o Comando Central (CENTCOM), levou a efeito o seu maior exercício anual, o «*Internal Look*», o qual incluiu exercícios de Postos de Comando (PC), baseado num segundo draft desse novo plano, chamado plano 1002-90. Embora fosse um plano conceptual, foi a partir dele que se

<sup>2</sup> Existia um PIOp desde o início de 1980, para fazer face a uma eventual ofensiva da URSS contra a Arábia Saudita.

elaborou o PLOp de toda a campanha, contemplando quatro fases (DoD, 1992, p. 153 e seguintes):

**Fase I - Campanha Aérea Estratégica**

A finalidade foi paralisar as funções vitais do regime iraquiano pela destruição dos seus sistemas de comunicações, da sua Força Aérea, do sistema integrado de defesa aérea e da sua capacidade de produção de armas NBQ. Esta fase levada a cabo pelas componentes aérea, naval e operações especiais, foi executada entre 17 e 27 de Janeiro de 1991;

**Fase II - Obtenção da Superioridade Aérea no Kuwait**

Foi realizada através da supressão das defesas antiaéreas iraquianas, nomeadamente radares e mísseis antiaéreos. Foi executada pelas mesmas componentes e realizou-se de 23 a 27 de Janeiro de 1991, quando foi declarada a supremacia aérea;

**Fase III - Preparação do Campo de Batalha**

Tinha como objectivo a redução do potencial de combate das forças iraquianas, em especial da Guarda Republicana, sendo realizada pela Força Aérea Aliada, meios navais e operações especiais. Decorreu de 27 de Janeiro a 23 de Fevereiro de 1991;

**Fase IV - Campanha Terrestre**

Os seus objectivos foram: destruir as forças da Guarda Republicana, isolar o TO do Kuwait e expulsar as forças iraquianas do território Kuwaitiano. Foi realizada pela componente terrestre e executada entre 24 e 28 de Fevereiro de 1991.

Pelo faseamento do emprego das componentes se constata a sequencialidade da campanha.

#### **I.4. Estrutura de Comando e Controlo<sup>3</sup>**

A dimensão política e militar da construção de uma coligação contra o Iraque foi a base de sustentação para o sucesso das operações multinacionais. Tornou-se importante conseguir uma coligação, tanto maior quanto possível e particularmente com bastantes Estados Árabes. Dada a heterogeneidade política, religiosa e cultural entre os países que passaram a fazer parte da coligação, houve necessidade de estabelecer duas linhas de autoridade separadas. Assim, as forças dos países árabes e muçulmanos, com excepção de Marrocos e Bangladesh, foram colocados na hierarquia de C2 saudita, tendo como Comandante, o TGen Príncipe, Kalid Adul Aziz. Por outro lado, a estrutura de C2 das forças ocidentais da coligação apoiou-se na existente no CENTCOM.

---

<sup>3</sup> Ver Anexo B.

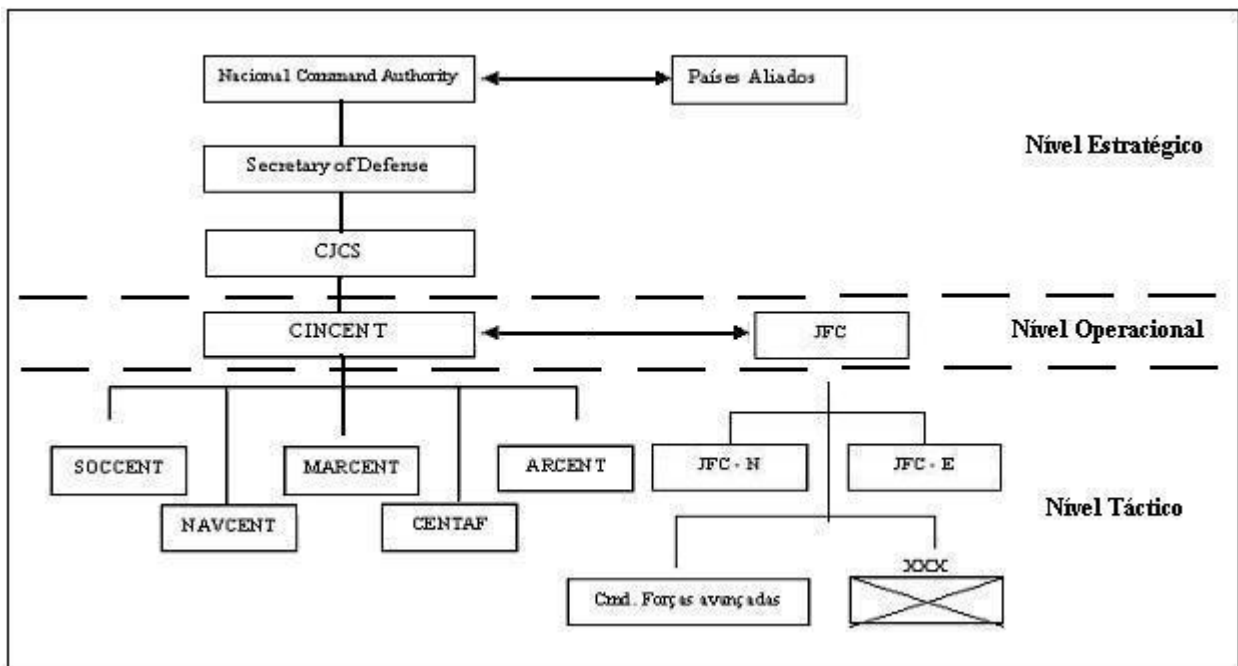
As forças regionais árabes e muçulmanas foram designadas por Comando das Forças Conjuntas (JFC) e eram constituídas por (Viana, 1993, p. 47):

- “ Um Corpo de Exército (CE) Egípcio;
- O Comando das Forças Conjuntas - Norte (JFC-N);
- O Comando das Forças Conjuntas - Este (JFC-E);
- O Comando das Forças Avançadas”.

As forças ocidentais eram constituídas por (DoD, 1992, p. 628 a 643):

- “ O Comando da Componente Terrestre (ARCENT);
- O Comando da Componente Naval (NAVCENT);
- O Comando da Componente Aérea (CENTAF);
- O Comando da Força de Marines (MARCENT);
- O Comando Central de Operações Especiais (SOCCENT)”.

Não foi estabelecido um comando conjunto de forças terrestres, tendo o ARCENT e o MARCENT essa responsabilidade no desenvolvimento do decorrer da acção, durante as suas ofensivas terrestres. A estrutura de C2 do conjunto das forças teve a seguinte composição:



**Figura 2 - Estrutura de C2 da Coligação no Conflito de 1991**

A figura 2 esquematiza os três níveis da condução da Guerra. A responsabilidade da condução a nível estratégico foi entregue ao Comando de Autoridade Nacional, com autoridade de coordenação com os restantes países da coligação, e ao Secretário da Defesa, Richard Cheney,

que em coordenação com o Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas (CJCS), Gen Colin Powell, definiu, os já referidos objectivos Estratégico-Militares a alcançar. O Gen Schwarzkopf, como CINCENT e o TGen Príncipe Kalid Adul Aziz, como comandante do JFC, conduziram a guerra ao nível operacional sendo responsáveis pelo planeamento da mesma. A nível táctico encontravam-se as várias componentes com o controlo operacional (OPCON) das respectivas forças. Também se constata a existência de um comando paralelo, Comando das Forças Conjuntas, para forças árabes e muçulmanas, ao mesmo nível do CENTCOM, com o qual só existia coordenação e não dependência funcional.

### **I.5. Forças em Presença no Teatro de Operações**

De acordo com os dados do DoD (1991, p. A-1) dos EUA, os efectivos no início da operação foram na ordem dos 700.000 militares<sup>4</sup>. As “forças iraquianas no TO Kuwaitiano ultrapassavam os 545.000 militares, 4200 Carros de Combate (CC), 2800 Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP) e 3100 peças de Artilharia” (Mazzia, 1992, p. 13 e 14). “No início da campanha terrestre, no TO do Kuwait existiam 200.000 a 220.000 militares iraquianos” (Ribeiro, 2000, p. 18).

### **I.6. Análise da Campanha**

#### **I.6.1. Dispositivo das Forças Iraquianas**

O Iraque dispunha no Kuwait, onde pensaria exercer o esforço da sua defesa, de 12 Divisões Pesadas (Div Pes) e 31 Divisões Ligeiras (Div Lig); dispunha ainda de 8 Divisões ao longo da fronteira com a Arábia Saudita, com o grau de segurança vigiar.

A defesa do TO do Kuwait estava assente em três linhas defensivas:

- A 1ª Linha Defensiva, constituída por forças de Infantaria, junto à fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita e na orla marítima;
- A 2ª Linha Defensiva, constituída por forças blindadas, no interior do Kuwait;
- A 3ª Linha Defensiva, constituída por forças blindadas da Guarda Republicana, posicionadas entre Bassorá e Jalibah, a Sul do Iraque.

Este dispositivo materializou a Guarda Republicana como reserva das forças iraquianas, localizada a 150 quilómetros da frente, capaz de intervir em tempo, em qualquer ponto da 1ª ou

---

<sup>4</sup> Em Dezembro de 1990, o CENTCOM, planeava esta operação, na assunção de que as 3 primeiras fases, destruiriam aproximadamente 50% das forças iraquianas no TO do Kuwait. O ataque principal deveria ter um rácio de 1,4:1 e os secundários de 1,3:1. No ataque contra a Guarda Republicana o rácio deveria ser 2,7:1, em virtude desta ser a melhor força iraquiana. (DoD, 1992, p. 134).

2ª Linha Defensiva, mantendo a coerência do sistema defensivo.

### **I.6.2. Dispositivo das Forças da Coligação**

O dispositivo das forças da coligação em 16 de Janeiro de 1991 fazia crer ao Iraque que o esforço seria exercido no Kuwait, através de um ataque ao longo da fronteira com a Arábia Saudita, apoiados por desembarques na costa. As forças da coligação apresentavam o seguinte dispositivo de Oeste para Este<sup>5</sup>:

- “As Forças Árabes, incluindo o CE Egípcio e a Divisão Blindada (DBI) Síria;
- O VII CE dos EUA;
- O XVIII CE Aerotransportado dos EUA;
- A 1ª Força Expedicionária de Marines (MEF) que integrava forças árabes” (Ribeiro, 2000, p. J-3).

Para evitar um ataque frontal contra as forças iraquianas no Kuwait, onde se concentrava o esforço destas, foi executado um movimento para Oeste, a coberto de bombardeamentos aéreos, navais e de artilharia. Este movimento ficou conhecido por “*Hail Mary*” e caracterizou-se pelo deslocamento, para Oeste, dos VII e XVIII CE, 500 e 800 quilómetros, respectivamente<sup>6</sup>.

Assim, as forças em 21 de Fevereiro de 1991, estendiam-se ao longo da fronteira da Arábia Saudita com o Kuwait e com o Iraque e apresentavam o seguinte dispositivo, de Oeste para Este<sup>7</sup>:

- “XVIII CE Aerotransportado dos EUA;
- VII CE dos EUA;
- JFC-N que incluíam forças do Egípto, Síria, Arábia Saudita, Kuwait e Paquistão;
- Comando da Força Expedicionária de Marines a duas Divisões (reforçado por uma BrigBl);
- JFC-E que incluía forças da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Omã, Bahrein, Kuwait e Qatar” (Ribeiro, 2000, p. J-4).

### **I.6.3. Campanha Aérea**

A Força Aérea Multinacional teve um papel importante durante as três primeiras fases. Na fase I contribuiu para:

- “Destruir/neutralizar o C2 dos meios de defesa aérea;
- Destruir a capacidade para produzir e armazenar armas NBQ;

<sup>5</sup> Figura 5 do Anexo C.

<sup>6</sup> Figura 6 do Anexo C.

<sup>7</sup> Figura 7 do Anexo C.

- Inutilizar a infra estrutura de C2, tanto a nível civil como militar;
- Destruir as principais redes eléctricas e as instalações de armazenamento de petróleo” (Horner, 1992, p. 52).

Na fase II garantiu a total liberdade de acção das forças terrestres, permitindo-lhes movimentar parte dos seus efectivos a grandes distâncias sem serem detectados pelo inimigo. Os seus principais objectivos nesta fase foram as defesas antiaéreas; campos de aviação e bases aéreas iraquianas; e os sistemas de mísseis superfície-ar (SAM) e meios de radares.

Na fase III contribuiu para a redução do potencial de combate iraquiano, reduzindo a sua eficiência de combate em 50% e destruindo todas as pontes que, eventualmente, seriam utilizadas pelas forças iraquianas na retirada do Kuwait.

Durante a fase IV garantiu o apoio às operações terrestres. O resultado da ofensiva aérea da coligação foi decisivo para o sucesso da ofensiva terrestre, garantindo liberdade de acção, à Coligação Multinacional. A actuação desta componente materializou-se em especial nas primeiras fases da operação e tinha como CoG a alcançar, o «*sistema integrado de defesa aérea iraquiano*».

#### **I.6.4. Campanha Naval**

O NAVCENT teve a responsabilidade de planear e realizar a campanha naval. Foram incumbidas as seguintes tarefas durante as fases I, II e III:

- “Potenciar a acção da campanha aérea, através dos fogos Navais;
- Estabelecer o controlo naval no Golfo Pérsico;
- Destruir instalações iraquianas que ameçassem as operações navais” (DoD, 1992, p. 239).

Durante a fase IV, as tarefas incluíram ainda a condução de fintas e demonstrações anfíbias; e a preparação de um desembarque anfíbio em coordenação com o MARCENT. Para cumprir estas tarefas o NAVCENT restabeleceu para as suas unidades as seguintes missões:

- “Conduzir operações navais para defesa das forças terrestres, aéreas e navais da Coligação;
- Apoiar operações de interceptação marítimas;
- Fornecer aeronaves tácticas e apoio em Mísseis de Ataque Tácticos Terrestres (TLAM);
- Estabelecer o controlo naval de navegação em áreas específicas;
- Coordenar e fornecer apoio de busca e salvamento no Mar Vermelho e no Golfo Pérsico” (DoD, 1992, p. 239).

Durante esta fase, destruiu a capacidade naval iraquiana, anulando o risco de um ataque no Golfo Pérsico, garantindo protecção de flanco às forças da coligação e a livre utilização das LOC

navais. Potenciou as acções aéreas, quer através das suas aeronaves, quer através de lançamentos de mísseis. A acção desta componente exerceu-se essencialmente nas três primeiras fases da operação e tinha como objectivo atingir o CoG1, «*sistema integrado de defesa aérea iraquiano*».

### **I.6.5. Campanha Terrestre**

A fase IV do plano da campanha iniciou-se na madrugada do dia 24 de Fevereiro de 1991. Esta fase durou apenas 100 horas com reduzido número de baixas para a coligação<sup>8</sup>.

Com o dispositivo citado anteriormente, a ofensiva iniciou-se em 24 de Fevereiro de 1991, com dois ataques simultâneos<sup>9</sup>:

- “Um a Oeste, executado pela 6ª DBI Lig Francesa, que fez a segurança do flanco Oeste, e parte da 82ª DAeroTransp do XVIII CE dos EUA, que realizou envoltivos verticais sucessivos, nas regiões de Samawah e Nassíria, para controlar a auto-estrada ao longo do Rio Eufrates;
- O outro a Leste, executado pelas Forças Pan-Árabes e Marines, em direcção à capital do Kuwait” (Ribeiro, 2000, p. J-9).

Simultaneamente, os Marines estacionados ao largo do Golfo, apoiados por um intenso bombardeamento naval, executavam uma finta ameaçando um desembarque anfíbio a Este da capital do Kuwait e a 1ª Divisão de Cavalaria realizava uma manobra de decepção na região fronteiriça do Kuwait com o Iraque e a Arábia Saudita. A 101ª DAerom do XVIII CE lançou uma operação aeromóvel, no interior do Iraque a 112 quilómetros da fronteira com a Arábia Saudita, para instalar bases avançadas para helicópteros, explorando o sucesso inicial da 6ª DBI Lig Francesa e da 82ª DAeroTransp do XVIII CE.

A ofensiva terrestre continuou com o ataque da 82ª DAeroTransp, para controlar as LOC e estabelecer Bases de Operações Avançadas. Simultaneamente a 6ª DBI Lig Francesa continuou a sua missão de protecção do flanco Oeste da Força. A 101ª DAerom executou uma operação aeromóvel, estabelecendo uma cabeça de ponte aérea entre as cidades de Samawah e Nassíria que lhe permitiu o controlo da auto-estrada Bagdade – Bassorá, cortando as LOC das forças iraquianas<sup>10</sup>.

A 24ª DIMec efectuou uma operação de junção com a 101ª DAerom, junto ao Rio Eufrates, enquanto a 6ª DBI Lig Francesa montava uma guarda de flanco a Oeste. O VII CE lançou o seu ataque para realizar um envolvimento das Forças Iraquianas, a Leste. As forças do JFC-N, ao

---

<sup>8</sup> 148 mortos em combate e 458 feridos em combate (DoD, 1991, p. 27-1).

<sup>9</sup> Figura 8 do Anexo C.

<sup>10</sup> Figura 9 do Anexo C.

centro, continuaram o seu ataque fixando as unidades iraquianas em posição e as suas reservas. A Este, no Kuwait, a 1ª MEF e as forças do JFC-E, continuaram o ataque em direcção à capital do Kuwait. Devido ao ataque do JFC-E e dos Marines, as forças iraquianas que estavam estacionadas na região Sudoeste do Kuwait, iniciaram a sua retirada em direcção à capital o que provocou um emassamento de forças e a sua desorganização.

Imediatamente após estas acções<sup>11</sup>:

- O XVIII CE completou o envolvimento das forças iraquianas. A 24ª DIMec, apoiada por helicópteros de ataque e sincronizada com a manobra do VII CE, avançou na direcção de Bassorá, neutralizando as principais unidades da Guarda Republicana;
- O VII CE foi reforçado com a 1ª Divisão de Cavalaria e conduziu um ataque coordenado, tendo destruído três Divisões da Guarda Republicana;
- As forças do JFC-N continuaram o ataque e atingiram os arredores da capital do Kuwait;
- A 1ª MEF ocupou o Aeroporto Internacional do Kuwait e passou a controlar os acessos à capital do Kuwait;
- As forças do JFC-E continuaram o ataque estando em condições de entrar na capital do Kuwait.

A coligação entrou na fase final da sua ofensiva com<sup>12</sup>:

- As forças dos JFC-E e N a conquistarem a capital enquanto as Divisões de Marines controlavam os acessos à cidade;
- O VII e XVIII CE, actuando de forma sincronizada, a continuarem o ataque às forças da Guarda Republicana, desorganizando todo o dispositivo defensivo e impedindo a reorganização das forças.

Como vimos o plano de acção das forças terrestres passou por empenhar inicialmente, e de forma decisiva, a Guarda Republicana, cortando as suas LOC e impedindo o reforço das forças da frente, materializando-se como o CoG a alcançar, pela componente terrestre.

## **I.7. Forças de Operações Especiais**

Quatro dias após a invasão do Kuwait, vários grupos de Forças de Operações Especiais entraram e começaram a actuar na Arábia Saudita, Iraque e Kuwait. Eram constituídas por forças dos vários ramos e fundamentalmente de três países. Relativamente ao Exército, o SOCCENT tinha em OPCON o 3º Grupo de Forças Especiais constituído por um Batalhão reforçado com

---

<sup>11</sup> Figura 10 do Anexo C.

<sup>12</sup> Figura 11 do Anexo C.

uma Companhia do 10º Grupo; o 5º Grupo com 5 Batalhões; e o 10º Grupo. Faziam parte ainda, forças do 75º Regimento de Rangers, o 4º Grupo de Operações Psicológicas, um Batalhão de Assuntos Cívicos, um Batalhão de Comunicações e um Grupo de Aviação de Operações Especiais. Todas estas forças eram dos EUA. Do Reino Unido, havia um Grupo de “Special Air Service” (SAS) e da França uma Unidade de Reconhecimento e Acção em Profundidade.

Quanto às forças navais, o SOCCENT mantinha em OPCON, um Grupo de “Navy Sea Air Land” (SEAL), um Grupo de “Special Boat Service” (SBS) e um Grupo de Forças de Operações Especiais da Força Aérea.

### **I.7.1. Actuação**

Segundo a OOp 003-90<sup>13</sup>, foi incumbida ao SOCCENT, a seguinte Missão: “O Comando de Operações Especiais conduz Operações Especiais no Kuwait, Iraque e Norte da Arábia Saudita em apoio a todas as fases do planeamento da campanha” (DoD, 1992, p. 610).

Durante as fases I, II e III as operações foram essencialmente de acção directa, em apoio à campanha aérea. As suas tarefas foram neutralizar o sistema de radares e defesa antiaérea iraquiana; balizamento de rotas de aeronaves; sinalização de objectivos; guiamento de munições; e localização e destruição dos sistemas de lança mísseis. Na fase IV as principais tarefas foram reconhecer e sinalizar zonas para implantação de órgãos logísticos avançados; manter sob vigilância os principais eixos de aproximação das forças iraquianas; e sabotar as LOC.

Mas nem só Operações Especiais de acção directa como as descritas foram realizadas, também operações de acção indirecta foram executadas. De facto, foram infiltrados elementos das Forças de Operações Especiais, após a invasão do Kuwait, para, em coordenação com a Agência Central de Informações (CIA), levarem a cabo acções de subversão interna. Também foram responsáveis pelo apoio à reconstituição das forças kuwaitianas, através da montagem e organização de estruturas clandestinas, montagens de redes de evasão, programas de treino, e montagens de sistemas de comunicações. Durante a fase IV da operação, as Forças de Operações Especiais, conduziram acções isoladas sem integração com as forças convencionais. A sua actuação teve preponderância nas primeiras fases da operação, essencialmente em apoio à componente aérea. As Forças de Operações Especiais apenas corresponderam a cerca de 1% do total das forças da coligação empregues na campanha, aspecto que será significativamente diferente em 2003.

---

<sup>13</sup> Ordem de Operações do CENTCOM para esta campanha, desenvolvida entre Agosto e Novembro de 1991.

## **I.8. Operações de Informação**

As operações de informação resumiram-se essencialmente a acções de Decepção Militar e Operações Psicológicas.

### **I.8.1. Decepção Militar**

O dispositivo inicial das forças da coligação permitiu uma grande flexibilidade, possibilitando efectuar várias manobras de decepção. Fez crer que o ataque principal seria realizado na região fronteira do Kuwait com o Iraque e a Arábia Saudita, por se apoiar no melhor itinerário em direcção à capital do Kuwait, em simultâneo com um desembarque anfíbio na costa do Kuwait. A adopção desta Modalidade de Acção implicava a assunção de elevadas baixas para a coligação. A solução seria evitar um combate inicial com as forças iraquianas no Kuwait e empenhar o mais rapidamente possível a Guarda Republicana, no interior do Iraque, impedindo-a de reforçar a frente cortando as LOC. Assim, foram deslocados dois CE para Oeste, com o objectivo de atacar de flanco onde o terreno estava menos organizado, envolvendo as forças iraquianas e obtendo um menor número de baixas.

Para garantir surpresa, a manobra incluía outras acções de decepção (DoD, 1992, p. 301 e 302). Assim, durante 30 dias, antes da ofensiva terrestre, a 1ª Divisão de Cavalaria realizou fintas, demonstrações e ataques de artilharia. Esta acção, além de fazer crer que o ataque principal seria nesta região, fixou cinco Divisões de Infantaria e uma DBI iraquianas na região. Também a 1ª MEF, implantou uma operação de decepção. Simulou uma concentração de meios para uma invasão anfíbia no litoral do Kuwait e criou uma Task Force (TF), constituída por tropas de infantaria, reconhecimento, engenharia, blindados e elementos de operações psicológicas que, durante 10 dias, criaram um cenário de concentração elevada de meios na região fronteira entre o Kuwait, Iraque e Arábia Saudita. Todas estas manobras de Decepção, foram conduzidas com sucesso e tiveram bastante importância na campanha, pois permitiram à coligação manobrar, com surpresa para as forças iraquianas.

### **I.8.2. Operações Psicológicas**

As operações psicológicas tiveram papel preponderante. Os seus principais objectivos foram:

- Levar a população iraquiana a aceitar e apoiar as forças da coligação;
- Encorajar a perda de confiança e baixar o moral das forças iraquianas;
- Criar dúvidas e incertezas na liderança iraquiana;
- Encorajar a resistência iraquiana.

Assim, foram lançados 29 milhões de panfletos com 33 mensagens e posta a emitir a rádio

“*Voz do Golfo*”<sup>14</sup>, com vista a cumprirem os objectivos traçados. As operações psicológicas tiveram um efeito devastador no moral das forças iraquianas, tendo contribuído para a deserção ou rendição de aproximadamente 70.000 militares iraquianos (DoD, 1992, p. 704).

## **I.9. Importância da Tecnologia nas Operações**

Um dos aspectos que contribuiu significativamente para a vitória da coligação foi a superioridade tecnológica das suas forças. Efectivamente, o vector tecnológico desempenhou um papel importante no planeamento e condução da campanha.

### **I.9.1. Sistema Espacial**

Pela primeira vez num grande conflito foi introduzido o uso deste vector em proveito das forças. O sistema de comunicações por satélite, providenciou 75% de todas as comunicações no TO (DoD, 1991, p. 15-2). Os EUA desviaram alguns satélites civis e colocaram satélites militares em órbita sobre a região, com o objectivo de obter superioridade de informação no TO, nomeadamente saber quais os dispositivos e as localizações das forças iraquianas, com vista a facilitar o C2 e permitir uma rápida fluidez das ordens e directivas.

### **I.9.2. Computadores**

As forças da coligação, nomeadamente os EUA, utilizaram as redes de computadores aos vários níveis, em algumas funções:

- “Manutenção das bases de dados das aeronaves e de embarcações, pessoal e Ordem de Batalha Electrónica do inimigo;
- Direcção dos mísseis Tomahawk;
- Planeamento das rotas para aeronaves contra as defesas antiaéreas inimigas;
- Análise e selecção de informações;
- Coordenação de frequências” (Ribeiro, 2000, p. M-1).

### **I.9.3. O Sistema de Posicionamento Global (GPS)**

O GPS teve a sua aparição neste conflito. Este sistema foi usado nos aviões, navios e forças terrestres, permitindo reduzir o grau de incerteza dos comandantes relativamente ao controlo das operações, possibilitando-lhes saber a localização das suas unidades, facilitando a sincronização e a rapidez de movimentos. Contribuiu ainda para ajudar a tornar precisos os ataques das forças aéreas da coligação. Foram empregues 4490 GPS comerciais e 842 militares (DoD, 1992, p. 876), o que nos dá um rácio de um GPS por cada 130 militares. De facto, todos estes sistemas,

---

<sup>14</sup> Esta rádio emitiu desde 19 de Janeiro, 18 horas por dia.

contribuíram para a obtenção e manutenção da superioridade de informação, permitindo que a coligação manobrasse com vantagem relativamente às forças iraquianas. Contudo, não estavam suficientemente desenvolvidos para que as componentes pudessem interagir.

#### **I.9.4. Furtividade**

O avião furtivo F-117, desempenhou um papel importante no conflito. Devido à sua característica de furtividade podia conduzir operações isolado ou em pares, ao contrário dos aviões não furtivos, que para desempenhar a mesma missão precisavam de oito aviões (DoD, 1991, p. 6-2). Os 42 aviões F-117, realizaram 2% do total de missões da campanha, contudo bateram 40% dos alvos. Relativamente às munições, 9% eram munições guiadas de precisão, também apelidadas de inteligentes.

#### **I.9.5. Radares e Sistemas de Lança Mísseis**

Muitos outros sistemas foram utilizados, alguns pela primeira vez. O sistema “*Standards Airborne and Control Warning System*” (AWACS) detectava e localizava a aviação inimiga que sobrevoava a região, possibilitando o controlo do tráfego aéreo no TO. A aeronave “*Joint Surveillance Targeting Attack Radar System*” (E-8C JSTARS) foi utilizada pela primeira vez para detecção de forças terrestres, paradas ou em movimento. Os mísseis “*Patriot*” fizeram a sua aparição neste conflito, bem como os mísseis “*Tomahawk*”, que lançados a partir de navios conseguiam atingir alvos a distâncias superiores a 2.500 quilómetros. As aeronaves não tripuladas (UAV) foram empregues numa grande variedade de funções desde vigilância, aquisição de objectivos até ao reconhecimento.

#### **I.10. Síntese Conclusiva**

O sucesso da coligação neste conflito já se perspectivava antes de se iniciar, aos três níveis da guerra, estratégico, operacional e tático. Ao nível estratégico estavam reunidas condições para tal, com uma coligação de quase 40 países, alguns deles árabes e um mandato das Nações Unidas legitimando a operação. Também aos níveis operacional e tático a sua natureza não oferecia grandes dúvidas. O planeamento da campanha reflectiu o pensamento típico da guerra fria, uma força esmagadora, a actuar num Campo de Batalha linear e contíguo. Pelo estudo do desenho operacional da campanha constata-se a sequencialidade da mesma. Nas duas primeiras fases, as componentes tinham objectivos próprios e pretendiam alcançar o CoG1, que permitia o início da Fase III, com a finalidade de reduzir o potencial de combate iraquiano. Na fase IV alcançou-se o CoG2 que possibilitou a desorganização do sistema defensivo e a consequente derrota das forças iraquianas. Também a actuação das várias componentes se materializou em espaços temporais

diferentes. As componentes aérea, naval e operações especiais actuaram fundamentalmente nas três primeiras fases da operação, para alcançar o CoG1 e desgastar as forças iraquianas, enquanto a componente terrestre actuou na quarta fase, para alcançar o CoG2, o que consubstancia uma campanha sequencial.

A estrutura de C2 da coligação, estava estratificada. O Secretário da Defesa e o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas conduziram a guerra ao nível estratégico-militar; o Gen Schwarzkopf e o TGen Príncipe Kalid Adul Aziz ao nível operacional; e os comandantes das componentes ao nível tático. Pelo faseamento da campanha, com objectivos e CoG diferentes para as várias componentes, e a não existência de um comando único centralizado, podemos concluir que não havia uma simbiose entre as várias componentes de modo a que se pudesse falar efectivamente em operação conjunta e combinada.

As Forças de Operações Especiais, embora efectuassem com sucesso acções directas e indirectas, actuaram de forma isolada, em especial na fase IV, demonstrando pouca integração com as unidades convencionais.

A coligação não empreendeu uma verdadeira manobra de operações de informação mas sim acções de decepção, e de operações psicológicas. Com as acções de decepção conseguiu fixar algumas forças iraquianas e garantir surpresa à manobra da coligação. As operações psicológicas, com enorme sucesso, levaram a que esta campanha fosse a que maior número de prisioneiros de guerra conseguiu desde a segunda Guerra Mundial.

Neste conflito, materializou-se o uso de sistemas de armas inovadoras que começaram a potenciar o planeamento e condução das operações. A furtividade iria permitir conduzir o combate a áreas profundas, escolhendo e batendo alvos em profundidade. As munições inteligentes aumentaram a precisão no alvo a bater e permitiram obter a destruição de igual número de alvos com menos munições empregues. Também os novos radares e o domínio espacial garantiram um maior conhecimento do Campo de Batalha. Consideramos que a capacidade tecnológica manifestada pela coligação, em particular pelos EUA, embora superior para ter sucesso na campanha, era ainda por si só insuficiente para alterar de forma significativa a mentalidade de planeamento e emprego das forças, contudo eram sementes na revolução da guerra de comando e controlo (C2W).

Em nosso entender, esta foi a última guerra simétrica num quadro de aplicação de meios e a primeira da era da informação, na utilização das capacidades tecnológicas.

*“Let me begin by saying this will be a campaign unlike any other in history, a campaign characterized by shock, by surprise, by flexibility, by employment of precise munitions on a scale never seen, and by the application of overwhelming force.”*  
General Tommy Franks

## II. A GUERRA DO GOLFO DE 2003

A 17 de Março de 2003, os EUA e Reino Unido, lançaram um ultimato, dando 48 horas para a saída de Saddam Hussein e seus filhos do Iraque. Essa decisão foi o começo do fim de 12 anos de manobras políticas entre Saddam Hussein e a comunidade internacional<sup>15</sup>. Podemos deduzir o Estado Final Político-Estratégico a alcançar como *«implantar um governo que garanta estabilidade, renuncie ao desenvolvimento e uso de ADM, e que não apoie o terrorismo»*.

### II.1. Enumeração dos Objectivos Políticos, Estratégicos e Operacionais da Campanha

Para alcançar este Estado Final, foram definidos pela coligação, os seguintes objectivos Político-Estratégicos:

- “Um Iraque estável, com a sua integridade territorial intacta e um governo de unidade nacional que renuncie ao desenvolvimento e uso de ADM, e que não apoie o terrorismo ou ameace os países vizinhos;
- Aproveitar o sucesso no Iraque como alavanca para convencer ou compelir outros países a terminar o seu apoio a terroristas e negar-lhes o acesso a ADM;
- Desestabilizar, isolar e derrubar o regime iraquiano e fornecer apoio a um novo governo de unidade nacional;
- Destruir as infra-estruturas de produção e capacidades iraquianas em ADM;
- Proteger os aliados de ataques iraquianos;
- Destruir as redes terroristas a operar no e a partir do Iraque. Reunir informação sobre o terrorismo global; deter terroristas e criminosos de guerra e libertar os indivíduos injustamente detidos pelo regime iraquiano” (Moseley, 2003, p. 4).

Com estes objectivos, podemos deduzir o Estado Final Estratégico-Militar a alcançar, como *«derrubar o regime iraquiano, destruir a capacidade de produção de ADM, destruir redes terroristas a operar no Iraque e garantir protecção aos campos petrolíferos»*. Posteriormente o Secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, enunciou os seguintes objectivos Estratégico-Militares a alcançar:

- “Neutralizar o regime de Saddam Hussein;

---

<sup>15</sup> Para uma melhor compreensão do período entre 1991 e 2003 ver o Apêndice B.

- Eliminar as ADM;
- Capturar ou expulsar terroristas;
- Obter informações sobre redes terroristas;
- Obter informações sobre actividade relacionada com ADM;
- Controlar os campos petrolíferos;
- Providenciar ajuda humanitária e terminar o regime de sanções;
- Apoiar o Iraque no estabelecimento de capacidade de governação representativa e assegurar a sua integridade territorial” (Ripley, 2003, p. 9).

Estes objectivos foram alcançados não apenas pelo emprego do vector militar, mas também através de outros instrumentos de poder do Estado ou Coligação, nomeadamente os político, diplomático e económico. Assim, podemos identificar o Estado Final Operacional como «*depor o regime iraquiano, neutralizar a utilização de ADM e garantir condições de segurança e estabilidade para a instauração de um governo nacional*».

Em 30 de Março de 2003, o Gen Tommy Franks, definiu os objectivos operacionais a atingir (Moseley, 2003, p. 4):

1. Ganhar e manter a supremacia aérea, marítima e espacial;
2. Neutralizar a liderança do regime;
3. Derrotar ou obrigar à capitulação das forças iraquianas;
4. Neutralizar o sistema de C2 do regime iraquiano e as suas forças de segurança;
5. Neutralizar a capacidade iraquiana de lançamento de ADM através de sistemas míssil;
6. Controlar infra-estruturas de produção de ADM;
7. Assegurar a integridade territorial do Iraque;
8. Projectar e dispor de forças para as operações pós conflito e iniciar assistência humanitária para o povo iraquiano, dentro das capacidades;
9. Estabelecer as condições militares para um governo provisório ou permanente assumir o poder;
10. Garantir e manter o apoio internacional e regional.

Analisando estes objectivos podemos identificar ao nível operacional, dois CoG das forças iraquianas, e um para a coligação. Assim, o CoG das forças da coligação foi, «*Manter a coesão da coligação*». A coligação actuou sem um mandato da ONU<sup>16</sup> e sem o apoio da maioria da comunidade internacional, logo foi de extrema importância assegurar que a coligação, composta por: EUA, Reino Unido, Austrália, Canadá e Polónia, se mantivesse coesa e em sintonia. O

---

<sup>16</sup> Embora os EUA considerassem que a resolução 1441 lhe outorgava o poder de intervir no Iraque se necessário.

CoG1 das forças iraquianas foi «A região Bagdade/Tikrit» associado à liderança do regime, e o CoG2 «População iraquiana». O primeiro, justifica-se, porque era desta região que emanava o poder; o sistema de C2 iraquiano rígido e inflexível associado à liderança do regime, estava instalado nesta área. O segundo, justifica-se, porque, era importante a população não interferir na condução das operações, o que implicava a obrigatoriedade de ganhar a confiança da população. Uma análise mais detalhada aos CoG permitem-nos levantar as respectivas capacidades, requisitos e vulnerabilidades críticas.

### **CoG1 - REGIÃO de BAGDADE/TIKRIT**

Capacidades Críticas:

- C2 das forças iraquianas;
- Utilização de ADM e sistemas de lança mísseis.

Requisitos Críticos:

- Controlo do *triângulo* Najaf – Karbala – Al Hilah e da região de Al Kut por serem as únicas *portas* de entrada por Sul;
- Utilização da Guarda Republicana e Guarda Republicana Especial em defesa desta região.

Vulnerabilidades Críticas:

- Falta do vector aeroespacial;
- Armamento obsoleto;
- Forças Regulares mal preparadas e equipadas.

### **CoG2 – POPULAÇÃO IRAQUIANA**

Capacidades Críticas:

- Complementar as acções das forças irregulares;
- Negar a liberdade de movimentos à coligação.

Requisitos Críticos:

- Acções de sublevação da população;
- Ataques subversivos às forças da coligação em especial às suas LOC.

Vulnerabilidades Críticas:

- Concentração da população em zonas urbanas.

## **CoG da Coligação - MANTER a COESÃO da COLIGAÇÃO**

Capacidades Críticas:

- Conduzir operações a grandes distâncias;
- Conduzir acções simultâneas aos três níveis da guerra.

Requisitos Críticos:

- Bases de apoio no TO;
- Elevado nível tecnológico.

Vulnerabilidades Críticas:

- Actuação sem mandato da ONU.

Visualizamos como PDs para as forças iraquianas:

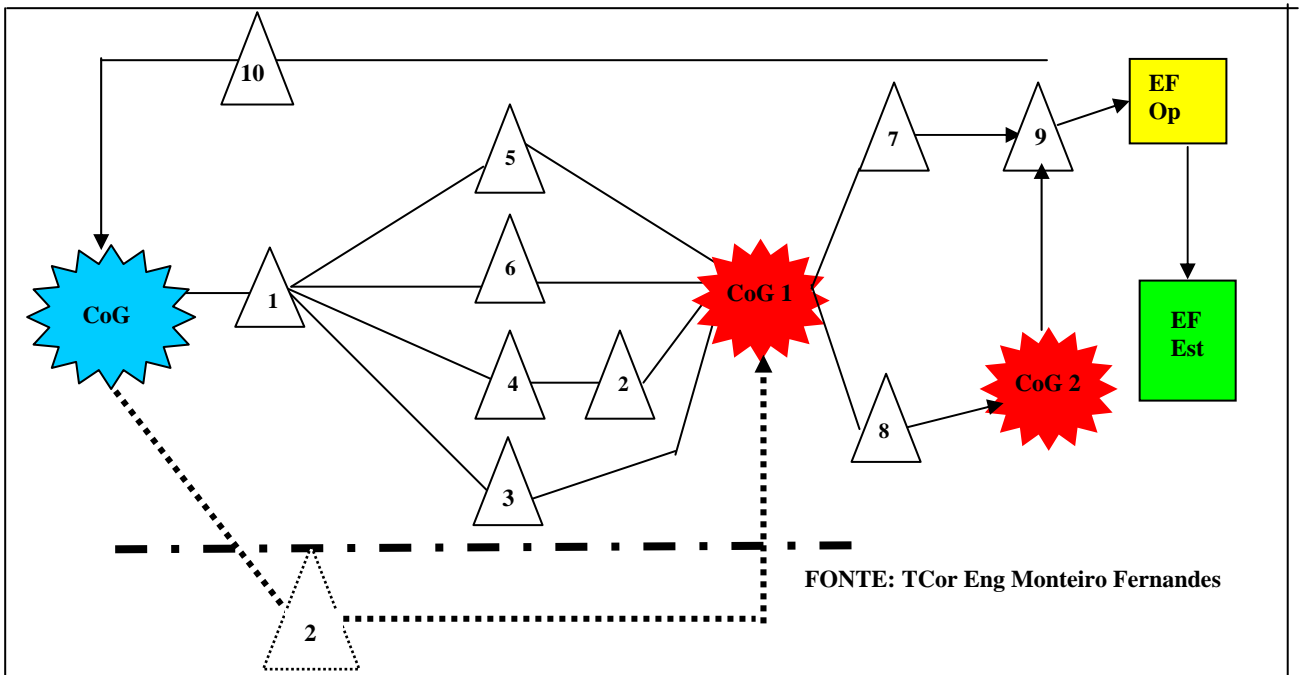
- Controlo da população;
- Garantir o controlo do estreito de Karbala e Al Kut;
- Garantir uma zona defensiva em redor de Bagdade.

Para a coligação os PDs foram:

- Neutralizar as ADM;
- Obter e manter superioridade de informação;
- Garantir assistência humanitária desde o início da operação;
- Obter o controlo do Golfo Pérsico.

### **II.2. Desenho da Campanha**

Perante os 10 objectivos operacionais (referidos na página 24), e os Estados Finais e CoG levantados, esquematizamos na figura 3 o desenho da campanha. Deste, ressalta desde logo a possibilidade de alcançar o CoG1 a qualquer momento da operação. A concretização do objectivo n.º 2 podia dar-se, através da decapitação do regime, em qualquer altura e por qualquer das componentes, em simultâneo com a concretização dos outros objectivos, tornando-se assim o CoG1 igual para todas as componentes, materializando-se a simultaneidade das operações e acções.



**Figura 3 - Desenho da Campanha de 2003**

### II.3. Planeamento da Campanha

No final de 2001, o PLOp em vigor contra um eventual ataque ao Iraque, existente no CENTCOM, era uma versão II da campanha “*Desert Storm*”. Tendo sido aprovado em 1996 e sofrido a última actualização em 1998, após a operação “*Desert Fox*”, contemplava um efectivo de aproximadamente 500.000 homens para a componente terrestre e um tempo de preparação e projecção da força de sete meses. Aconselhava uma campanha aérea longa e pesada e uma posterior campanha terrestre, à semelhança de 1991. Mas a situação tinha-se alterado. Por um lado, o desgaste que as forças iraquianas tinham sofrido até essa altura indicava que não seriam precisos tantos militares empenhados, por outro lado, o fosso tecnológico entre os dois países tinha aumentado. Estes aspectos levaram o Gen Tommy Franks a actualizar esse plano. Assim, iniciou o desenvolvimento de um novo plano em tudo diferente do existente.

O novo plano, que, segundo o Gen Wesley Clarke foi “o mais pormenorizado e meticuloso jamais realizado” (2004, p. 38), teve bastantes interferências externas, fundamentalmente do pessoal civil do DoD, levando a um constante refazer do mesmo. Existiram três versões do PLOp que visavam criar condições para o colapso do regime através do ataque simultâneo, concêntrico e sincronizado em cinco frentes, com múltiplas linhas de acções, com vista a alcançar um CoG único para todas as componentes, Bagdade/Tikrit.

Foram planeadas sete linhas de acções que podiam ser realizadas de forma independente e simultâneas, integrando as componentes terrestre, aérea, naval e operações especiais na prossecução de um mesmo objectivo. Estas linhas de acções foram (Franks, 2004, p. 339):

- Fogos, que incluiu os da campanha aérea, naval e terrestre de longo alcance;
- Manobra, através da campanha terrestre com o objectivo de conquistar Bagdade/Tikrit;
- Forças de Operações Especiais, realizando acções profundas no TO, neutralizando as ADM;
- Operações de Informação, através da recolha e disseminação de informação e lançamento de operações psicológicas e de desinformação;
- Guerra não convencional, através do apoio de grupos de oposição, os curdos a norte e os xiitas a sul;
- Acções político-militares;
- Operações civis-militares, essencialmente através de assistência humanitária.

### **II.3.1. Esquema da Campanha**

A última versão do plano compreendeu quatro fases na campanha:

#### **Fase I - Preparação das Forças**

Com esta fase pretendeu-se a preparação das forças, o estabelecimento de uma ponte aérea com LOC seguras, preparar o apoio regional e internacional e a continuação das acções político-diplomáticas. Esta fase estendeu-se desde o início do ano até ao Outono de 2002;

#### **Fase II - Preparação do Campo de Batalha**

A finalidade foi posicionar forças no TO; conduzir acções de combate para desorganizar o sistema de C2 e de informações iraquiano; e neutralizar o uso de ADM e Mísseis Balísticos Táticos<sup>17</sup>. Foi marcada pela chegada ao TO das grandes unidades e decorreu desde o Outono de 2002 até Março de 2003;

#### **Fase III – Operações Ofensivas/Decisivas**

Marcou o início das operações de combate convencionais, com o lançamento das componentes terrestre, naval e aérea em simultâneo, com o objectivo de atingir

---

<sup>17</sup> Uma das armas estratégicas mais temidas pela Coligação era a utilização de mísseis balísticos com cargas biológicas ou químicas. Havia indícios de que o Iraque possuía ainda alguns Scud-B, cerca de 20 Al-Hussein e um número indeterminado de Al-Samoud, mísseis que tinham sido alvo de algum controle por parte das equipas de inspecção.

Bagdade/Tikrit e retirar Saddam Hussein do poder, e decorreu desde 20 de Março até 14 de Abril de 2003;

#### Fase IV – Operações de Estabilização

Estas operações incluíram acções de assistência humanitária e de reconstrução das infra-estruturas, tendo-se iniciado em simultâneo com a Fase III.

### II.3.2. Frentes

Relativamente à Fase III, Operações Ofensivas/Decisivas, o plano gizado incluiu cinco frentes, para serem utilizadas em simultâneo e de forma sincronizada (DeLong, 2004, p. 79):

- Uma a **Norte**; abrangendo todo o território Norte do Iraque. Esta frente foi importante por duas razões: para protecção dos curdos, e para obter vantagem táctica. Estava previsto utilizar-se a 4ª Div Mec Digitalizada, que atacaria em direcção a Bagdade. Mas a utilização desta frente implicava a passagem por território da Turquia, o que poderia não ser autorizado. Com essa contingência, foi necessário criar surpresa que foi alcançada mantendo essa força no Mediterrâneo. Nessa condição foram utilizados 20 a 50 “A-Team”<sup>18</sup> de Operações Especiais, um Grupo de Forças Especiais e uma BrigAeroTransp;
- Uma a **Oeste**; como vimos uma das capacidades críticas do Iraque foi dispor de ADM. Esta capacidade encontrava-se na parte Oeste do território. Dada a extensão deste, aproximadamente 25% do total, coube a um Grupo de Forças Especiais o controlo dessa região e a neutralização das armas;
- Uma em **Bagdade**; para evitar que as forças iraquianas constituíssem uma defesa forte e conduzissem a coligação à guerra urbana, o que poderia provocar um elevado número de baixas. Assim, as componentes terrestre, aérea, naval e operações especiais actuaram de forma concorrente e sincronizada para impedir o deslocamento das Divisões da Guarda Republicana para Bagdade;
- Uma a **Sul**; nesta frente foi realizado o ataque principal. As forças tiveram a missão de atacar na direcção de Bagdade, de modo a isolá-la o mais rapidamente possível, implicando não se empenhar decisivamente até ao objectivo;
- Uma de **Operações de Informação**; realizou-se sobre todo o TO e pretendeu-se essencialmente atingir dois objectivos. Manter segredo absoluto sobre o plano e efectuar manobras de decepção, induzindo as forças iraquianas a realizar acções, que trouxessem vantagens à manobra da coligação.

---

<sup>18</sup> Equipas de 12 a 20 elementos.

Com este plano pretendeu-se colocar forças no interior do território movimentando-as o mais rápido possível, em simultâneo e de forma sincronizada em direcção a Bagdade.

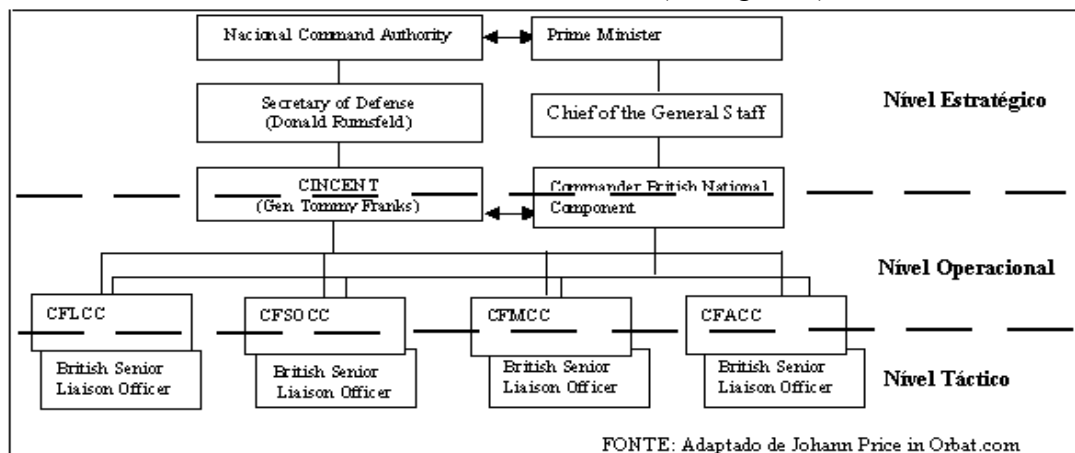
## II.4. Estrutura de Comando e Controlo

### II.4.1. Estrutura de Comando e Controlo dos EUA e Coligação<sup>19</sup>

A estrutura de C2 foi bastante diferente da campanha de 1991. Na operação “*Desert Storm*”, o Gen Schwarzkopf não estabeleceu um comando conjunto da componente terrestre. Na guerra do Golfo de 2003, o Gen Tommy Franks decidiu estabelecer um Comando da Componente Terrestre das Forças Combinadas (CFLCC), para comandar as operações das forças do 3º Exército, Marines e Terrestres. Assim, as forças da coligação foram constituídas por:

- Comando da Componente Terrestre das Forças Combinadas;
- Comando da Componente Aérea das Forças Combinadas (CFACC);
- Comando da Componente Marítima das Forças Combinadas (CFMCC);
- Comando da Componente de Operações Especiais das Forças Combinadas (CFSOCC).

Relativamente às forças do Reino Unido, as suas quatro componentes, terrestre, aérea, naval e operações especiais estiveram sob controlo táctico (TACON) das respectivas componentes americanas (Ministry of Defense, 2003, p. 9). O nível estratégico da condução da guerra foi da responsabilidade do Comando de Autoridade Nacional e do Secretário da Defesa em coordenação com o Primeiro-Ministro e Ministério da Defesa Inglês. O Gen Tommy Franks - pela enorme coordenação com o Secretário da Defesa e pelos meios postos à sua disposição que lhe permitiu conduzir acções simultâneas aos níveis estratégico e operacional - situou-se na charneira entre estes dois níveis. As várias componentes conseguiram conduzir acções aos níveis operacional e táctico, situando-se entre estes dois níveis (ver figura 4).



**Figura 4 - Estrutura de C2 da Coligação no Conflito de 2003**

<sup>19</sup> Ver o Anexo E.

## II.4.2. Estrutura de Comando e Controlo das Forças Iraquianas

A estrutura de C2 iraquiana era politizada, materializando-se Saddam Hussein, como comandante supremo das Forças Armadas. O requisito básico para o recrutamento do soldado, não era a capacidade de combate, mas sim a lealdade ao regime. A Guarda Republicana e a Guarda Republicana Especial reportavam directamente a Saddam Hussein e ao seu filho Qusay Hussein. Todos os comandantes dos escalões mais elevados eram seleccionados e escolhidos pelo regime. Existiam quatro comandos regionais, cujos Quartéis-Generais (QG) estavam sitiados em Bagdade, onde podiam ser facilmente controlados pelo regime. A região Norte, sob ordens do filho de Saddam Hussein, englobava a região curda e Norte do Iraque. A região Sul, estava às ordens de um primo de Saddam Hussein. A região central, onde se encontrava Bagdade, subordinava-se ao Ministro da Defesa e a região do Eufrates central estava debaixo da alçada do 1º Ministro.

## II.5. Forças em Presença no Teatro de Operações

O plano existente até 2001 previa a utilização de 500.000 homens só para a componente terrestre. Com a primeira versão do novo plano, o nível da força foi reduzido para 300.000 (a 2 CE e 6 Div). Na segunda versão, a força teria inicialmente 50.000 aumentando até 100.000 militares consoante o decurso da operação. A última versão assumia 200.000, como o número de militares necessários para a componente terrestre.

### II.5.1. Forças dos Estados Unidos e da Coligação

Relativamente a este número existe um certo consenso entre os vários autores devido à origem do mesmo. Os efectivos empregues no conflito foram (Moseley, 2003, p. 3):

<b>Total de Forças</b>	<b>466.985</b>
Exército dos EUA	233.342
Força Aérea dos EUA	54.955
Marines	74.405
Força Naval dos EUA	61.296
<b>Outros Países da Coligação</b>	<b>42.987</b>
Reino Unido	40.906
Austrália	2050
Canadá	31
Polónia <sup>20</sup>	172

**Tabela 1 - Forças da Coligação**

<sup>20</sup> Militares das Forças de Operações Especiais presentes na campanha (MARTIN, 2003, p. 39).

Estes dados não reflectem as forças efectivamente empregues no território iraquiano<sup>21</sup>. A componente terrestre foi constituída por 115.000 militares, sendo 28.000 do Reino Unido.

### **II.5.2. Forças Iraquianas**

O Iraque estava organizado em três tipos de forças: as Forças Regulares; a Guarda Republicana e Guarda Republicana Especial; e as Forças Irregulares.

As Forças Regulares com 350.000 homens e 650.000 reservistas estavam divididos em 5 CE. Tinham aproximadamente “1.500 Carros de Combate, 2.000 Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP), 2.250 peças de artilharia, 100 mísseis de curto alcance e 100 helis de ataque” (Garden, 2004). Todas estas forças se baseavam no regime de conscrição e, embora numerosas, encontravam-se mal preparadas e equipadas.

A Guarda Republicana, com aproximadamente 70.000 homens estava organizada em dois CE. A coligação partiu do pressuposto que esta força teria um potencial de combate significativo. Com o decorrer da operação, constatou que em termos de material apresentavam um grande fosso tecnológico, fruto da falta de treino das guarnições e da obsolescência do material. Os elementos da Guarda Republicana Especial eram oriundos da região de Tikrit, terra de Saddam Hussein, e serviam de guarda pretoriana do regime, garantindo a sua segurança. Estava organizada em quatro Brigadas com 15.000 homens, totalmente localizadas dentro da capital do País. Esta força mais ligeira que a anterior, estava treinada em combate urbano e tinha como tarefas, além das descritas, causar o maior número de baixas à coligação, de modo a que aos olhos da opinião pública norte-americana, estas se tornassem inaceitáveis.

As Forças Irregulares assentavam na milícia Fedayen. Esta milícia, fundada em 1995 com 10.000 homens, atingiu 25.000 em Março de 2003. Actuava em todo o território iraquiano, mas com maior predominância no Sul. Embora não estivesse bem treinada, estava preparada para usar tácticas de guerrilha nas suas acções. Ainda que dependesse directamente de Qusay Hussein, não possuía um sistema organizado de C2, actuando cada grupo de forma independente. A missão destes pequenos grupos foi manter um controlo apertado sobre a população Xiita, nunca deixando que esta aceitasse bem as forças da coligação, tentando impedir que fosse alcançada a confiança da população. Também tinham como objectivo quebrar a coesão da coligação, estando “incumbidos de destruir edifícios sagrados muçulmanos, de modo a inflamar o restante mundo árabe contra os EUA” (Boyne, 2003, p. 82).

---

<sup>21</sup> Dos 233.000 militares do Exército dos EUA empregues, 130.000 estavam inicialmente no Kuwait, 8.500 na Arábia Saudita, 8.300 no Qatar, 5.500 no Bahrein, 3.400 em Omã, 1.400 nos Emirados Árabes Unidos, e os restantes na base de Diego Garcia ou embarcados (Cordesman, 2003, p. 16).

## II.6. Análise da Campanha

Na madrugada de 20 de Março de 2003, teve início a Fase III da campanha, quando foram lançados 40 mísseis “Tomahawks”, apoiados por dois aviões F-117, para uma provável localização de Saddam Hussein e seus filhos. Segundo o planeamento, a campanha terrestre estava prevista começar 24 horas mais tarde. Três factores levaram à antecipação do início da campanha terrestre. Por um lado, a informação sobre a pretensa localização da liderança do estado, numa clara tentativa de decapitação do regime; por outro, a movimentação de forças iraquianas em direcção ao Sul do Iraque para incendiar os poços de petróleo; por fim o lançamento de mísseis iraquianos para zonas de concentração das forças da coligação. Iniciou-se assim, a campanha terrestre antes da aérea.

### II.6.1. Dispositivo das Forças Iraquianas

As forças iraquianas apresentavam no início de 2003 o seguinte dispositivo: as Forças Regulares<sup>22</sup> tinham no Norte do Iraque o I CE com quatro Divisões em Kirkuk e o V CE também com quatro Divisões, em Mossul, para fazer face a ameaças vindas das fronteiras da Síria, Turquia ou Irão, controlar os campos petrolíferos em Kirkuk e dominar o enclave curdo; na parte Este do território estava o II CE com três Divisões em Mandali que defendia de qualquer ataque proveniente do Irão; no Sul encontrava-se o III CE com três Divisões em Nassíria e o IV CE também com três Divisões, em Al Amarah, que defendiam as proximidades da fronteira com o Irão e faziam face a ameaças provenientes do Kuwait. As forças da Guarda Republicana<sup>23</sup> estavam localizadas com o I CE a Norte, com as Div Bagdade, Adnan, Al Abed e Al Nida. O II CE defendia a zona central, com a Div Hamurábi, em Fallujah, a Div Al Medina, em Karbala, e a Div Nebuchadnezzar, em Al Kut. No início do conflito, estas forças movimentaram-se, adoptando o seguinte dispositivo. A Div Al Abed deslocou-se para Bagdade; as Div Nebuchadnezzar e Al Medina posicionaram-se no estreito de Karbala; a Div Bagdade concentrou-se em Al Kut; e entre a capital e Al Kut posicionou-se a Div Al Nida. Constituíram reserva as Div Hamurábi e Adnan.

Perante este cenário, constatamos que o dispositivo se baseou em sucessivas faixas defensivas, materializando uma defesa em profundidade. Numa faixa de 80 quilómetros em redor de Bagdade, conhecida como *zona vermelha* (Clark, 2004, p. 63), situaram-se as Divisões

---

<sup>22</sup> Figura 12 do Anexo D.

<sup>23</sup> Figura 13 do Anexo D.

da Guarda Republicana e numa faixa de 300/400 quilómetros encontraram-se as 17 Divisões das Forças Regulares.

## **II.6.2. Dispositivo das Forças da Coligação**

Na componente terrestre o dispositivo foi o seguinte: Na frente Sul, no Kuwait, estava a 1ª MEF, com a 1ª Divisão de Marines, a 1ª DBI (UK) e a Força Tarefa (FT) Tarawa de escalão Brigada. Também nessa frente, mas mais a Oeste, encontrava-se o V CE com a 3ª Div Mec, a 101ª DAerom e a 2/82ª DAeroTransp. A Norte, a frente não se materializou conforme previsto, em virtude da interdição do espaço terrestre por parte da Turquia. Assim, nessa frente foi posicionada a Força Tarefa de Operações Especiais Conjunta Norte (JSOTF-N), mais tarde reforçada com a 173ª BrigAeroTransp Indep. Na frente Oeste, já estava posicionada a Força Tarefa de Operações Especiais Conjunta Oeste (JSOTF-W).

A componente naval, foi constituída por 117 navios dos EUA, cinco Grupos de porta-aviões, e dois Grupos anfíbios. Do Reino Unido estavam três Destroyers, três Fragatas e dois Submarinos. Estes meios encontravam-se no Golfo Pérsico, Mar Árabe, Mar Mediterrâneo e Mar Vermelho.

O vector aéreo, dispôs de 1801 aeronaves, das quais 3 do Canadá, 22 da Austrália, 113 do Reino Unido e 1663 dos EUA, que estavam situadas na Arábia Saudita, Kuwait, Omã, Turquia e Qatar.

## **II.6.3. Manobra**

Com o dispositivo citado anteriormente, iniciou-se em 20 de Março de 2003 a campanha terrestre antes da campanha aérea. Podemos subdividir esta fase da operação em três períodos; o primeiro de 20 a 24 de Março que se caracterizou pela rapidez na progressão; o segundo de 24 a 02 de Abril que se salientou pela reorganização; e o terceiro de 02 a 14 de Abril que coincidiu com a batalha de Bagdade.

### **II.6.3.1. I Período – 20 a 24 de Março<sup>24</sup>**

No início deste período a 1ª MEF deslocou-se do Norte do Kuwait para Rumaila, no sentido de controlar os campos petrolíferos, e para o porto de Umm Qasr, para, juntamente com, uma parte das forças da 3ª Brigada de Comandos da 1ª DBI (UK) o controlar, permitindo à Royal Navy o início do trabalho de desminagem. Forças dessa mesma Brigada efectuaram um assalto anfíbio na península de Al Faw, facilitando a missão da Divisão do Reino Unido que se dirigiu

---

<sup>24</sup> Figura 14 do Anexo D.

para Bassorá. O controlo desta cidade demorou mais tempo do que o previsto, obrigando esta Divisão a permanecer nesta região durante toda a campanha.

Simultaneamente, o V CE, com a 3ª Div Mec, a 101ª DAerom e a 2/82 DAeroTransp, por esta ordem, iniciaram o ataque. Na frente Norte, a 4ª Div Mec Digitalizada não desembarcou, e as Forças de Operações Especiais tiveram como missão controlar os poços petrolíferos de Kirkuk e fixar as Divisões iraquianas a Norte. A Oeste, as Forças de Operações Especiais neutralizaram as plataformas de lançamento de ADM e controlaram as bases aéreas da região. Nos dias 23 e 24 de Março a progressão da 3ª Div Mec começou a perder ritmo fundamentalmente por três motivos. Primeiro, estavam com cinco dias de abastecimentos necessitando de efectuar reabastecimentos através de uma LOC extensa; segundo, começou a levantar-se uma forte tempestade de areia que retardava o avanço das tropas; por fim, para fazer face a ataques combinados das Forças Regulares e milícias Fedayen nas regiões de Karbala e Samawah. Esta última situação foi inesperada para a coligação e comportava enormes riscos. A 3ª Div Mec durante o deslocamento, contornou sistematicamente as populações no sentido de garantir maior ímpeto até Bagdade, alongando as suas LOC. Assim, no final deste período, a 3ª Div Mec estava na região de Najaf, e o V CE tinha uma LOC de 400 quilómetros e mais de 10.000 viaturas, que se estendia até ao Kuwait. A 1ª DBI (UK) da 1ª MEF, encontrava-se a combater em Bassorá e a terminar o controlo do porto de Umm Qasr, enquanto a 1ª Divisão de Marines estava a combater em Nassíria.

No que diz respeito ao vector aéreo, os ataques massivos, começaram em 21 de Março, após o início da ofensiva terrestre, através de todo o Iraque, contra alvos ligados à liderança iraquiana e contra as forças terrestres. Só nesse dia foram realizadas 1.700 saídas e lançados 504 mísseis aéreos. Nos dias posteriores o número de saídas variou entre 1.500 e 2.000, as quais se destinaram a destruir o sistema de defesa antiaérea, o sistema de C2, a liderança do regime, as instalações das ADM e apoio às forças terrestres. Desde logo, ressaltou uma forma de emprego diferente desta componente em três vectores. A quantidade de munições de precisão utilizada foi muito elevada, fazendo com que o número de saídas para bater o mesmo alvo tivesse diminuído; a selectividade de alvos foi enorme, só se constituindo como tal, o que se tornara verdadeiramente imperativo ser destruído; e por fim, a enorme fluidez e interacção com a componente terrestre, aproveitando ambas a sinergia desse entendimento<sup>25</sup>.

A componente naval neste período efectuou operações de combate para apoio às forças

---

<sup>25</sup> A velocidade das forças no terreno era de tal forma enorme, nesta fase a 3ª Div Mec deslocava-se a 30 Km/h, que as forças iraquianas eram obrigadas a deslocar-se, sendo então batidas pela componente aérea.

terrestres; fez a interdição das forças navais e comerciais inimigas; realizou operações de controlo de áreas marítimas; e estabeleceu Zonas de Exclusão Naval.

### **II.6.3.2. II Período – 24 de Março a 02 de Abril<sup>26</sup>**

De 24 a 27 de Março, uma enorme tempestade de areia assolou a região central iraquiana. O V CE aproveitou este intervalo de tempo para regenerar forças através do reposicionamento de unidades e efectuar o reabastecimento das tropas. Contudo, pensamos que não se tratou de uma interrupção das operações, pois todas as frentes continuavam activas e a desenvolver as várias linhas de acções. Inclusive na frente Sul, onde actuava este CE, as forças iraquianas continuaram a ser batidas, pela componente aérea, naval e fogos de artilharia da componente terrestre. As unidades iraquianas, pretensamente a coberto da tempestade de areia avançaram para Sul. Assim, as Divisões da Guarda Republicana, Al Medina, que se encontrava a Norte do estreito de Karbala, a Div Al Nida, que estava entre Bagdade e Al Kut, e a Div Hamurábi, iniciaram um deslocamento com o objectivo de se reposicionarem para fazer face ao avanço do V CE. Nesse momento a superioridade tecnológica da coligação manifestou-se, pois as forças iraquianas foram detectadas, por satélites, por UAVs, e pelo sistema JSTARS, tendo sido fortemente atingidas pela componente aérea, sofrendo perdas significativas.

Entretanto, a 3ª Div Mec continuou a travar fortes combates contra as Forças Irregulares, essencialmente no *triângulo* Najaf – Karbala – Al Hilah, encontrando-se completamente empenhada. Foi então decidido empregar a 101ª DAerom nesta região, para que a 3ª Div Mec pudesse continuar o ataque para Bagdade. A 2/82 DAeroTransp foi encarregue de garantir segurança às LOC do V CE. A 1ª MEF continuou a combater a Sudeste com a 1ª Divisão de Marines em Nassíria e com a DBI (UK) em Bassorá e na península de Al Faw.

A 25 de Março foi dada ordem para a 4ª Div Mec Digitalizada se deslocar para o Kuwait. A 26 de Março com a intenção de *muscular* a frente Norte, foi lançada a 173ª BrigAeroTransp Indep, mais tarde reforçada com Carros de Combate e Viaturas de Combate de Infantaria Bradley, para, sob comando da JSOTF-N, fixar as Divisões iraquianas a Norte.

No dia 30 de Março, a 101ª DAerom posicionou-se ao longo da LOC da 3ª Div Mec permitindo-lhe liberdade de acção de modo a continuar o ataque. Neste momento as forças iraquianas nesta região estavam concentradas a Norte do estreito de Karbala por onde esperavam que as tropas da coligação passassem. Foi então realizada uma manobra de decepção por parte da coligação, ao realizar com o V CE cinco ataques simultâneos. O objectivo foi, por um lado iludir

---

<sup>26</sup> Figura 15 do Anexo D.

quanto à localização da transposição do Rio Eufrates, se a Norte de Karbala, atravessando o seu estreito, se a Sul evitando o mesmo; por outro lado pretendeu-se que as unidades iraquianas, especialmente as da Guarda Republicana localizadas nesta região, se deslocassem, para que pudessem ser facilmente batidas. Assim, a 2/82 DAeroTransp atacou em Samawah; a 101ª DAerom em Najaf; a 2/101 DAerom efectuou uma finta em Al Hilah; a 2/3 Div Mec fez um reconhecimento em força em Hindiyah; e uma unidade de Helis da 101ª DAerom realizou um reconhecimento a Sudoeste de Karbala. Como resultado desta acção, as Divisões iraquianas Hamurabi, Nebuchadnezzar e Adnan movimentaram-se, sendo fortemente atingidas por fogos aéreos e terrestres. A 2 de Abril, a 3ª Div Mec, tirando partido dessa manobra de decepção, ultrapassou o estreito de Karbala e entrou na *zona vermelha*, com alguma oposição por parte das forças iraquianas. A Este, a 1ª Divisão de Marines, atravessou o Rio Tigre em Al Kut e cercou a Div Bagdade, enquanto que a DBI (UK) continuou o ataque a Bassorá. Na frente Norte, as forças iraquianas continuaram a resistir em Mossul e Kirkuk, mesmos sob violentos ataques aéreos. A Oeste, a JSOTF-W controlava toda a região tendo deslocado algumas “A-Team” para Bagdade, no sentido de prepararem a conquista da mesma. A componente naval manteve-se a efectuar as operações de desminagem do porto de Umm Qasr e a apoiar a manobra através do lançamento de mísseis, na constante tentativa de decapitação do regime. A componente aérea continuou a sua acção selectiva de bombardeamentos de alvos ligados ao C2 e à neutralização de regime e também apoio às forças terrestres.

### II.6.3.3. III Período – 02 a 14 de Abril<sup>27</sup>

Este período coincidiu com a conquista de Badgade. No ataque à capital havia dois grandes objectivos a serem conquistados, o aeroporto e os palácios presidenciais. A 2 de Abril, a 3ª Div Mec transpôs o Rio Eufrates, e com a 1ª Brig a Norte e a 2ª Brig a Sul, atacou de 3 a 5 de Abril para conquistar o aeroporto da capital. Em 5 de Abril, a 2ª Brig constituiu uma Força Tarefa com Carros de Combate e Viaturas Blindadas, com a missão de “efectuar um movimento para Norte ao longo da auto-estrada n.º 8, para determinar o dispositivo inimigo, o seu potencial, e a sua vontade de combater” (Fontenot, 2003, p. 342), juntando-se à 1ª Brig na região do aeroporto, terminando assim a conquista deste objectivo pela 3ª Div Mec. A Este, a 1ª Divisão de Marines, continuou o seu ataque para Norte entrando na *zona vermelha* e destruiu o que restava da Div Al Nida, que tinha sido previamente bombardeada pela aviação.

---

<sup>27</sup> Figura 16 do Anexo D.

A 7 de Abril, o CFACC, declarou a supremacia aérea sobre todo o TO. O aeroporto foi utilizado pela primeira vez em 08 de Abril pela aviação da coligação, intensificando-se os bombardeamentos sobre a capital. Restava outro grande objectivo a ser alcançado: os palácios presidenciais. A 7 de Abril, foi efectuada uma nova incursão até ao centro da cidade, realizada pela 2/3 Div Mec, com o objectivo de conquistar os palácios presidenciais e controlar a auto-estrada que ligava o aeroporto a Bagdade. Embora os líderes do regime não tivessem sido capturados, pensamos que a conquista deste objectivo materializou o alcançar do CoG1, pois a liderança do regime deixou de ter qualquer capacidade de C2 das suas forças militares. A 1ª MEF conquistou a parte Este da capital em 9 de Abril e efectuou a ligação com a 3ª Div Mec. Na frente Norte, a componente aérea, continuou a efectuar fortes bombardeamentos, em especial nas cidades de Mossul e Kirkuk. A 10 de Abril, a JSOTF-N, em conjugação com as forças Curdas, conquista Kirkuk, e no dia seguinte Mossul. Até 12 de Abril verificaram-se ataques esporádicos dos Fedayen e Guarda Republicana Especial em Bagdade contra as forças da coligação, mas sem estas nunca deixarem de ter o controlo da cidade. A Sul, a 101ª DAerom controlava Najaf e Al Hilah e a 2/82 DAeroTransp conseguiu manter a segurança de toda a LOC, enquanto a 1ª DBI (UK), controlava nesta altura Bassorá. A 12 de Abril a 1ª Divisão de Marines deslocou-se para Norte com o objectivo de conquistar a cidade de Tikrit, último bastião do regime, tendo cumprido essa missão a 14 de Abril, marcando o fim das operações ofensivas/decisivas.

## **II.7. Forças de Operações Especiais**

O emprego das Forças de Operações Especiais, aproximadamente 10.000 militares, foi inovador nesta operação. Pela primeira vez foram utilizadas em larga escala contra meios blindados e mecanizados. Foi também nova a relação de comando com algumas unidades convencionais, nomeadamente a 173ª BrigAeroTransp Indep e a 26ª Unidade Expedicionária Marine (MEU), que ficaram sob seu comando. A primeira referência a Forças de Operações Especiais em território iraquiano ocorreu em meados de Fevereiro, em plena Fase II da campanha, com a chegada de comandos norte-americanos, para fazer a ligação aos Peshmerga<sup>28</sup>, e preparar a chegada das tropas americanas (ABC News, 2003).

### **II.7.1. Composição**

O CFSOCC, que tinha a responsabilidade da condução das operações das Forças de Operações Especiais, foi constituído por dois grupos.

---

<sup>28</sup> Nome dado aos guerrilheiros curdos que actuavam no Norte do Iraque.

### **II.7.1.1. Força Tarefa de Operações Especiais Conjunta - Norte**

Esta força teve como missão “conduzir guerra não convencional e outro tipo de Operações Especiais, na área de operações Norte, para desorganizar o potencial iraquiano com a finalidade de prevenir operações militares contra forças do CFLCC” (USASOC, 2004, p. 3).

As suas tarefas dentro desta missão foram garantir segurança à 4º Div Mec Digitalizada que actuaria nesta frente e efectuar acções juntamente com os Peshmerga, para destruir o grupo terrorista Ansar al-islam, que se encontrava ao longo da fronteira com o Irão. Com a recusa por parte da Turquia em autorizar a utilização do seu espaço terrestre pela 4ª Div Mec e para manter esta frente aberta, houve necessidade de reforçar este grupo com meios mais pesados. Foi nesse sentido que a 173ª BrigAeroTransp Indep foi lançada de uma só leva, no Norte do Iraque. Esta Força Tarefa, perfazendo 5.200 militares, fixou as treze Divisões iraquianas que estavam no Norte do Iraque, desorganizando o seu potencial, impedindo-as de retirarem para Bagdade.

### **II.7.1.2. Força Tarefa de Operações Especiais Conjunta - Oeste**

Esta Força, controlou aproximadamente 25% do território e teve como missão “conduzir operações de negação de área, controlar aeroportos, neutralizar as ADM na região e cortar as LOC com a Jordânia ou Síria” (Ramirez, 2004, p. 46). Foi constituída por um Batalhão de Forças Especiais. A sua actuação permitiu anular uma das capacidades críticas do CoG1 iraquiano, neutralizando a utilização das ADM, garantindo ainda segurança às forças que actuaram na frente Sul, possibilitando-lhes um ritmo de operações mais elevado.

## **II.8. Operações de Informação<sup>29</sup>**

O CENTCOM conduziu desde o final da operação “*Desert Storm*”, Operações de Informação contra o regime iraquiano e o seu Estado, sendo que com a operação “*Provide Comfort*” aproveitou para manter no *terreno* elementos que lhe garantissem pesquisa de notícias. O estabelecimento das zonas de exclusão aérea e as operações de monitorização “*Northern e Southern Watch*”, permitiu degradar lentamente o potencial das forças iraquianas, nomeadamente através da limitação de voo dos seus pilotos. Com a operação “*Desert Fox*”, foram realizadas medidas de destruição física, guerra electrónica e ataques a redes de computadores com vista a debilitar o sistema de C2 iraquiano. O emprego destas medidas manteve-se, tendo sido incrementado a partir do final de 2002 com a intensificação das

---

<sup>29</sup> Os 5 pilares das Operações de Informação são: Segurança das Operações, Decepção Militar, Operações Psicológicas, Guerra Electrónica e Network Computer Operations, in Field Manual 3-13: Information Operations: Doctrine, Tactics, Techniques, and Procedures, November 2003.

Operações Psicológicas, através da largada de panfletos. Na globalidade, esta operação caracterizou-se por uma intensa campanha de Operações de Informação, com bastante sucesso, particularmente ao nível da Decepção Militar e um resultado menos positivo ao nível das Operações Psicológicas.

### **II.8.1. Decepção Militar**

Segundo o Gen Tommy Franks (2004, p. 434 e 435) em finais de 2002, a CIA teve conhecimento que um agente americano tinha sido contactado pelos serviços secretos iraquianos para ser agente duplo. O CENTCOM, em coordenação com a CIA, pôs em acção um plano de Decepção Militar, que consistiu em vender ao Iraque um falso PLOp. Este, constou de um assalto aerotransportado em larga escala no Nordeste do Iraque para conquistar as cidades de Mossul e Kirkuk, seguido de um ataque pela 4ª Div Mec a Norte, com destino a Bagdade.

Mais tarde, em Março de 2003, com a 4ª Div Mec embarcada em 37 navios ao largo do Mediterrâneo, e com a não autorização de entrada em território turco, o Gen Franks transformou esta vulnerabilidade noutra manobra de decepção. Manteve esta Divisão embarcada, com outro objectivo, que foi lançar o ataque de forma completamente inesperada para o regime iraquiano. Este, não esperaria o ataque da coligação antes desta Divisão, teoricamente a melhor dotada, estar posicionada no terreno, ou a Norte na Turquia, ou a Sul no Kuwait.

Pensamos que estas duas excepcionais manobras de Decepção Militar, tiveram como consequência a fixação de treze Divisões iraquianas a Norte impedindo-as de retirarem para Bagdade, onde verdadeiramente se exerceria o esforço e constituía o CoG1 a ser alcançado pela coligação.

### **II.8.2. Operações Psicológicas<sup>30</sup>**

Estas, realizaram-se aos níveis estratégico, operacional e tático, utilizando a emissão de 306 horas radiofónicas e 304 de televisão e o lançamento de 31.800.000 de panfletos (Moseley, 2003, p. 8).

Ao nível estratégico conseguiu-se isolar o Iraque a nível diplomático e ajudar a oposição política fora do país. Ao nível operacional foi materializada com o apoio interno a grupos de oposição ao regime, nomeadamente os curdos a Norte e Xiitas a Sul, o apoio a actividades de

---

<sup>30</sup> Servem de alavancagem ao potencial da força e pretendem aumentar o ambiente de incerteza na decisão adversária; levar à rendição das forças inimigas; projectar uma imagem de superioridade; obter apoio ou pelo menos não interferência da população nas operações militares; e provocar danos colaterais mínimos.

resistência e a afectação da lealdade das forças tentando levá-las à deserção<sup>31</sup>. Uma estimativa de prisioneiros de guerra feita pelo CFLCC apontou para valores que rondavam 50% das unidades das Forças Regulares, 20% da Guarda Republicana, e 10% da Guarda Republicana Especial, num total de aproximadamente 90.000 homens (Fontenot, 2003, p. 69). Ao nível tático as acções visaram influenciar a população a não interferir nas operações, tentando mantê-las nas cidades, porque a coligação pretendia evitar as povoações, para atingir Bagdade o mais rápido possível. Por outro lado, ainda a este nível, a coligação tinha a intenção de reduzir os danos colaterais, nomeadamente evitar o incêndio dos poços petrolíferos por parte dos iraquianos<sup>32</sup>.

Mas apesar de todos estes meios o sucesso das Operações Psicológicas foi relativo, e claramente inferior ao do conflito de 1991. Se ao nível estratégico os resultados foram evidentes, ao nível operacional não foram tão surpreendentes. Embora as deserções fossem elevadas, o número de prisioneiros de guerra foi claramente inferior ao esperado<sup>33</sup>. O regime iraquiano altamente repressivo, ameaçou de morte civis e militares, bem como as respectivas famílias que lessem os panfletos, escutassem as emissões, ou se rendessem, tendo um sucesso apreciável com estas acções. Pensamos que a coligação subestimou, em parte, o efeito da campanha iraquiana de Operações Psicológicas, que apoiadas num regime ditatorial, foram conseguindo demonstrar ao povo, “... que Saddam Hussein estava no poder e que prevaleceria no mesmo independentemente das acções da coligação...” (DoD, 2003, p. 269).

Um aspecto a salientar pela positiva foi a forma brilhante como a coligação aproveitou o facto de ter jornalistas *incorporados* nas unidades. A dependência destes à respectiva unidade foi absoluta o que permitia um controlo estreito sobre a informação dos *media*, garantindo a segurança das informações; por outro lado transmitiram uma imagem triunfante e esmagadora das forças da coligação, esperando que “a divulgação em directo das tropas americanas surtisse um efeito desmobilizador junto das forças iraquianas” (Pereira, 2005, p. 262).

## II.9. Importância da Tecnologia nas Operações

Um dos aspectos mais relevantes nesta campanha foi a perfeita integração e aproveitamento das inovações tecnológicas na condução das operações aos vários níveis. Foram várias as áreas onde a tecnologia de ponta foi empregue nesta campanha. Uma onde houve grande evolução foi

---

<sup>31</sup> Neste caso específico, foi utilizado a internet para enviar e-mails aos cmdt's das unidades bem como mensagens para os telemóveis, tentando aliciá-los à rendição.

<sup>32</sup> Ver figura 17 do Anexo D.

<sup>33</sup> A 3ª Div Mec só capturou 2600 prisioneiros de guerra, um valor abaixo das previsões (FONTENOT, 2003, p. 109).

na utilização de munições de precisão. Enquanto no conflito de 1991 apenas 9% das munições eram de precisão e apenas algumas aeronaves (F-15E, F-111, F-117) estavam capacitadas para as lançar, nesta campanha o número subiu para 66% e praticamente todas as aeronaves da coligação estavam preparadas para adquirir, iluminar e bater alvos<sup>34</sup>. Como resultado, os danos colaterais foram reduzidos, a capacidade de “*stand-off*” do armamento foi aumentada, a necessidade de um segundo ataque por parte das aeronaves foi eliminada, o número de munições utilizadas para bater o mesmo alvo reduziu e a selectividade dos mesmos aumentou. Outra área onde o progresso tecnológico trouxe vantagens para a condução da campanha foi na Furtividade (Stealth). Em 1991 só o avião F-117 era furtivo, em 2003 esta tecnologia já foi empregue em bombardeiros. Assim, os B-1B, B-2A e B-52 demonstraram o seu valor como sistemas de armas de ataque de precisão, com capacidade de penetração furtiva ou grande capacidade “*stand off*” de largada de armamento. Numa só saída atingiam vários objectivos e alvos com armamento de precisão<sup>35</sup>, o que permitiu realizar um variado número de missões, inclusive Apoio Aéreo Próximo (CAS), e que a campanha aérea fosse realizada praticamente em simultâneo com a terrestre, desde o início da ofensiva. A utilização do GPS generalizou-se. O Exército dos EUA utilizou mais de 100.000 equipamentos, o que deu um rácio de um GPS para três militares, permitindo a localização de homens e unidades, facilitando o C2.

Também as operações de vigilância, reconhecimento e informações, se basearam numa diversidade de meios e sistemas nunca antes congregada para uma operação, desde a utilização de satélites para vigilância e reconhecimento do Campo de Batalha<sup>36</sup>, até uma grande variedade

---

<sup>34</sup> De referir que as munições Joint Direct Attack Munition (JDAM) foram o segundo tipo de munições de precisão mais empregues na campanha. A tecnologia JDAM resulta da integração de um kit de guiamento por GPS, relativamente barato, numa bomba convencional, permitindo a execução de operações em qualquer momento e sob qualquer condição meteorológica.

<sup>35</sup> O B-2, utilizado a partir dos EUA em missões que duravam aproximadamente 35 horas, tinha capacidade para 16 JDAM de 2000 lbs ou de 70 bombas de 500 lbs de precisão. De forma similar, também os outros bombardeiros tinham esta capacidade de precisão, a qual não existia no conflito de 1991, razão pela qual o B-1B não fora utilizado. Com o emprego do B-52, os EUA demonstraram a sua capacidade de transformar uma aeronave quase obsoleta num bombardeiro de última geração em aviónicos, com armamento de precisão, capacidade de targeting e de guerra electrónica que lhe aumentaram exponencialmente a capacidade de sobrevivência. Os B-52 e os B-1B lançaram no total cerca de dois terços de todas as bombas usadas na campanha e os B-1B, por si só, foram responsáveis pelo lançamento de metade das JDAM. Em termos de saídas, o B-2 voou cerca de 50, o B-1B fez 225 e o B-52 realizou 280. Apesar do grande quantitativo de armamento largado, estas saídas representaram apenas 1.7 % do total de 32.850 executadas pela componente aérea.

<sup>36</sup> Dos mais de 50 satélites militares e civis, utilizados na campanha, aproximadamente 24 destinavam-se a funções de reconhecimento e vigilância.

de UAVs. As potencialidades da aeronave tripulada E-8C JSTARS tinham sido bastantes melhoradas, agora com capacidade para detectar movimentos terrestres sob quaisquer condições meteorológicas, a distâncias superiores a 250 quilómetros. Também a aeronave RC-135 Rivet Joint permitia localizar todas as fontes das comunicações militares iraquianas. Quanto a UAVs é de destacar os sistemas de maiores dimensões como o *Predator*, o *Global Hawk*, o *Dragon Eye* do Corpo de Marines, ou o *Hunter* do V CE<sup>37</sup>.

Relativamente aos sistemas de C2, o aproveitamento da tecnologia também permitiu tirar grandes vantagens comparativamente à campanha de 1991. Apareceu pela primeira vez, o sistema *Battle Command On The Move* (BCOTM), que consistiu na modificação da viatura M2 Bradley para receber os sistemas de informação da Divisão. Esta nova viatura de comando, chamada de *M7 BCOTM-Bradley*, estava dotada de um conjunto de sistemas de comunicações que incluía uma rede de comunicações por satélite e três redes de frequência modulada. O sistema mais importante, que no entender do Gen Tommy Franks foi “a jóia da coroa da inovação tecnológica de toda a campanha” (2004, p. 446), foi o *Force XXI Battle Command Brigade and Below System* ou *Blue Force Tracking* (BFT). Este sistema digital permitiu localizar, identificar e comunicar, através de satélites e rádio frequência, com qualquer unidade da força equipada com o mesmo. Este sistema estava incorporado nas viaturas de comando das 3ª Div Mec, 1ª Divisão de Marines, 1ª DBI (UK) e da 101ª DAerom. Os meios atrás descritos, nomeadamente os UAVs, satélites e o E-8C JSTARS, permitiram uma *leitura* em directo da situação do inimigo, efectuando a *digitalização* do Campo de Batalha em tempo real possibilitando um sistema de C2 global ao nível das várias componentes, disponibilizando uma *Common Operational Picture* (COP) aos comandantes.

---

<sup>37</sup> O *Predator* fornecia imagens diurnas e nocturnas, com uma qualidade que, em condições óptimas, permitia aos utilizadores distinguir entre militares e pessoal civil a distâncias até 3 milhas. As missões eram coordenadas com a utilização de outros meios como, por exemplo, o RC-135 Rivet Joint para localizar a área de um alvo, seguida do envio dum *Predator* para determinar e enviar as coordenadas precisas do mesmo. O *Global Hawk* operava a grandes altitudes, acima dos 15 Km, sob quaisquer condições meteorológicas, fornecendo aos comandantes, em tempo quase real, imagens de alta resolução, de vigilância e reconhecimento do Campo de Batalha. O *Dragon Eye*, ou o *Hunter* eram sistemas de curto alcance, 5 Km, para apoio imediato às unidades.

### II.9.1. Network Centric Warfare

Neste conflito, o Campo de Batalha foi dominado por uma presença *invisível* de um sistema altamente integrado de comando, controlo, comunicações e meios de informações, vigilância e reconhecimento, que operaram ininterruptamente e sob quaisquer condições meteorológicas<sup>38</sup>.

Toda esta nova geração de meios de informação, reconhecimento e vigilância, permitiu o aparecimento e desenvolvimento de uma força conjunta de combate, centrada em rede, com unidades ao longo de todo o Campo de Batalha, partilhando uma imagem de informações comum. De facto, a capacidade de receber, tratar e transmitir dados em tempo real, permitiu que o *tempo*, entre o sensor que detecta o alvo, o decisor (Comandante) e o sistema de armas que o ataca, fosse extremamente reduzido<sup>39</sup>. Também a coordenação lateral entre unidades, não dependentes do mesmo comando hierárquico, passou a ser feita de forma rápida e eficaz<sup>40</sup>. Deste modo a velocidade de integração e partilha da informação, permitiu entrar no ciclo de decisão iraquiano, batendo as suas unidades antes que estas pudessem reagir. Relembre-se o contínuo bombardeamento a que foram sujeitas as Divisões da Guarda Republicana nas regiões de Karbala e Al Kut, durante a progressão do V CE e da 1ª MEF, antes de terem hipótese de esboçar alguma reacção. Todos estes meios induziram um planeamento bastante mais detalhado e específico. Estas capacidades, possibilitaram à priori, a identificação de alvos, obstáculos, eixos de aproximação e posições Inimigas, permitindo uma maior segurança às forças e a redução dos danos colaterais. Foram os casos das incursões de 5 e 7 de Abril, que foram precedidas de intensos reconhecimentos, tendo as forças um relativo conhecimento do que as esperava ao longo do trajecto.

Outro aspecto positivo que estes meios proporcionaram foi a agilidade de C2. Os comandantes das unidades puderam continuamente monitorizar a situação, ajustando-a

---

<sup>38</sup> Mesmo durante a tempestade de areia, de 24 a 27 de Março, o conhecimento absoluto do Campo de Batalha, bem como a partilha de informação nunca deixou de se efectuar.

<sup>39</sup> A título de exemplo referimos a tentativa de decapitação do regime em 19 de Março, que desde a pretensa identificação do alvo, até ser batido, demorou 45 minutos. Ou a operação em 07 de Abril, em que um B-1B largou 4 JDAM contra um edifício em Al Mansur, onde supostamente se encontrava o líder do regime iraquiano e seus dois filhos, em 12 minutos.

<sup>40</sup> 45 segundos, foi o tempo de coordenação de fogos indirectos entre a 3ª Div Mec e a 1ª MEF in “GARSTKA, John J. - Fighting the Networked Force: Presentation to Network Centric Warfare 2004, slide 33 [Em linha]: Washington DC, actual. Jan 22, 2004, DOD, [Consult. 25 Mai. 2005]. Disponível na WWW:<URL:http://www.ofm.osd.mil/library/library.cfm?libcol=2#briefing\_337

permanentemente à intenção do comandante do escalão superior. Também possibilitou o C2 de várias acções em simultâneo e a grandes distâncias, permitindo a condução da campanha em cinco frentes distintas e com várias linhas de acções a actuar de forma concorrente.

Outra vantagem trazida pela integração da informação foi no ritmo das operações. Este, aumentou porque, por um lado, o fluxo de informações partilhado forneceu uma *COP* do Campo de Batalha, por outro, a NCW, através da forte ligação em rede das componentes possibilitou que as mesmas actuassem geograficamente dispersas sem perda do C2.

Outro aspecto potenciado por estas capacidades foi a sincronização entre as forças. O facto de permitir uma *situational awareness*, possibilitou às forças terem permanentemente conhecimento da situação, permitindo assim elevada coordenação entre as mesmas. As acções de CAS materializaram um bom exemplo de sincronização. Foi implementado o conceito de “*Kill-boxes*”, áreas a *bater* pelo vector aéreo antes da sua ocupação pelas forças terrestres. Por vezes, estas áreas também foram estabelecidas na retaguarda, para segurança das LOC. Como a Linha de Coordenação de Apoio de Fogos (LCAF) se movia várias vezes num mesmo dia, devido ao elevado ritmo das operações, as “*kill-boxes*” designadas, eram “abertas” e “fechadas” num espaço temporal curto, à medida que as forças terrestres se afastavam ou aproximavam da mesma. A coordenação deste processo só foi possível, porque as componentes aérea e terrestre sabiam, com precisão e em tempo real, o posicionamento uma da outra<sup>41</sup>.

### II.9.2. Effects Based Operations (Operações Baseadas em Efeitos)

Logo em 19 de Março, se percebeu que esta guerra seria diferente de todas as outras. De facto, se compararmos com a de 1991, esta, na fase de operações decisivas demorou metade do tempo, empregou um terço das forças por parte da coligação e teve menor número de baixas<sup>42</sup>. A

---

<sup>41</sup> O TGen David D. McKiernan, comandante da componente terrestre descreveu o papel dos meios tecnológicos e a **Network Centric Warfare** da seguinte forma:

“... os actuais avanços na tecnologia militar, se comparada com as minhas experiências na Operação “*Desert Storm*”, permitiram-me falar, utilizando comunicações tácticas via satélite e outros meios através dum Campo de Batalha com centenas de milhas; conduzir, quando necessário, vídeo-conferências, onde os comandantes diziam em que local se encontravam e o que pretendiam fazer a seguir; e tudo isto integrado numa estrutura conjunta onde eu podia observar onde estavam todas as aeronaves, navios e as outras componentes podiam também observar onde se encontravam as unidades terrestres. Quando se liga todos os componentes, isto permite-nos tomar decisões com base na *situational awareness*, muito mais rapidamente que no passado e exponencialmente mais rápidas que o nosso oponente...”, in DoD briefing a 23 de Abril de 2003, [Em linha]. [Consult. 01 Jun 2005]. Disponível na WWW:<URL:<http://www.defenselink.mil/transcripts/2003/tr20030423-0122.html>>

<sup>42</sup> Até ao final da Fase III foram registadas 162 baixas (CNN, 2003).

natureza rápida e esmagadora da vitória da coligação, assentou no conceito Effects Based Operations (EBO).

O planeamento, e condução desta campanha apoiou-se em elementos básicos de EBO. Um primeiro elemento materializou-se pela integração de todo o processo de planeamento em todos os níveis. De facto, nesta operação, os objectivos político-estratégicos foram *transformados* em operacionais e por sua vez em táticos, de modo que todos estes concorressem para a obtenção daqueles. Um segundo elemento foi a aplicação de *Effects Based Targeting* (EBT). Pretendeu-se com este, explorar as vulnerabilidades do inimigo através da destruição de pontos críticos, em detrimento de toda a estrutura. O ataque contínuo ao sistema de C2, em vez da própria força; o ataque à Guarda Republicana em detrimento das Forças Regulares, foram claros exemplos deste conceito.

Também os ataques, em vez de sequenciais passaram a ser simultâneos, concorrendo para a obtenção dos mesmos objectivos. Atacou-se simultaneamente a liderança do regime; controlou-se aeroportos e poços petrolíferos; destruiu-se sistemas de C2; e procedeu-se a assistência humanitária, numa clara noção de que o efeito do conjunto era superior ao da soma das partes. Outro elemento materializou-se na aplicação de todos os meios para a prossecução dos objectivos. Nos doze anos que precederam o conflito, foi sistemática a utilização de meios de coacção económico, político e diplomático, e durante a fase das operações ofensivas/decisivas foram utilizados não só meios militares mas também não militares. Outro elemento assentou em operações rápidas e decisivas. De facto, o emprego de todas as componentes actuando em simultâneo, de forma coordenada, em todo o TO e com vista a atingir o mesmo CoG, possibilitou que esta fosse uma campanha de *Shock and Awe* (Choque e Espanto)<sup>43</sup>. Outro pilar das EBO aplicado nesta campanha, foi a interacção permanente de todos os níveis de comando, de modo a que o planeamento fosse dinâmico e flexível, podendo e devendo ser ajustado em todos os momentos. Foi conseguido, devido não só aos meios empregues, mas também “ao processamento em tempo real, das lições aprendidas, possibilitando um aperfeiçoamento constante do planeamento” (Rumsfeld, 2003, p. 2).

## II.10. Síntese Conclusiva

Durante doze anos, os EUA desenvolveram acções que permitiram efectuar uma rápida projecção de forças para essa área de actuação, tais como melhoramento de infra-estruturas na

---

<sup>43</sup> Este termo da autoria de Harlem Ullman e James Wade em 1996, tem como base o conceito de domínio rápido e operações decisivas avassaladoras de modo a afectar a vontade, percepção e conhecimento do adversário, impondo um regime de choque e espanto quebrando a sua força psicológica.

Arábia Saudita, no Kuwait, e na base de Diego Garcia. Embora não possamos afirmar que os EUA, procuraram deliberadamente outra campanha no Iraque, o conjunto de operações desenvolvidas, algumas com cariz ofensivo, levam-nos a concluir que houve uma preparação do Campo de Batalha para um eventual conflito a decorrer nesse TO. Durante esse período houve uma elaborada campanha de Operações de Informação, que se intensificou a partir da operação “*Desert Fox*”, com o objectivo de degradar paulatinamente o potencial de combate iraquiano.

O planeamento da campanha, que se estendeu por um período de ano e meio, permitiu que a sua execução tenha sido rápida, limitada e decisiva. Rápida na obtenção dos objectivos, limitada nos meios a empregar e nos danos a infligir e decisiva visando atingir e retirar Saddam Hussein do poder.

De igual forma as linhas de acção desenvolvidas ocorreram em todo o TO, actuando as componentes de forma coordenada, sincronizada e simultânea, partilhando o mesmo CoG.

As Forças de Operações Especiais tiveram um papel de relevo nesta campanha. O efectivo empregue rondou aproximadamente 5% do total da força. Por outro lado, demonstraram possuir cultura táctica de operações conjuntas e combinadas, o que possibilitou a interacção com unidades convencionais da componente terrestre e com meios aéreos e navais.

Se no conflito de 1991 a superioridade da coligação se manifestou essencialmente ao nível dos recursos humanos, neste conflito, a supremacia tecnológica foi de tal forma esmagadora que permitiu à coligação estar sempre à frente das acções iraquianas, entrando no seu ciclo de decisão e levando-os a reagir tardiamente. Da mesma forma, a elevada capacidade tecnológica possibilitou a condução de acções simultâneas ao nível estratégico, como por exemplo a tentativa da decapitação de regime, e ao nível táctico, esbatendo a fronteira entre os vários níveis da guerra.

Em suma, entre as guerras de 1991 e de 2003, assistimos à evolução de um conflito baseado na concentração de forças, “*Desert Storm*”, para um conflito baseado na concentração de efeitos, “*Iraqi Freedom*”.

### III. CONCLUSÕES

No espaço temporal de doze anos assistimos a dois conflitos diferentes na forma de pensar, planear e conduzir as respectivas campanhas. O conflito de 1991, típico do pensamento militar da Guerra Fria e o conflito de 2003, típico da era da informação e comunicação, em que as premissas tidas como válidas até à altura, foram postas de lado. São estes factores diferenciados que pretendemos dissecar nas respostas à questão central e derivadas.

#### III.1. Resposta à questão central

Em nosso entender, o primeiro grande factor diferenciador dos dois conflitos foi o C2. Desde logo, verificou-se uma nova abordagem à compartimentação da estrutura de C2 das forças. Enquanto que, no conflito de 1991, o Gen Norman Schwarzkopf estava claramente ao nível operacional, tendo planeado e conduzido a campanha mantendo as várias componentes ao nível tático, no conflito de 2003, a permanente ligação, acompanhamento e coordenação do Gen Tommy Franks ao Secretário da Defesa foi efectiva, fazendo com que aquele, como Cmdt do CENTCOM, actuasse e tivesse um raio de acção mais elevado, situando-se na charneira entre os níveis estratégico e operacional. De igual forma as suas componentes, pela possibilidade de terem um conhecimento da situação bastante mais abrangente e partilhado, podendo conduzir acções por linhas de operações diversificadas, subiram de nível, actuando a um patamar entre o nível operacional e tático. Por outro lado, a evolução tecnológica introduzida ao nível dos sistemas de C2 nas várias componentes permitiu que a duração do processo de tomada de decisão diminuísse significativamente entre os dois conflitos. O tempo de análise de uma determinada acção inimiga e a resposta à mesma foi claramente encurtado entre os dois conflitos, incrementando o ritmo das operações e permitindo entrar no ciclo de decisão adversário, possibilitando às forças da coligação antecipar acções adversárias.

Outro factor claramente diferenciador entre os dois conflitos foi a diferença de cultura de operações conjuntas e combinadas. Na operação “*Desert Storm*” as várias componentes actuaram de uma forma, que não foi totalmente coordenada e integrada, tendo cada uma os seus próprios objectivos, que eram mais sequenciais do que simultâneos. Julgamos, que a operação “*Iraqi Freedom*”, neste particular, veio provar que o *todo* é superior à soma das *partes*, ou seja, a sinergia conseguida com a actuação integrada inter e intra componentes, permitiu a alavancagem do potencial de combate das forças da coligação, que de outra forma não teria sido conseguido. O conflito de 1991 centrou-se em plataformas não interligadas em que a informação fluiu através

de redes rádio e voz, por sua vez, o conflito de 2003, centrou-se em rede e a informação fluiu electronicamente.

Também a superioridade de informação se assumiu como factor significativamente diferente nos dois conflitos. A capacidade de recolher, trabalhar e partilhar informação a todos os níveis e em todos os momentos foi uma das competências desenvolvida e amadurecida ao longo dos doze anos que separaram os dois conflitos. No conflito de 1991, essas capacidades existiram de modo primário, não sendo partilhada em tempo real pelas componentes. Em 2003 essa superioridade, logo que obtida, era partilhada, proporcionando uma COP comum para todas as componentes.

### **III.2. Resposta às questões derivadas**

#### **Foram as duas campanhas realmente conjuntas e combinadas?**

Nos dois conflitos empregaram-se forças conjuntas e combinadas, contudo o modo de actuação e emprego das mesmas processou-se de forma completamente diferente. Na operação “*Desert Storm*”, o faseamento da campanha com objectivos e CoG diferentes para as componentes, indiciou uma campanha onde a acção conjunta das forças não se verificou na totalidade. Também a existência de dois comandos paralelos, dificultando a integração das forças, levou a que não se possa afirmar com clareza que tenha sido um verdadeira operação combinada. Ao invés, na operação “*Iraqi Freedom*”, houve uma grande integração e sincronização entre as várias componentes, sob comando único, tornando esta campanha verdadeiramente conjunta e combinada.

#### **Qual a importância e forma de emprego das Forças de Operações Especiais nestas campanhas?**

Nesta questão salienta-se a forma isolada como actuaram no conflito de 1991, demonstrando menor cultura de operações conjuntas e combinadas relativamente a 2003. Em 2003, a coordenação e integração destas, com as unidades convencionais das várias componentes possibilitou que fossem utilizadas em todo o TO e em acções de grande envergadura servindo de potenciador de combate e garantindo liberdade de manobra às forças convencionais.

#### **Quais as alterações que a tecnologia trouxe ao planeamento e conduta da campanha, e emprego das forças?**

Na campanha de 1991 a tecnologia por parte da coligação, embora claramente avançada em relação aos iraquianos, não permitiu que as forças actuassem de forma sincronizada e simultânea, obrigando-as a actuar num Campo de Batalha linear e contíguo. Em 2003, fruto do desenvolvimento tecnológico militar ao longo de doze anos, permitiu que houvesse um maior

conhecimento do Campo de Batalha em tempo real, possibilitando o emprego das forças num maior raio de acção e a condução simultânea de operações tão diferentes como de combate ou de assistência humanitária, num Campo de Batalha não linear e não contíguo.

### **As Operações de Informação tiveram igual importância nas duas campanhas?**

Pensamos que na campanha de 1991 não se pode falar em Operações de Informação como as entendemos hoje. Existiram efectivamente acções pontuais, algumas bem conseguidas como a Decepção Militar e as Operações Psicológicas, mas que actuaram de forma isolada, não permitindo retirar o máximo rendimento dessas mesmas acções. Após o fim desse conflito iniciou-se uma verdadeira campanha de Operações de Informação. Até à operação “*Desert Fox*” de uma forma velada, e a partir daí de uma forma mais intensa e visível, os pilares das Operações de Informação fizeram-se sentir de modo coordenado e simultâneo com a finalidade de degradarem o potencial iraquiano fazendo uma preparação do Campo de Batalha. Durante o conflito de 2003, os cinco pilares das Operações de Informação actuaram de forma conjunta sobre todo o TO, servindo de alavancagem ao potencial de combate das componentes.

### **Qual a importância dos Planos de Decepção nestas campanhas?**

A Decepção Militar foi das manobras de Operações de Informação com mais sucesso nas duas campanhas. Em ambas se realizaram com vista a facilitar o alcançar do CoG. No conflito de 1991, o dispositivo montado inicialmente indiciava um ataque à primeira linha defensiva, permitindo que a Guarda Republicana, CoG2 das forças iraquianas, pudesse intervir em tempo. O deslocamento para Leste de dois CE, a coberto de bombardeamentos, permitiu garantir surpresa e fazer o ataque principal, onde menos se esperava e directamente a este CoG. Em 2003, o falso ataque principal a Norte, e posteriormente a manutenção da 4ª Div Mec ao largo do Mediterrâneo, teve como consequência a fixação de treze Divisões iraquianas, impedindo-as de retirarem para Bagdade, onde se iria exercer o esforço, e que era o CoG a alcançar por todas as componentes da coligação.

### **Qual a influência da NCW e EBO nas campanhas?**

O NCW introduziu alterações, na campanha de 2003, ao nível da condução da guerra. A ligação em rede das unidades, embora nem todas estivessem efectivamente ligadas, veio permitir que o fluxo de informação deixasse de se processar exclusivamente no sentido “*Top-Down*”, e se passasse a processar também no sentido lateral. Isto possibilitou que as componentes pudessem trabalhar numa COP, daí advindo um aumento do ritmo das operações, e um processo de tomada de decisão mais rápido.

A campanha de 2003, foi baseada em efeitos, pois todo o esforço da coligação foi conduzido por forma a que as diversas componentes, desde o início, alcançassem, de forma coordenada, o mesmo CoG.

#### IV. LIÇÕES APRENDIDAS

Tendo analisado as duas campanhas, em termos de planeamento e condução das operações, identificámos alguns factores diferenciadores que nos permitem retirar lições aprendidas:

- **Simultaneidade**

Na campanha de 1991, as operações decorreram sequencialmente, com o emprego faseado das componentes, num Campo de Batalha linear e contíguo. Em 2003, as operações decorreram simultaneamente, o que comprova a existência de um Campo de Batalha não linear, em que operações com finalidades diferentes ocorriam em simultâneo na mesma área. Ainda se combatia em Bagdade e já se efectuavam operações de assistência humanitária no Sul do Iraque. A Oeste e a Norte as Forças de Operações Especiais não partilhavam o Campo de Batalha com ninguém, podendo actuar onde melhor cumprissem a sua missão, dando ao Campo de Batalha um aspecto não linear e não contíguo.

- **CoG**

Em 1991, as componentes não partilharam o mesmo CoG. Em 2003, este, era comum a todas as componentes, tornando-se prioritário a sua concretização, com vista, numa lógica de operações baseada em efeitos, a atingi-lo o mais rapidamente possível.

- **Operações Conjuntas e Combinadas**

A não existência de um comando único para todas as forças da coligação, o facto de não haver uma imagem operacional comum para todas as componentes, e a diversidade de CoG para as várias componentes, fez com que em 1991 não se possa falar com clareza em operação conjunta e combinada. Pelo contrário, em 2003, a integração das várias componentes atingiu um nível que consideramos unificado, com elevado grau de sincronização entre a aplicação da força letal e não-letal e, na forma simultânea como foram conduzidas as acções na fase das operações ofensivas/decisivas.

- **Ausência de batalha decisiva**

A vitória da coligação em 1991, verificou-se pela confrontação directa das forças da coligação contra as forças iraquianas. Ao invés, em 2003, a derrota das forças iraquianas não se verificou através do confronto entre duas forças numa batalha decisiva de aniquilamento, mas sim pela acção cumulativa de várias operações ou golpes que iam retirando potencial de combate às forças iraquianas.

- **Fogo em detrimento da Manobra**

Em 2003 não se identificaram grandes manobras, ao contrário da campanha de 1991, mas por outro lado constatou-se um aumento da importância do fogo. Este, quer aéreo, naval ou terrestre, conseguiu o mesmo efeito, neste caso a destruição das unidades da Guarda Republicana, que em 1991, apenas seria conseguido pela manobra, confrontando directamente o adversário.

- **Domínio do Campo de Batalha**

Quanto a este aspecto podemos afirmar que no conflito de 1991, as componentes não tinham ainda capacidade de obter e partilhar informação em tempo real, enquanto que no conflito de 2003 o domínio do Campo de Batalha, de uma forma quase perfeita e em tempo real, permitiu operar num “ambiente de certeza”, podendo escolher onde e quando empregar a força decisiva, correndo menos riscos.

- **Ritmo das Operações**

Em 1991 o ritmo de operações, embora elevado, não permitia ainda entrar no ciclo de decisão adversário. Por outro lado, em 2003, as forças puderam impor uma cadência muito elevada às operações, o que lhes permitiu entrar no ciclo de decisão do adversário, impedindo-o de reagir ou obrigando-o a fazê-lo tardiamente.

- **Forças de Operações Especiais**

Em 1991 actuaram com sucesso em apoio às componentes, em especial à componente aérea e terrestre. Em 2003 a sua forma de actuação foi particularmente diferente. Ocuparam 25% do território actuando com elevada flexibilidade em acções directas, de reconhecimento especial e indirectas. Mas o que ressalta é a enorme sinergia que tiveram, quer com as componentes aérea e naval, quer com as unidades convencionais da componente terrestre, demonstrando uma melhor cultura de operações conjuntas e combinadas, que lhe permitiram enfrentar, e fixar forças convencionais iraquianas com potencial muito superior.

- **Planeamento**

Em 1991 assistimos a um plano da campanha completamente faseado pelo emprego das componentes. Pelo contrário em 2003, o PLOp foi extremamente flexível e “maleável”, permitindo-lhe adaptar-se rapidamente a qualquer situação imprevista, possibilitando, por exemplo, o início da fase das operações ofensivas por qualquer das componentes.

- **Descentralização da acção de comando**

O aumento do ritmo das operações e a velocidade do processamento do fluxo de informação fez com que as unidades tivessem que actuar numa zona de acção de centenas de quilómetros, e desenvolver operações diferenciadas em simultâneo, tendo que ajustar a sua acção de comando, levando a um aumento da descentralização da mesma, facilitada pela interligação em rede das componentes e pela COP.

- **Níveis da condução da guerra**

O comandante das operações, pelo envolvimento com a estrutura superior e pela capacidade de conduzir acções simultâneas aos vários níveis da guerra, deixou de estar claramente ao nível operacional, situando-se na charneira entre o nível estratégico e operacional. As várias componentes passaram a situar-se entre o nível operacional e tático.

- **Novo conceito de guerra**

O conflito de 1991 centrou-se em plataformas não interligadas em que a informação fluiu através de redes rádio e voz. Por sua vez, no conflito de 2003, a panóplia de capacidades tecnológicas permitiu que as várias plataformas estivessem ligadas em rede, possibilitando a partilha da informação em tempo real por todos os escalões de comando, otimizando a monitorização contínua da situação, ajustando-a permanentemente à intenção do comandante, manifestando-se numa NCW.

- **Assimetria e Dissimetria**

O conflito de 1991 pela quantidade de meios envolvidos apresentou-se como a última guerra simétrica. Em 2003, a procura qualitativa de superioridade sobre o adversário, manifestou-se na supremacia tecnológica absoluta por parte da coligação, transformando este conflito numa guerra dissimétrica. Por parte do Iraque, o maior sucesso das suas operações vieram das Forças Irregulares, transformando o conflito numa guerra assimétrica.

- **Menos Forças**

A ligação em rede de todas as plataformas, a superioridade de informação e a sincronização das acções das componentes, permitiu que a concretização dos objectivos se efectuasse com menos forças envolvidas.

- **Effects Based Operations**

A campanha de 2003 veio demonstrar que o poder absoluto, traduzido pelo fogo, se superiorizou à força esmagadora da campanha de 1991. De facto, a campanha de 2003 afastou-se da atribuição pura e simples das forças adversárias. Ao invés, foi conduzida para a procura de efeitos, identificando os resultados a atingir e derivando os meios para alcançar esses fins.

- **Operações de Informação**

Em 1991 foram conduzidas algumas acções de Operações de Informação mas de forma isolada, não retirando a devida sinergia da sua integração. O conflito de 2003 veio provar a importância destas, quando utilizadas em conjunto, simultaneamente e de forma contínua em todo o TO, permitindo a condução da campanha materializada em efeitos.

- **Planos de Decepção**

A importância destes manteve-se inalterada nas duas campanhas. Em ambas visaram e conseguiram, iludir as forças iraquianas, quanto aos objectivos e CoG a alcançar pela coligação, facilitando assim, a orientação do esforço para o local e momento decisivo.

Com a apresentação destas lições aprendidas concluímos este estudo, que se espera tenha correspondido às expectativas lançadas na introdução. Temos consciência de que muito ficou por abordar, em especial, no que concerne à manobra logística, também inovadora em termos de planeamento e execução.

## BIBLIOGRAFIA

### LIVROS

ALBERS, David S. [et al.], eds (2004) – **Understanding Information Age Warfare**. Washington, DC : CCRP Publications Series, 2004. ISBN 1-893723-04-06.

BONIFACE, Pascal (2002) – **Guerras do Amanhã**. Lisboa : Editorial Inquérito, 2002. ISBN 8195172008.

BOYNE, Col Walter (2003) – **Operation Iraqi Freedom: What Went Right, What Went Wrong and Why**. 1ª Edition, November, 2003. ISBN 0-765-31038-4.

CLARK, Wesley K. (2004) – **Vencer as Guerras Modernas: Iraque, Terrorismo e o império Americano**. 1ª Edição. Lisboa : Temas e Debates, 2004. ISBN 972-759-708-4.

CORDESMAN, Anthony (2003) – **The Iraq War: Strategy, Tactics and Military Lessons**. Center for Strategic and International Studies, July 2003. ISBN 0-89206-432-3

DELONG, LT Gen Michael (2004) – **Inside CENTCOM: the unvarnished truth about the wars in Afghanistan and Iraq**. 2004. ISBN 0-89526-020-4.

FONTENOT, Col Gregory; THON, LtC David (2003) – **On Point: The US Army in the Operation Iraqi Freedom**. Fort Leavenworth : Combat Studies Institute Press, 2003.

FRANKS, Gen Tommy (2004) – **American Soldiers**. 2004. ISBN 0-06-073158-3.

GASSINO, Ten Gen Francisco, [et al.] (2004b) – **La primera guerra del siglo XXI, Irak 2003: Tomo I I, nível estratégico operacional**. Círculo Militar, 2004.

HOULAHAN, Thomas (1999) – **Gulf War, the complete history**. Virginia : Schrenker Military Publishing, 1999. ISBN 0-9668456-0-9.

PEREIRA, Carlos Santos (2005) – **Guerras de Informação: militares e media em cenários de crise**. Lisboa : Tribuna da História, 2005. ISBN 9728799284.

## TESES, MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES

RAMIREZ, Maj Armando (2004) – **From Bosnia to Baghdad: The evolution of US Army Special Forces from 1995-2004**. Monterey : Naval Postgraduate School, September 2004.

RIBEIRO, Maj Tm Carlos (2000) – **A Questão do Conflito do Golfo Pérsico (90/91) Consequências Políticas, Estratégicas, Operacionais, Logísticas e Táticas. Prospectivas**. Lisboa : Instituto de Altos Estudos Militares. TILD CEM 98/2000.

## MANUAIS TÉCNICOS

DEPARTMENT OF THE ARMY(1985) – **FM 101-5-1: Operational terms and graphics**. Washington DC, 21 October 1985.

DEPARTMENT OF THE ARMY (1996) – **FM 100-6: Information Operations**. Washington DC, 27 August 1996.

DEPARTMENT OF THE ARMY (2001) – **FM 3-0: Operations**. Washington DC, June 2001.

DEPARTMENT OF THE ARMY (2003) – **FM 3-13: Information Operations: Doctrine, Tactics, Techniques, and Procedures**. Washington DC, 28 November 2003.

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO (1987) – **RC 130-1: Volume I. OPERAÇÕES**. Lisboa, 1987.

INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES (2000) – **NC 20-77-01: ARTE OPERACIONAL: Operações conjuntas e combinadas**. Lisboa, Dezembro 2000.

INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES (2005a) – **NC 20-77-01: ARTE OPERACIONAL: actualização do capítulo VI e IV**. Lisboa, Abril 2005.

INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES (2005b) – **Regulamento de Campanha: OPERAÇÕES (Edição Provisória)**. Lisboa, Setembro 2005.

JOINT CHIEFS OF STAFF (2001) – **JP 3-0: Doctrine for Joint Operations**. Washington DC, 10 September 2001.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION (2001) – **ATP 3-2: Land Operations**. March 2001.

## REVISTAS E ARTIGOS

HORNER, Maj-Brig Charles (1992) – A Campanha Aérea, **Military Review Edição Brasileira**. Vol LXXII: 3º Trimestre, n.º 03, 1992, 41-58.

MARTIN, TCor Miguel (2003) – La estrategia contra Sadam y sus características. **Ejército**. n.º 749, Julio/Agosto 2003, 36-41.

MAZZIA, TCor Ronald (1992) – Cronologia, **Military Review Edição Brasileira**. Vol LXXII: 3º Trimestre, n.º 03, 1992, 02-21.

RIPLEY, Tim (2003) – Planning for Iraqi Freedom. **Jane's Intelligence Review**. July 2003, 08-11.

VIANA, Maj Rodrigues (1993) – O conflito do Golfo Pérsico. **Boletim IAEM**. Lisboa. n.º 30, 1993, 45-49.

## DOCUMENTOS MILITARES

CORDESMAN, ANTHONY H. (2003) – **The lessons of the Iraq War: Main Report**. Center for Strategic and International Studies, 21 July 2003.

DEPARTMENT of DEFENSE (1991) – **Conduct of the Persian Gulf Conflit: An interim Report to Congress**. July 1991.

DEPARTMENT of DEFENSE (1992) – **Conduct of the Persian Gulf Conflit: Final Report to Congress**. April 1992.

DEPARTMENT of DEFENSE (2003) – **Third Infantry Division (Mechanized) After Action Report: Operation IRAQI FREEDOM**. June 2003.

DEPARTMENT of the NAVY (2004) – **Marine Corps Reserve Forces in Operation Iraqi Freedom: Lessons learned**. United States Marine Corps, January 2004.

MINISTRY of DEFENCE (2003) – **Operations in Iraq: Lessons for future**. 19 December 2003.

MOSELEY, Lt Gen T. Michael (2003) – **Operation Iraqi Freedom: By The Numbers Assessment and Analysis Division**. USCENTAF, 30 April 2003.

## DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

ABC News – **Secret Plan: Militant Islamic Group Plans to Attack US Special Forces in Northern Iraq**. 21 February 2003 [Em linha]. [Consult. 28 Jan 2005]. Disponível na WWW: <URL:[http://www.abcnews.go.com/sections/world/2020/iraq030221\\_ansar.html](http://www.abcnews.go.com/sections/world/2020/iraq030221_ansar.html)>

CNN – **Forces: US and Coalition/Casualties**. [Em linha]. [Consult. 10 Out. 2005]. Disponível na WWW:<URL: <http://www.cnn.com/SPECIALS/2003/iraq/forces/casualties/2003.04.html>

GALLOWAY, Joseph – **General Tommy Franks discusses conducting the war in Iraq**. [Em linha]. [Consult. 02 Mai 2005]. Disponível na WWW:<URL: <http://www.twincities.com/med/twincities/news/6124738.htm>

GARDEN, Timothy – **Campaign analysis: ground and air forces**. [Em linha]. [Consult. 24 Abr 2005]. Disponível na WWW: <URL:<http://www.tgarden.demon.co.uk/writings/articles/2004/041101ch7.html>>

GARSTKA, John J. – **Fighting the Networked Force: Presentation to Network Centric Warfare 2004**. [Em linha]. actual. Jan 22, 2004, DOD, [Consult. 25 Mai 2005]. Disponível na WWW: <URL:[http://www.oft.osd.mil/library/library.cfm?libcol=2#briefing\\_337](http://www.oft.osd.mil/library/library.cfm?libcol=2#briefing_337)

IRON, Cor Richard, STRANGE, Dr Joe – **Understanding centers of gravity and critical vulnerabilities**. [Em linha], [Consult. 01 Abr 2005]. Disponível na WWW:<URL: <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/usmc/cog2.pdf>

MCKIERNAN, TGen David – **Briefing**, 23 de April 2003, [Em linha]. [Consult. 01 Jun 2005]. Disponível na WWW:<URL:<http://www.defenselink.mil/transcripts/2003/tr20030423-0122.html>

RUMSFELD, Donald – **Prepared Testimony by US Secretary of Defense**. Senate Armed Services Committee, 09 de July 2003, [Em linha]. [Consult. 15 Jun 2005]. Disponível na WWW:<URL: [http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/congress/rumsfeld\\_09july03.pdf](http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/congress/rumsfeld_09july03.pdf)

UNITED STATES JOINT FORCES COMMAND (USJFCOM) – **Glossary**, [Em linha]. [Consult. 01 Mar 2005]. Disponível na WWW:<URL:<http://www.jfcom.mil/about/glossary.htm#E>

UNITED STATES ARMY SPECIAL OPERATIONS COMMAND (USASOC) National Defense Industrial Association (NDIA) – **Symposium Briefing**, 5 February 2004, [Em linha]. [Consult. 01 Abr. 2005]. Disponível na WWW:<URL:<http://www.dtic.mil/ndia/2004solic/cleveland.pdf>>

## BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

### LIVROS

ALBERS, David S.; GARSTKA, Jonh J.; STEIN, Frederick P. (1999) – **Network Centric Warfare: Developing and Leveraging Information Superiority**. Washington, DC : CCRP Publications Series, 1999. ISBN 1-57906-019-6.

GASSINO, Ten Gen Francisco, [et al.] (2004a) – **La primera guerra del siglo XXI, Irak 2003: Tomo I** nível político, estratégico global y militar. Círculo Militar, 2004.

GASSINO, Ten Gen Francisco, [et al.] (2004c) – **La primera guerra del siglo XXI, Irak 2003: Tomo III**, nível táctico y tecnologia militar. Círculo Militar, 2004.

KEEGAN, John (2004) – **The Iraq War**. United States of America : Knopf Borzoi Books, 2004. ISBN 1-4000-4199-6.

KUSNETZ, Marc, [et al.] (2003) – **Operation Iraqi Freedom: 22 Historic Days in words and pictures**. Kansas : Andrews McMell Publishing, November, 2003. ISBN 0-7407-4059-8.

RYAN, Mike (2004) – **Special Operations in Iraq**. Yorkshire : 2004. ISBN 1-84415-032-1.

SMITH, Edward A. (2003) – **Effects Based Operations: Aplying Network Centric Warfare in Peace, Crisis, and War, Information Age Transformation Series**. Washington, DC : CCRP Publications Series, 2003. ISBN 1-893723-08-9.

TIMES (2003) – **21 Days to Bagdad: The inside story of how America won the war**. Times Books, November 2003. ISBN 1-932273-12-3.

WOODWARD, Bob (2004) – **Plano de Ataque**. Lisboa : 2ª Edição, Novembro 2004. ISBN 972-29-0718-2.

### REVISTAS E ARTIGOS

AUGUSTO, Maj António – O emprego das forças das Operações Especiais na Guerra do Golfo. **Jornal do Exército**. n.º 398, Fevereiro (1993) 25-29.

BOOT, Max – The new american way of war. **Foreign Affairs**. Vol 82: n.º 4, July/August (2003) 41-58.

BOWMAN, Steve – Iraqi Freedom: the first ten days. **Military Technology**. Vol XXVII: n.º 4, April (2003) 12-23.

BURGER, Kim [et al.] – Analyses Iraq: What Went Right? **Jane's Defence Weekly**. Vol 39: n.º 17, April (2003) 20-25.

CANÃDO, TCor Santiago – El conflicto del Golfo Pérsico: reflexiones militares. **Ejército**. n.º 615, Abril (1991) 14-19.

EBBUTT, Giles – UK command and control during “Iraqi Freedom”. **Jane's Intelligence Review**. July (2003) 42-49.

FELGAS, Brig. Hélio – Da crise à guerra do Golfo Pérsico. **Revista Militar**. n.º 7/8, Julho (1991) 449-453.

FELGAS, Brig. Hélio – Da crise à guerra do Golfo Pérsico (cont). **Revista Militar**. n.º 10, Outubro (1991) 599-636.

FERNÁNDEZ, Cmdt Anibal – El planeamiento de la operación “Libertad para Irak”. **Ejército**. n.º 749, Julio/Agosto (2003) 52-57.

GARDNER, Maj Sophy – Operação Iraqi Freedom. **Air and Space Journal**. 2.º Trimestre (2005) 59-71.

HORNER, Maj-Brig Charles – The air campaign. **Military Review**. Vol LXXI: n.º 09, September (1991) 16-27.

MACEDONIA, Maj Michael – Information Technology in Desert Storm. **Military Review**. Vol LXXII: n.º 10, October (1992) 34-41.

MARTIN, TCor Joaquim – El poder aéreo en la operación “Libertad para Irak”. **Ejército**. n.º 749, Julio/Agosto (2003) 42-47.

MORENO, Alberto – Guerra do Irak: Primeras reflexiones tácticas. **Ejército**. n.º 748, Junio (2003) 59-64.

MONTEIRO, Maj Pina – Guerra do Golfo: o sucesso da manobra terrestre. **Jornal do Exército**. n.º 378, Junho (1991) 20-23.

PETERS, Ralph – In praise of attrition. Carlisle: **Parameters**. Vol XXXIV: n.º 2, Summer (2004) 24-32.

RODILES, Gen Felipe – Guerra do Irak: Primeras reflexiones tácticas. **Ejército**. n.º 748, Junio (2003) 10-18.

### **DOCUMENTOS MILITARES**

DEFENCE MINISTERS (2004) – **The war in Iraq: ADF Operation in the Middle East in 2003**. 23 February 2004.

### **DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS**

GARDEN, Timothy – **Iraq: the military campaign** [Em linha]. [Consult. 18 Mai 2005]. Disponível na WWW:<URL: <http://www.commissiononglobalization.org/community/August2003-TimGarden.pdf>

## ANEXOS

Anexo A – Corpo de Conceitos.....	A - 1
Anexo B – Estrutura de Comando e Controlo da Coligação no Conflito de 1991 .....	B - 1
Anexo C – Figuras do Conflito de 1991.....	C - 1
Anexo D – Figuras do Conflito de 2003.....	D - 1
Anexo E – Estrutura de Comando do CFLCC e CFSOCC no Conflito de 2003.....	E - 1

## **Anexo A – Corpo de Conceitos**

### **CAMPO DE BATALHA**

É uma definição conceptual, porque não é atribuível a nenhum comando. No entanto, representa o ambiente, factores e condições que o comandante tem de compreender para aplicar com sucesso, o potencial de combate, proteger a força ou completar a missão. Inclui o espaço aéreo, terrestre, marítimo e espacial, forças amigas e inimigas, instalações, condições meteorológicas, espaço electromagnético e ambiente de informações na área de interesse (Instituto de Altos Estudos Militares, 2005b, p. B-3).

### **CICLO DE DECISÃO (ou ciclo “OODA “)**

O Ciclo OODA (Observe – Orient – Decide – Act)<sup>44</sup> é um dos processos de C2 mais simples e eficazes. Da autoria do TCor J. Boyd (USAF), representa um modelo que explica a importância de observar mais rápido que o opositor, de modo a visualizar e antecipar o que este pode fazer. Ao entrar no Ciclo OODA do opositor estamos a manobrar, porque estamos a criar um fenómeno de desintegração do seu sistema de C2.

### **CLOSE AIR SUPPORT**

O apoio aéreo próximo são as acções de fogos aéreos por aeronaves de asa fixa ou asa rotativa contra alvos hostis que estão próximos das NT e que requer uma detalhada integração de cada missão aérea com o movimento e fogos das forças terrestres (Joint Chiefs of Staff, 2001, p. GL-6).

### **COMMON OPERATIONAL PICTURE (COP)**

A COP é uma imagem simples que mostra a informação relevante para um comandante acerca da sua Área de Interesse. A colaboração, partilha e desenho da informação relevante aos diferentes escalões, cria a COP, que é desenhada de acordo com as necessidades do comandante, baseada em dados comuns e partilhada pelos seus subordinados e pares. A COP é mostrada com o detalhe que o escalão necessita. Os sistemas de C2 fundem a informação de uma variedade de fontes, enquanto que os sistemas de informação facilitam a sua rápida distribuição de acordo com parâmetros que facilitam a sua rápida compreensão (Department of the Army, 2001, p. 11-14).

---

<sup>44</sup> Observar – Visualizar – Decidir – Agir.

## **DECEPÇÃO MILITAR**

A decepção militar engloba todas as acções executadas com vista a enganar os decisores das forças adversárias sobre as nossas intenções, capacidades e operações, levando a que o adversário tome decisões que contribuam para o cumprimento da nossa missão (Department of Defense, 2003, p. Glossary -15).

## **EFFECTS BASED OPERATIONS (EBO)**

As operações baseadas em efeitos são um processo para obtenção de um resultado estratégico desejado, ou determinado efeito no inimigo, pela sinergia, multiplicação ou aplicação de um vasto espectro de capacidades, aos níveis táticos, operacionais, e estratégicos. As EBO procuram afastar-se da simples destruição física do inimigo, numa manobra de atrição linear clássica. Separando os meios dos fins, identifica claramente o objectivo a atingir e aplica os meios na prossecução desse fim. Em última instância procura afectar o comportamento do adversário de uma forma tal que o leve à rendição ou a não aceitar o combate (USJFCOM, p. Glossary).

## **EFFECTS BASED TARGETING (EBT)**

Os efeitos baseados em targeting são um processo de produção de cursos de acção que mudem os comportamentos do inimigo. Esta mudança de comportamentos são o resultado do emprego dos efeitos das nossas capacidades letais e não letais (USJFCOM, p. Glossary).

## **INTELLIGENCE**

É o resultado da obtenção, processamento, integração, análise, avaliação e interpretação da informação e conhecimento sobre as forças adversárias (Department of Defense, 2003, p. Glossary -13).

## **LINHA DE COORDENAÇÃO DE APOIO DE FOGOS**

Linha materializada por acidentes de terreno, identificáveis do ar, estabelecida pelo comandante das forças terrestres adequado, para assegurar a coordenação dos fogos que não estão sob o seu controlo mas que possam afectar as operações táticas em curso (Estado Maior do Exército, 1987, p. 4-40).

## **NETWORK CENTRIC WARFARE**

A guerra centrada em rede centra-se no potencial de combate que pode ser gerado através da ligação em rede de todas as plataformas da organização. É caracterizada pela possibilidade de ter forças dispersas, criando um elevado nível de percepção do Campo de Batalha. Permite a obtenção de uma grande superioridade de informação pela permanente ligação entre o sensor que detecta o alvo, o decisor e o sistema de armas que o ataca. A interligação entre todos os componentes permite a partilha de conhecimentos, processos de tomada de decisão mais rápidos, ritmos de operações mais elevados, maior letalidade, maior protecção da força e maior sincronização (Alberts et al., 2004, p. 53-59).

## **OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO**

As Operações de Informação são o emprego das capacidades de guerra electrónica, network centric operations, operações psicológicas, decepção militar e segurança das operações, em conjugação com outras actividades de apoio específicas tais como, destruição física, pesquisa de informações, contra-informação, contra-decepção e contra-propaganda, com a finalidade de atacar ou defender de informação ou sistemas de informações adversários e influenciar o processo de tomada de decisão. Estes elementos devem ser utilizados em conjunto e se possível em simultâneo de modo a potenciar a capacidade de combate e garantir superioridade de informação à força, permitindo-lhe entrar no ciclo de decisão adversário (Department of Defense, 2003, p. 1-13).

## **OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS**

Actividades psicológicas planeadas que utilizam meios de comunicação e outros meios, dirigidas sobre audiências aprovadas, de forma a influenciar atitudes, percepções e comportamentos, que contribuam para a realização de objectivos políticos e militares (Instituto de Altos Estudos Militares, 2005b, p. 5-1).

## **PAUSA OPERACIONAL**

A Pausa Operacional traduz uma cessação temporária de algumas actividades, durante o desenrolar de uma operação, normalmente após a conclusão de uma das fases da operação, ou ainda antes das nossas forças correrem o risco de atingirem o seu próprio ponto de culminação, de forma a regenerar o potencial de combate para prosseguirem as operações (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 47).

## **PONTO DECISIVO**

Um ponto decisivo é definido como um ponto a partir do qual os centros de gravidade amigo ou hostil podem ser ameaçados. Estes pontos podem existir no tempo, no espaço ou no ambiente de informação. O controlo dos pontos decisivos confere ao comandante vantagem sobre as forças opositoras e influencia grandemente o resultado final da acção. Os pontos decisivos podem incluir infra-estruturas ou aspectos do terreno que são críticos para a continuidade e oportunidade das operações ou para a rápida alteração da direcção da manobra, constituindo neste caso, um eixo para a progressão das forças (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 42).

## **RITMO DAS OPERAÇÕES**

É a velocidade de desenvolvimento dos combates ou a taxa de actividades no desenrolar das batalhas e entre as grandes operações (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 47).

## **SITUATIONAL AWARENESS**

O *conhecimento* da situação é a fusão da informação, com vista a obter a percepção do contexto operacional e tático, nos seguintes factores: Intenção do Comandante, Forças amigas, Inimigo e Ambiente Operacional. Este conhecimento situacional é considerado em termos de tempo e espaço (North Atlantic Treaty Organization, 2001, p. 11-4).

## **STAND OFF**

Termo que indica a distância na qual uma arma pode fazer fogo sobre o opositor sem estar dentro do alcance das suas armas.

## **Anexo B - Estrutura de Comando e Controlo da Coligação no Conflito de 1991<sup>45</sup>**

### **1. ARCENT**

O Comando da Componente Terrestre teve como suporte o 3.º Exército dos EUA. No cumprimento da sua missão, o ARCENT executou três funções:

- Coordenar os apoios às forças conjuntas e combinadas;
- Deslocar as forças para o TO;
- Conduzir operações militares.

Assim, o ARCENT, com as forças dos países aliados ocidentais era composto por 2 CE e por uma Unidade de Escalão Acima de Corpo (EAC) e tinha a seguinte constituição:

- O VII CE, constituído à base de blindados, possuía um grande poder de choque, fogo, protecção e movimento, estando especificamente vocacionado para combater as forças blindadas iraquianas. De referir que a 1ª DBI (UK) estava em OPCON do VII CE;
- O XVIII CE AeroTransp, possuía uma elevada mobilidade e estava especificamente vocacionado para garantir a posse de terreno e vencer grandes distâncias e obstáculos, mas, apresentava algumas limitações de protecção e capacidade de choque. A 6ª DBI (FR) estava em TACON do XVIII CE;
- Uma Unidade EAC, com várias unidades de apoio de combate e serviços.

### **2. NAVCENT**

A estrutura de C2 do Comando da Componente Naval, incluía a Força do Golfo Pérsico; o Grupo do Mediterrâneo; a Força do Mar Vermelho; a Força Anfíbia; e a Força de Apoio Logístico. Todas estas forças estavam em OPCON do NAVCENT.

### **3. CENTAF**

O Comando da Componente Aérea era constituído pela 14ª Div de Aviação de Combate, 15ª Div de Guerra Electrónica e C2 e a 17ª Div de Bombardeiros, todos em OPCON.

### **4. MARCENT**

O Comando da Força de Marines era composto pela 1ª MEF, a 3ª Força de Aviação dos Marines e o 1º Grupo de Vigilância e Reconhecimento. O MARCENT detinha o Comando

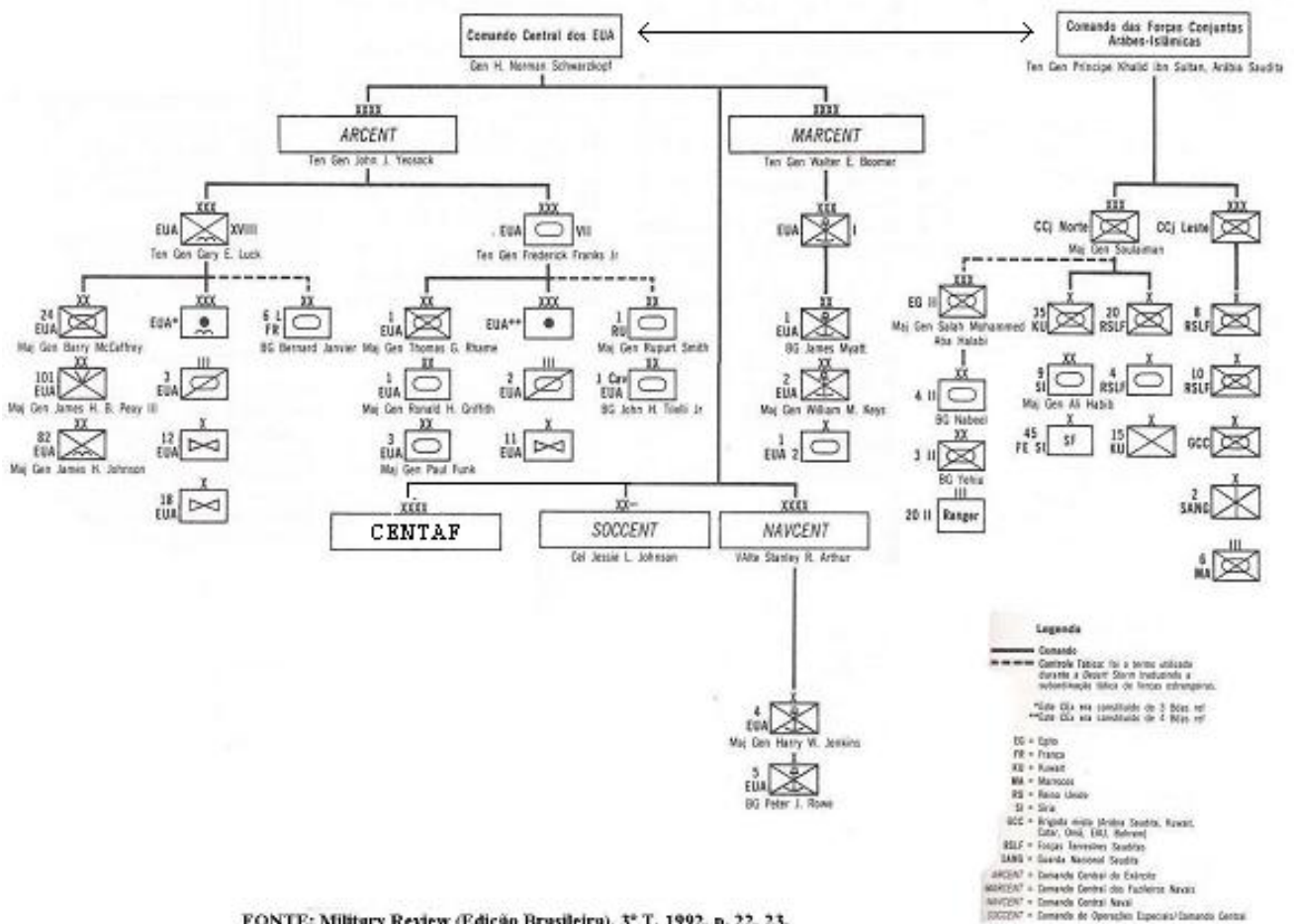
---

<sup>45</sup> Adaptado de (DoD, 1992, p. 627 a 643), (Ribeiro, 2000, p. H-6 a H-10) e (Military Review, p.22 e 23).

Completo da 1ª e 2ª Divisão de Marines, pertencentes à 1ª MEF, quando essa força actuasse em terra. Enquanto embarcada, a 1ª MEF, estava sob comando do NAVCENT.

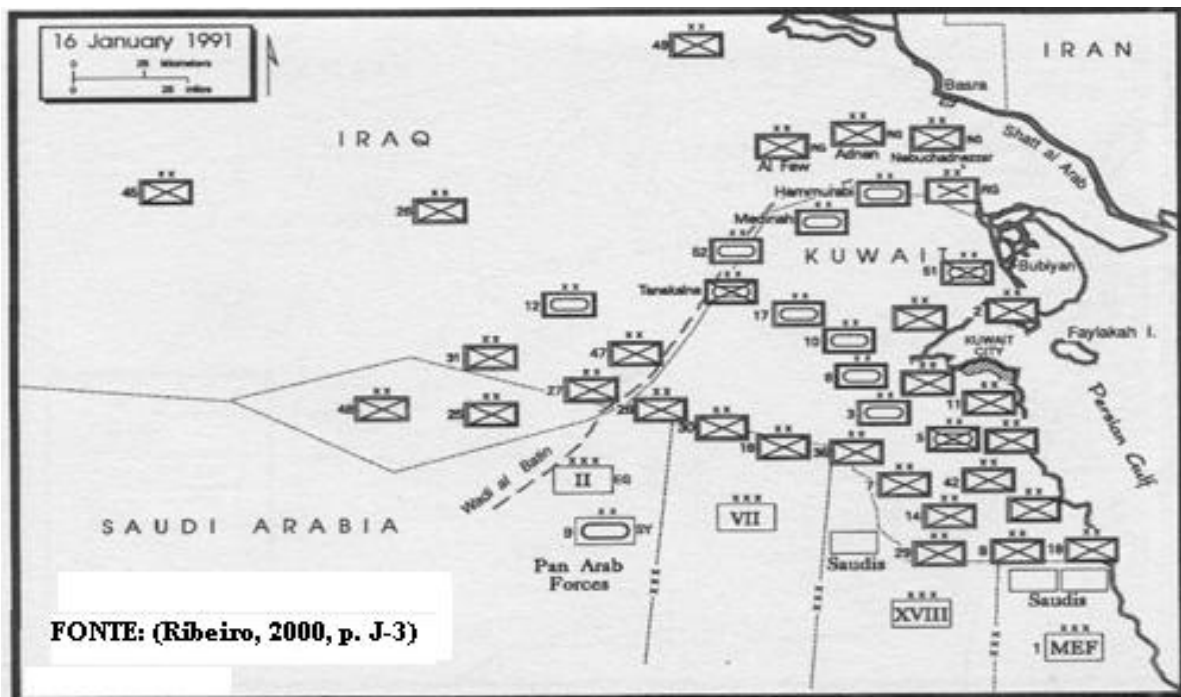
### 5. SOCCENT

O Comando Central de Operações Especiais, detinha o OPCON, sobre as suas forças, nomeadamente, o 3º, 5º e 10º Grupo de Forças Especiais, o 75º Regimento Ranger, as Forças de Operações Especiais da Força Aérea, as Forças SEAL e as Forças Especiais Britânicas.



FONTE: Military Review (Edição Brasileira), 3º T, 1992, p. 22, 23.

Anexo C – Figuras do Conflito de 1991



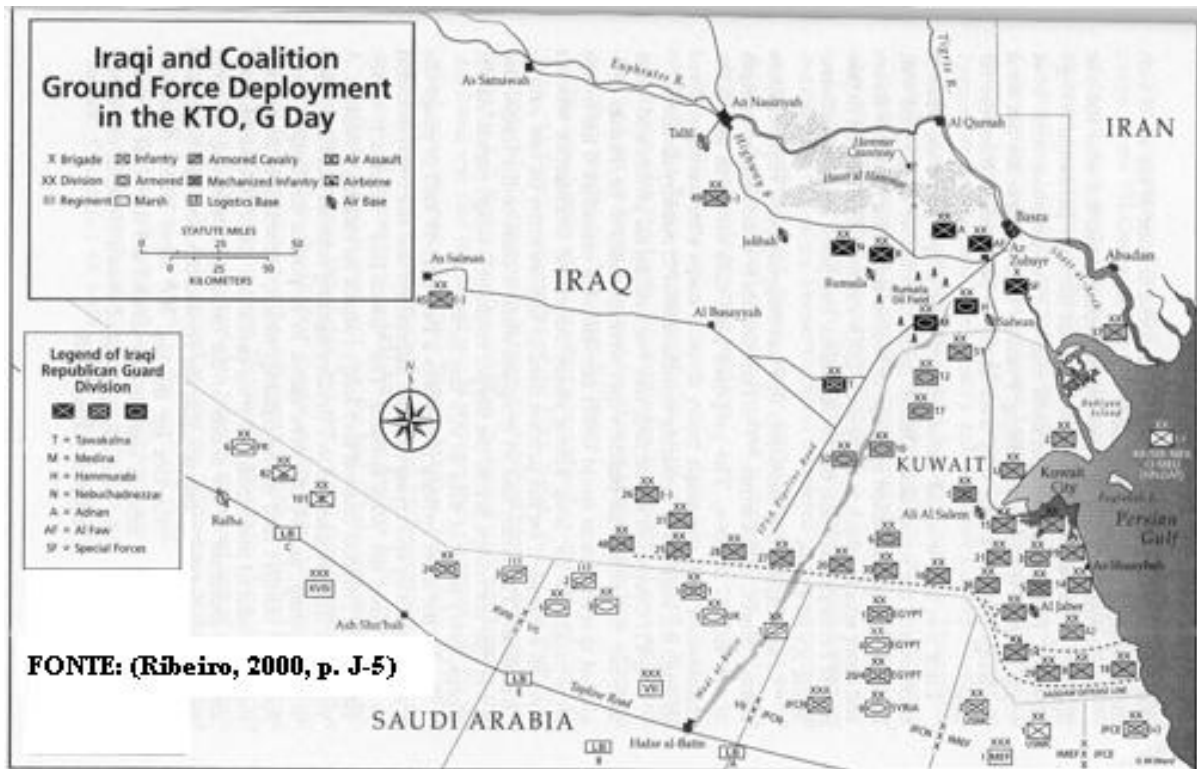


Figura 7 - Dispositivo Final dos Contendores no Conflito de 1991

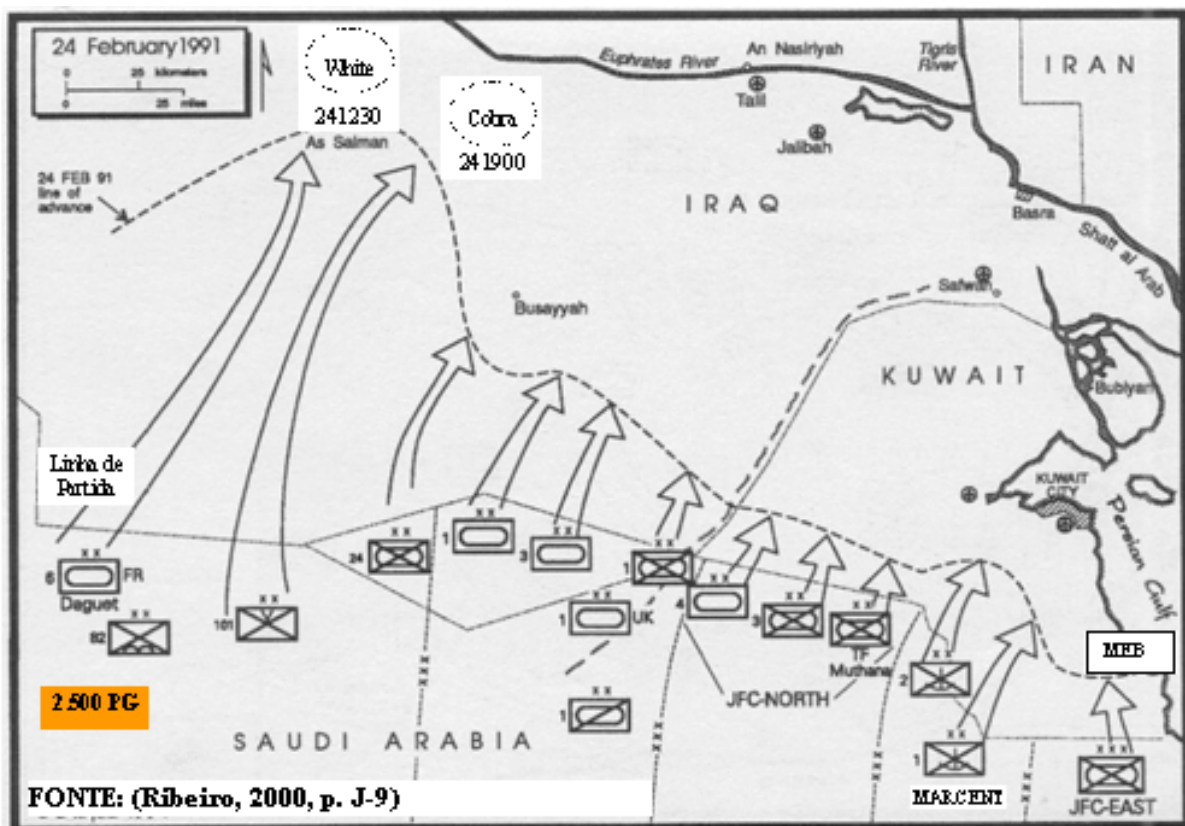


Figura 8 - 1º Dia da Ofensiva Terrestre (24Fev91)

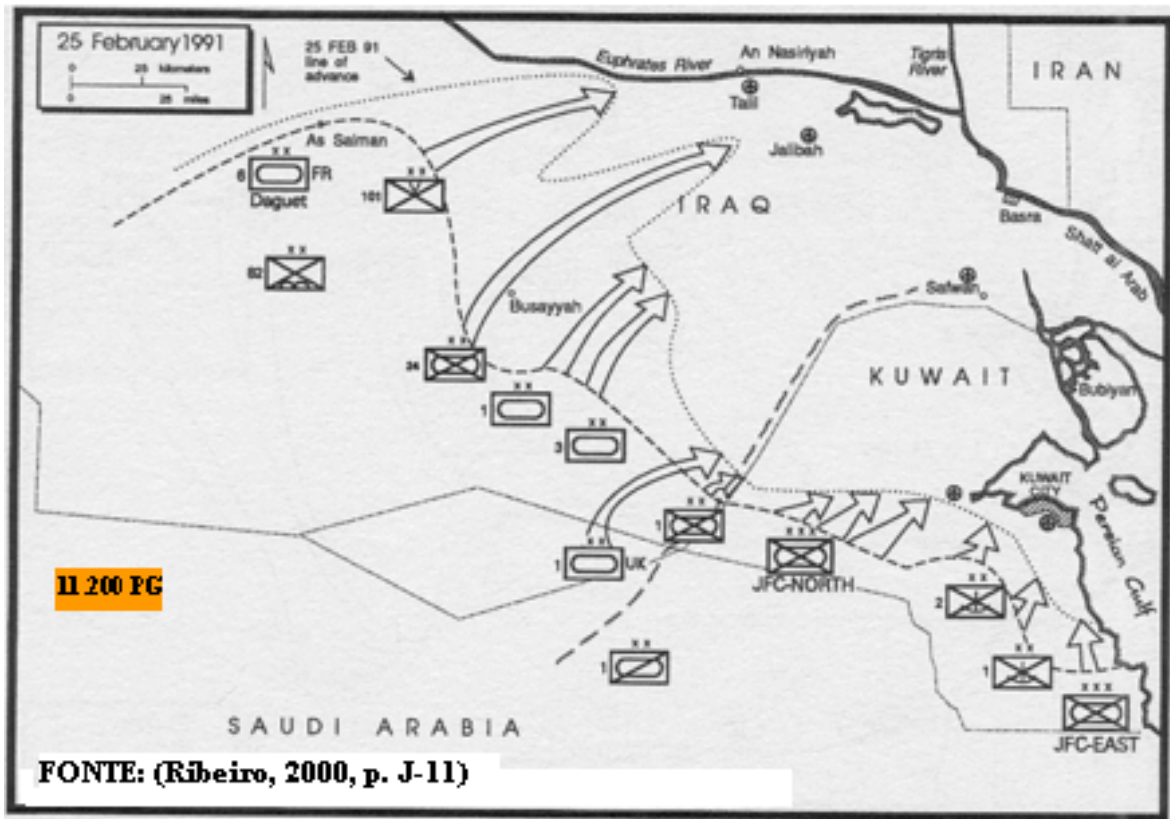


Figura 9 - 2º Dia da Ofensiva Terrestre (25Fev91)

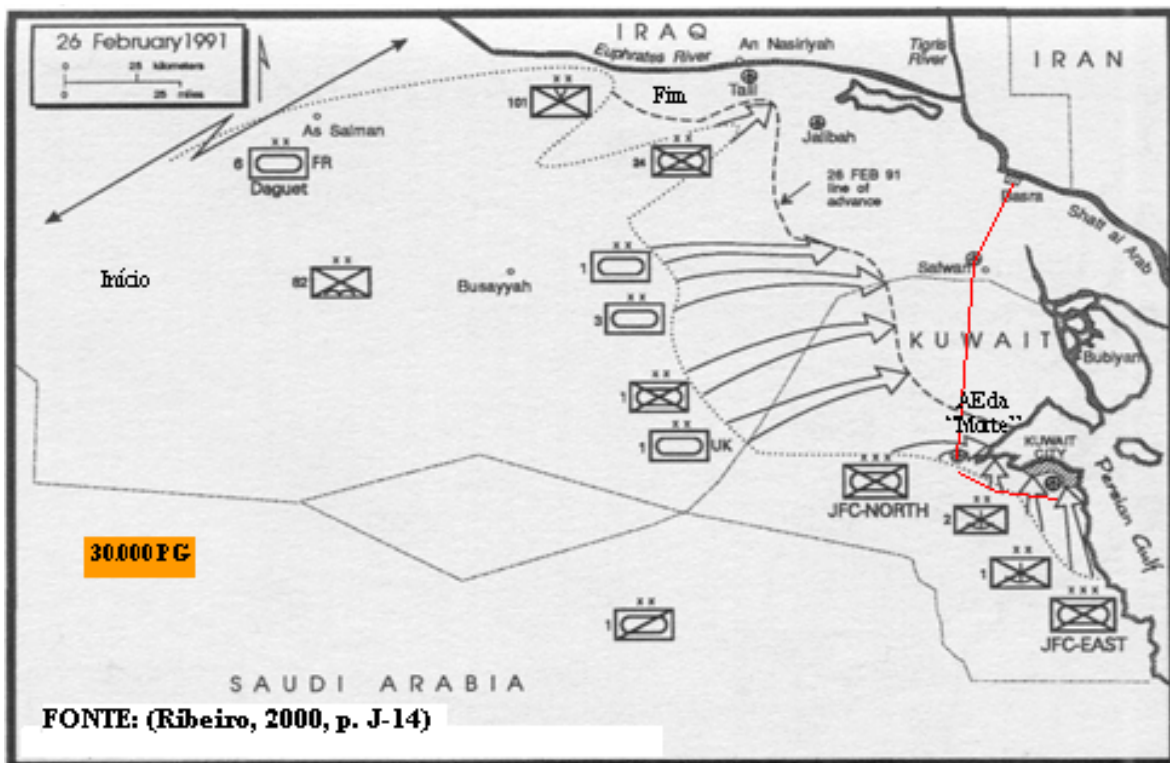


Figura 10 - 3º Dia da Ofensiva Terrestre (26Fev91)

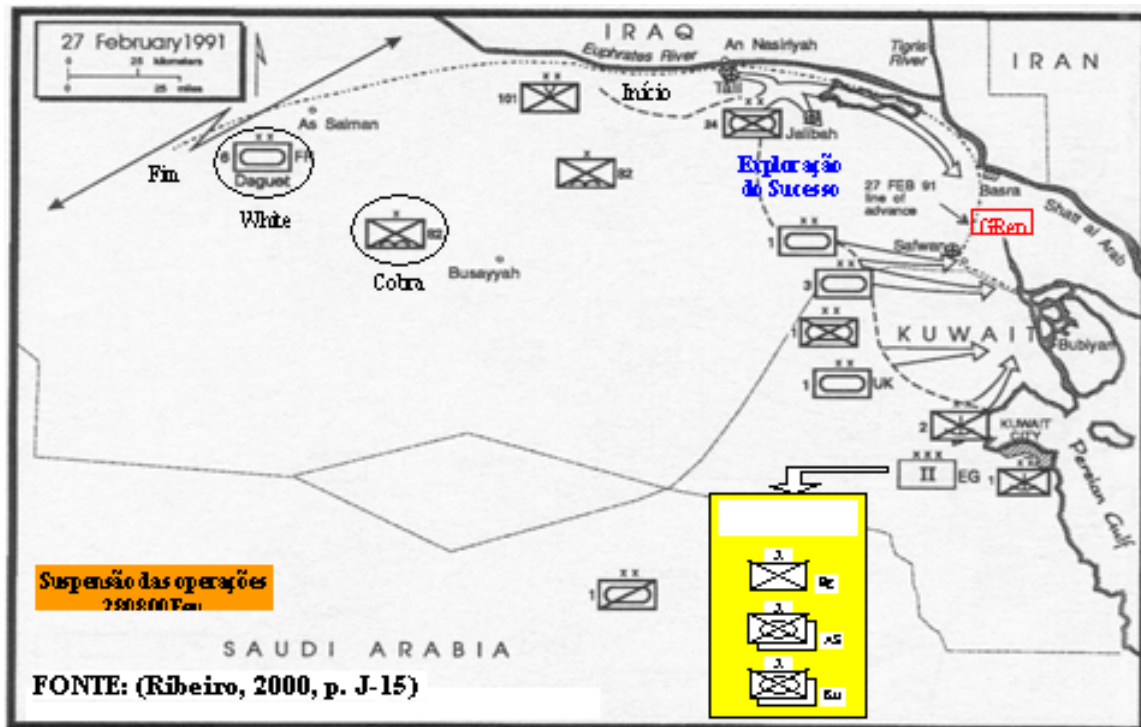


Figura 11 - 4º Dia da Ofensiva Terrestre (27Fev91)

Anexo D – Figuras do Conflito de 2003

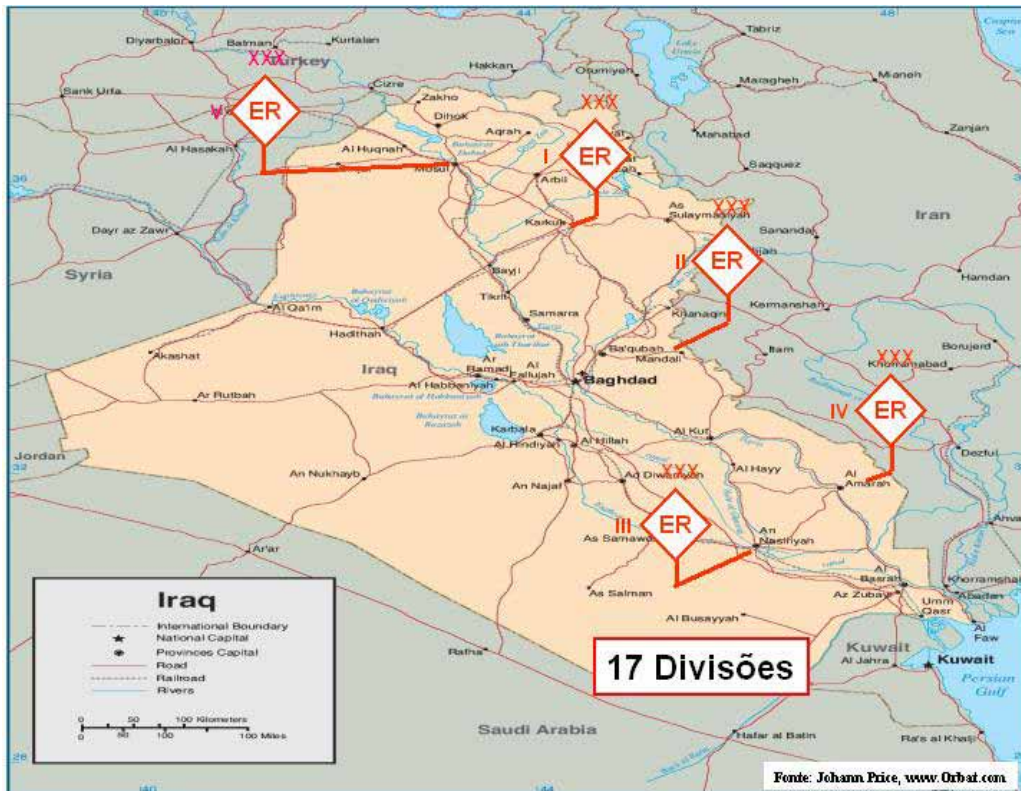


Figura 12 - Dispositivo das Forças Regulares Iraquianas no Conflito de 2003

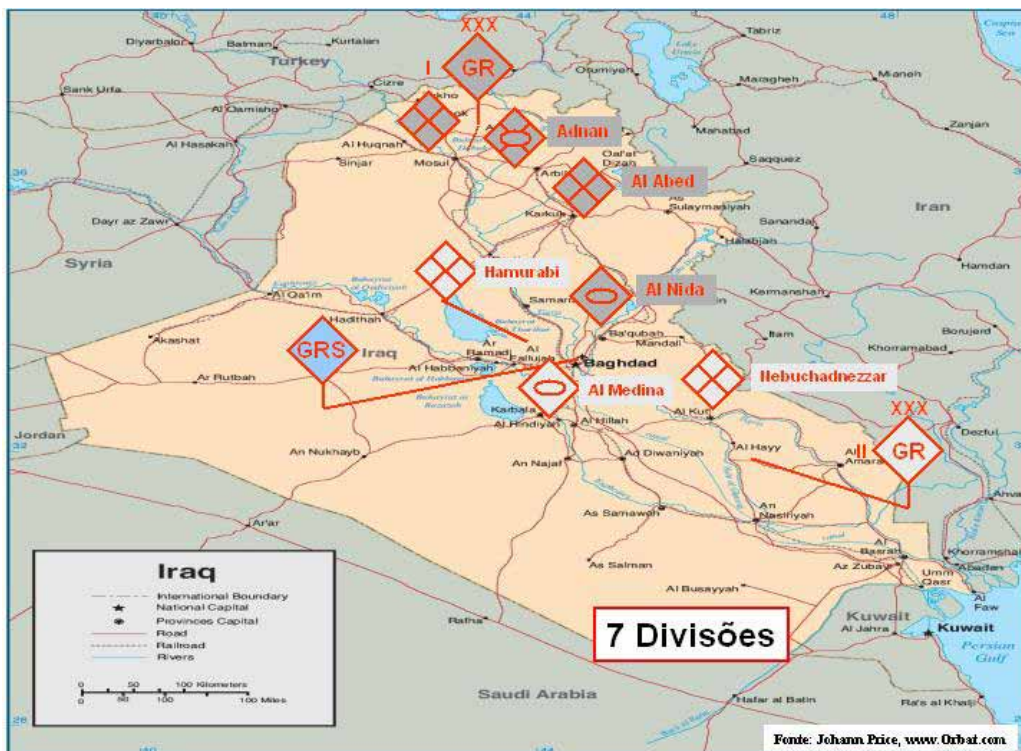


Figura 13 - Dispositivo da Guarda Republicana e Guarda Republicana Especial



Figura 14 - I Período da Fase Ofensiva/Decisiva

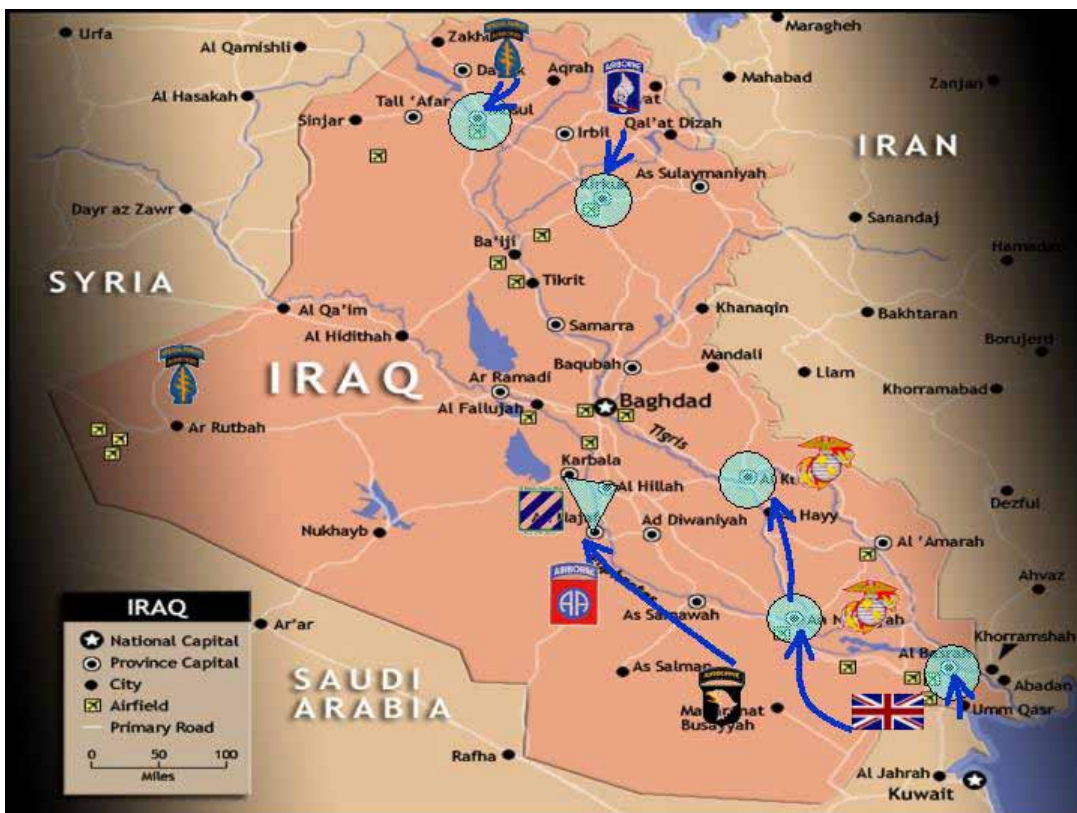


Figura 15 - II Período da Fase Ofensiva/Decisiva



Figura 16 - III Período da Fase Ofensiva/Decisiva

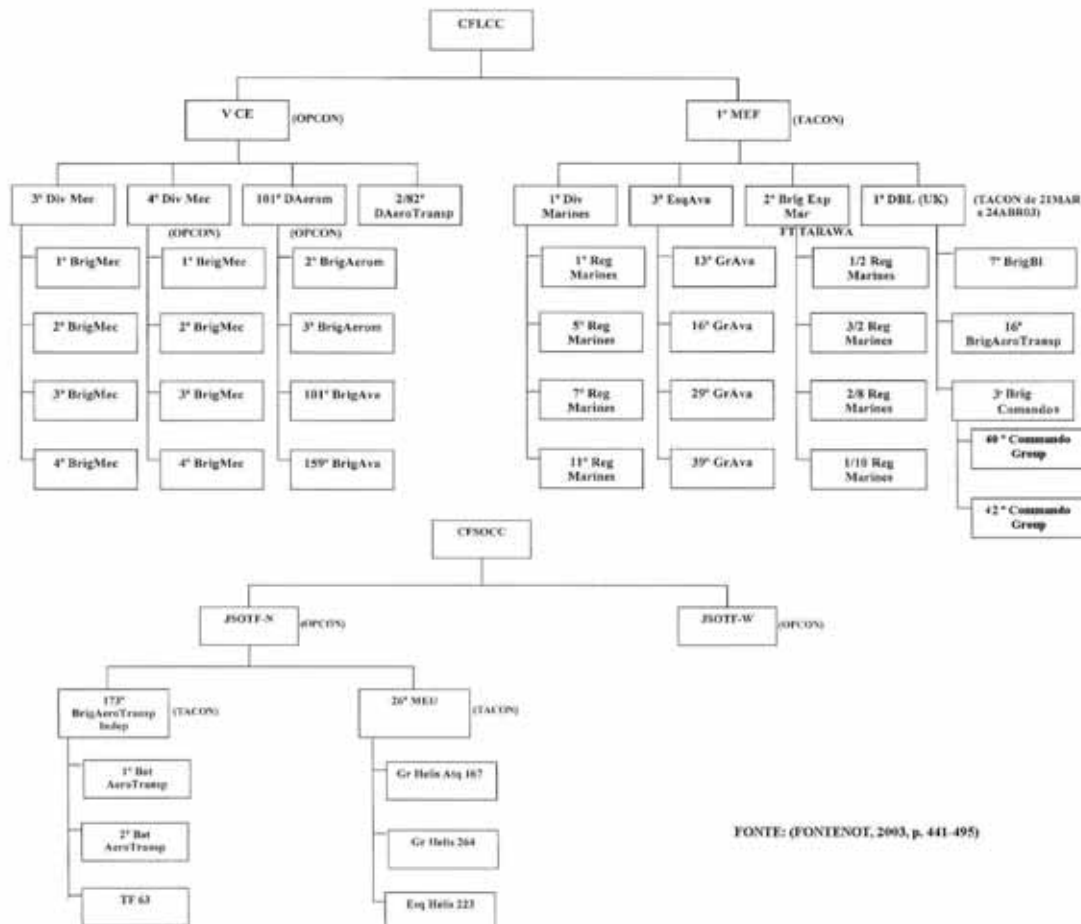


Figura 17 - Panfletos lançados para sensibilização da protecção dos poços petrolíferos

### Anexo E - Estrutura de Comando do CFLCC e CFSOCC no Conflito de 2003

A estrutura da coligação era constituída pelas componentes naval, aérea, terrestre e operações especiais. Foram nestas duas últimas que foram introduzidas as maiores alterações, relativamente à campanha de 1991. No CFLCC “foi introduzido uma célula de sincronização de efeitos, que tinha como missão sincronizar e conjugar a actuação das forças terrestres, aérea e naval em cada acção, de modo a potenciar o seus efeitos. Também a arquitectura da *intelligence* ao nível operacional sofreu alterações. Foi implantada uma estrutura ágil que fizesse uma ligação rápida entre o nível tático e estratégico, aumentando a interoperabilidade entre os agentes de *intelligence*. Foi desenvolvida uma organização que potenciase a acção da *intelligence* em apoio das forças do V CE e da MEF” (Fontenot, 2003, p. 43).

A responsabilidade de planeamento e condução das operações das forças especiais pertenceu ao CFSOCC. Foram constituídas as Força Tarefa de Operações Especiais Conjuntas Norte (JSOTF-N) e Oeste (JSOTF-W), ambas em OPCON. A JSOTF-N tinha em TACON a 173ª BrigAeroTransp Indep e a 26ª Unidade Expedicionária Marine (MEU), de escalão regimental. (Fontenot, 2003, p. 494).



## APÊNDICES

Apêndice A - Caracterização do Teatro de Operações.....	Apd A - 1
Apêndice B - Período de 1991 a 2003.....	Apd B - 1

## Apêndice A - Caracterização do Teatro de Operações<sup>46</sup>

### Localização e Descrição Geral do País

O Iraque é uma república situada no Sudoeste da Ásia, localizada entre os 29° 5' e 37° 25' de latitude Norte e os 38° 4' e 48° 45' de longitude Este; está três horas adiantado em relação ao meridiano de Greenwich (quatro horas de Abril a Setembro). Faz fronteira a Norte com a Turquia, a Este com o Irão, a Sul com a Arábia Saudita, Kuwait e Golfo Pérsico e a Oeste com a Jordânia e a Síria. Tem 434.934 km<sup>2</sup> e 24.001.816 habitantes, segundo estimativa de Julho de 2002. Pela sua extensão, pode considerar-se como um país de tamanho médio. A sua forma é a de um trapézio irregular com a sua base menor (250 quilómetros) no Golfo e Kuwait e a maior (700 quilómetros) apoiada na Turquia e na Síria; os outros lados medem 800 quilómetros, cada um. A capital, Bagdade, está numa posição central, sendo a distância mínima às suas fronteiras 120 quilómetros (à do Irão).

### Geomorfologia

O país é essencialmente plano, dominado pelos vales dos rios Tigre e Eufrates, que materializam a Mesopotâmia. A Este, aparecem elevações, como o Jabal Hamrin, que se prolongam até à cordilheira do Zagros. A Sudoeste do Eufrates estende-se um grupo de planaltos calcários onde predominam a estepe árida e o deserto que, pelo Sul, se prolonga até à Síria. Tanto o Tigre como o Eufrates nascem nas montanhas orientais da Turquia e unem-se no Rio Shatt Al-Arab, no Golfo Pérsico, abundando nessa zona pantanais e lagoas. Outros rios importantes são o Grande Zab, o Pequeno Zab e o Diyala, todos eles afluentes do Tigre pela sua margem esquerda. Do ponto de vista geomorfológico, pode-se considerar que o Iraque se divide em quatro grandes regiões claramente diferenciadas:

*Deserto:* Estende-se desde a margem direita do Eufrates em direcção ao Sudoeste, entrando pela Síria e Jordânia a Oeste e pela Arábia Saudita a Sul. É uma planície predominantemente rochosa com zonas arenosas sobre toda a sua parte Sudoeste. A sua cota decresce com suavidade sem acidentes característicos de Sudoeste para Norte.

*Planalto:* Estende-se entre o Tigre e o Eufrates, desde a linha Samarra – Hit até à fronteira com a Síria. É uma planície com uma altura de 300 m que vai decrescendo de Noroeste a Sudeste, na qual os únicos acidentes de importância são os montes Jabal Sinjar, muito próximos da fronteira

---

<sup>46</sup> Este apêndice resulta do cruzamento de informação dos livros (Gassino, 2004b, p. 5-20) e (Cordesman, 2003, p. 520-554).

com a Síria e uma série de rios sem significado que correm mais ou menos paralelos à mesma fronteira.

*Planície Aluvial:* Começa a Norte de Bagdade e chega até ao Golfo Pérsico. Está flanqueada a Nordeste pelos montes Jabal Hamrin e Kabir Kuh (estes últimos no Irão), a Sudoeste pela planície desértica e a Noroeste pelo planalto descrito anteriormente. Por ela correm o Tigre e o Eufrates. Nalgumas zonas está abaixo do nível destes. Sulcam-na uma série de canais naturais e artificiais cuja distribuição geralmente se modifica com as frequentes inundações produzidas pelo transbordar dos rios citados (a cada dois anos em média). Nesta zona encontra-se a maior parte das riquezas do país e os principais núcleos de população.

*Montanhosa:* Estende-se desde o Sudoeste da linha Mossul – Kirkuk até à Turquia e Irão. Muito abrupta, decresce desde a fronteira com o Irão, com cotas de 3000 m, em direcção ao Sudoeste, até à planície aluvial. Em geral a orientação das suas cordilheiras é paralela à fronteira iraniana, sendo atravessada de Nordeste a Sudoeste pelos vales dos rios Pequeno Zab, Grande Zab e Diyala.

## **Hidrografia**

Os principais rios do Iraque são o Tigre e o Eufrates que nascem na Turquia e percorrem o país de Noroeste para Sudeste até uns 160 quilómetros a norte do Golfo Pérsico, onde confluem para formar o Rio Shatt Al-Arab que desagua no Golfo. São vitais para o país e caracterizam-se pela extrema irregularidade do seu caudal, o que, unido ao facto de que a capacidade de evacuação dos seus leitos em caso de aumento ser insuficiente, tenha levado ao controlo das suas devastadoras inundações através de numerosos diques e canais de rega.

## **Clima**

A maior parte do Iraque tem um clima continental com extremos quentes e frios. A área montanhosa do Norte e Nordeste deste país tem Verões frescos e Invernos frios, por vezes acompanhados de neve. No Iraque central os Verões são longos e quentes e os Invernos curtos e frescos; em Janeiro, a temperatura em Bagdade alcança uma média de 9,4° C, enquanto que durante Julho e Agosto é de 33° C, tendo contudo já registado temperaturas de 50° C. Na região meridional, na área do Golfo Pérsico, já se registaram algumas das temperaturas mais altas do mundo e a humidade é muito elevada.

Nas terras altas do Nordeste produzem-se importantes precipitações entre Outubro e Maio, mas mais a Sul, na planície aluvial central, as precipitações são escassas. A média de

precipitação anual estima-se em 154 mm, mas oscila entre menos 100 mm no Sul e 1200 mm no Nordeste. No deserto sírio as precipitações são escassas ou nulas.

### **Biogeografia**

A cobertura vegetal é em geral escassa, quase nula na zona desértica do Sul e Sudeste, concentrando-se na margem dos rios. As espécies mais importantes são a palmeira amplamente cultivada, e o álamo. A fauna é a própria de zonas semidesérticas (leões, gazelas, hienas, chacais, lebres, etc.) e de zonas montanhosas (javali, lobo, etc.). Também abundam as aves de rapina e nas zonas pantanosas, abundam os mosquitos, e lagartos.

### **População**

A situação demográfica do Iraque modificou-se radicalmente desde o conflito de 1991 e está marcada não tanto pelas baixas sofridas durante aquele conflito, mas pelo rígido embargo a que o país foi submetido desde então. Este repercutiu-se de maneira muito negativa na situação sanitária, a qual se reflectiu directa e dramaticamente nos índices demográficos. Quanto à composição por idades, 24,5% (mais de 5 milhões) tem entre 18 e 32 anos (entre 50% de homens e 50% de mulheres aproximadamente), e 12% (uns 2,5 milhões) está entre 13 e 17 anos; o que implica que se trata de uma população jovem, com uma importante capacidade de mobilidade.

Os principais núcleos urbanos são:

- Bagdade, com 5.605.000 habitantes;
- Mossul, com 1.740.000 habitantes;
- Bassorá, com 1.500.000 habitantes;
- Kirkuk, com 800.000 habitantes;
- Najaf, com 563,000 habitantes;
- Karbala, com 550.000 habitantes;
- Nassíria, com 535.000 habitantes;
- Al Hilah, com 525.000 habitantes.

Os principais grupos étnicos do Iraque são os árabes (75%) e os curdos (20%), os restantes 5% incluem, persas, sírios, arménios, beduínos e ciganos. Os curdos habitam fundamentalmente na zona montanhosa do Nordeste, constituindo uma minoria com um forte sentimento nacionalista (daí que se lhes tenha concedido uma certa autonomia) e um escassíssimo nível de integração com o resto da população, incluindo daqueles que emigraram para outras zonas, especialmente para Bagdade, que é para o Iraque uma constante fonte de problemas nacionais e internacionais. O idioma oficial e maioritário é o árabe, seguindo-o o curdo, que se fala quase

exclusivamente na Região Autónoma do Curdistão, a Nordeste. Outros idiomas muito menos falados são: turco, persa, e assírio. A língua árabe constitui um importante factor de coesão nacional.

A religião mais importante é a muçulmana, seguida por 97% dos iraquianos, dos quais 60-65% são xiitas e 32-37% sunitas; os restantes 3% são maioritariamente cristãos. Em geral, o sunismo é a religião da burguesia urbana e também a dos curdos. Os xiitas, pelo contrário, predominam no meio rural, sendo de destacar que as duas cidades santas dos xiitas são Najaf e Karbala. O facto da maior intransigência religiosa dos xiitas e, sobretudo, a vizinhança com o Irão, principal foco do xiismo integraçionista, colocou-os na oposição, sendo fonte de sérios problemas como a sublevação que protagonizaram no final do conflito de 1991. Em relação aos cristãos, situam-se principalmente em Bagdade e na região de Mossul.

### **Vias de Comunicação**

A rede de estradas compreende 33.200 quilómetros, 72% dos quais são asfalto. Na década de 80 foi amplamente desenvolvida, se bem que desde os finais dessa década, permaneça estagnada. O esqueleto básico desta rede é constituído pela auto-estrada que vai de Oeste para Este, no sentido Amã (procedente de Aqabah, Jordânia,) – Bagdade – Khanikin – Irão; e a que atravessa o país de Nordeste a Sudoeste procedente da Turquia, Zakhu – Mossul – Bagdade – Bassorá.

A rede ferroviária conta com uns 2440 quilómetros, sendo as linhas mais importantes:

- Umm Qasr – Bassorá – Bagdade – Mossul – Tall Kujik na Síria, percorrendo todo o país de Sudeste a Noroeste;
- Bagdade – Kirkuk – Arbil;
- Bagdade – Qusaybah;
- Kirkuk – Baiji – Hadita.

No que se refere a comunicações marítimas, os principais portos são Khor Al-Zubayr e Umm Qasr, no canal Kharor Az-Zubayr e Bassorá no Shatt Al-Arab ao qual podem aceder barcos de pequeno porte. O maior porto é o de Al Faw tendo sido parcialmente destruído na Guerra do Irão-Iraque. Os rios Tigre e Eufrates e a vasta rede de afluentes e canais que existe entre eles desde Bagdade até ao Golfo Pérsico constituem um importante obstáculo para o desenvolvimento das comunicações terrestres, se bem que podem ser aproveitados para comunicações fluviais por embarcações pequenas. O Tigre é navegável até Bagdade por barcos de menor calado.

## Apêndice B - Período de 1991 a 2003

Em 3 de Março de 1991, o Iraque aceita as condições de cessar fogo, tendo sido então aprovadas diversas resoluções no Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSC), entre as quais:

- A Resolução 687 – que impõe a eliminação de todas as armas de destruição massiva e cria a Comissão Especial da ONU para o Desarmamento (UNSCOM).
- A Resolução 688 – que condena a repressão das populações civis iraquianas.

Nesse mesmo ano o Iraque inicia actos repressivos contra a população curda, o que aumenta o fluxo de refugiados para o Norte do Iraque junto à fronteira com a Turquia. No sentido de efectuar assistência humanitária à população curda, foi desencadeada a operação “*Provide Comfort I*” com a participação dos EUA, Reino Unido, França e Turquia, que se estendeu até 24 de Julho de 1991. A partir desta altura desenvolveu-se a operação “*Provide Comfort II*” que se prolongou até final de Dezembro de 1996. Em consequência, é criada uma zona de exclusão aérea a Norte do paralelo 36 para protecção dos Curdos iraquianos, cuja implementação ficou a cargo das forças aéreas americana e inglesa. A 9 de Junho de 1991 começam as inspecções da UNSCOM.

Um ano depois, em Junho de 1992, é formado em Londres o Congresso Nacional Iraquiano, que agrupa os partidos da oposição a Saddam, Curdos e Xiitas. Na sequência deste evento, cria-se uma zona de exclusão aérea, a Sul do paralelo 32, para protecção das populações Xiitas, o que na prática limitou o poder do governo de Bagdade no Curdistão e na zona Sul do Iraque, dando a estas regiões, principalmente à do Norte, algum grau de autonomia. Mais tarde a zona de exclusão aérea do Sul foi alargada para o paralelo 33. Para monitorizar esta acção foi estabelecida a operação “*Southern Watch*”, que contou com a participação dos EUA, França e Arábia Saudita.

Em Janeiro de 1993, a aviação americana bombardeia o complexo industrial, Al Zaafaniya, que era suspeito de albergar material nuclear.

Em Abril de 1995, o UNSC adopta a resolução 986, denominada “Petróleo por Alimentos” onde, por razões humanitárias, o Iraque é autorizado a vendas limitadas de petróleo, sob o controlo da ONU, com vista à aquisição de alimentos e medicamentos.

A 1 de Janeiro de 1997, foi desencadeada a operação “*Northern Watch*”, sucedânea da operação “*Provide Comfort II*”, com a participação dos EUA, Turquia e Reino Unido, para observar o cumprimento das resoluções da ONU a Norte do paralelo 36.

Em Outubro de 1997 o Governo iraquiano, expulsa todos os inspectores de nacionalidade americana acusando-os de espionagem. No entanto, um mês depois, debaixo de pressão americana e graças à mediação russa, o Iraque aceita o regresso daqueles inspectores.

Em 1998, assiste-se a avanços e recuos nas relações do governo iraquiano com os inspectores da UNSCOM, até que, em Outubro, o Iraque rompe com todas as formas de cooperação com os inspectores. Após este facto, os EUA lançam um ultimato ao Iraque tendo este aceite, mais uma vez, o regresso dos inspectores. No entanto, estes, denunciando a falta de cooperação do governo iraquiano, retiram-se em Novembro. Em Dezembro de 1998, desencadeou-se a operação “*Desert Fox*”, com a participação dos EUA e Reino Unido. Esta operação consistiu em bombardeamentos contra instalações suspeitas de albergarem armas de destruição massiva. As forças iraquianas responderam e violaram as áreas de exclusão aérea com aviões MIG 23 e MIG 25, com a particularidade de terem uma velocidade superior às dos aviões americanos e ingleses. Perante este facto, os EUA iniciam ataques cirúrgicos a áreas específicas, nomeadamente a sistemas de defesa antiaérea, sistemas de comunicações e radares que pudessem ameaçar a aviação americana ou inglesa. Estas acções mantiveram-se até ao início do conflito, inclusive fora das zonas de exclusão aérea. Assim, desde 1998, os EUA “lançaram uma campanha quase contínua de bombardeamentos - com centenas de ataques durante mais de 4 anos – com os aviões norte-americanos e britânicos a patrulhar as zonas de exclusão aérea” (Clark, 2004, p. 30), destruindo “os sistemas de defesa aérea do inimigo... e as comunicações de fibra óptica, forçando a utilização de comunicações por alta frequência, que podia ser facilmente detectada e empastelada” (Cordesman, 2003, p. 58).

Em Setembro de 2001 acontecem os atentados terroristas a Nova Iorque e Washington, que aceleram as acções de pré-conflito no Iraque. O presidente dos EUA identifica o Iraque como um dos países do “Eixo do Mal” que, segundo a sua administração, ameaçavam a paz e segurança mundiais. Em 2002 é aprovado o “National Security Strategy - 2002”, onde é referido que a América usará todos os seus instrumentos de poder, incluindo ataques militares preemptivos para neutralizar e destruir as organizações terroristas, focalizando-se nomeadamente nas de alcance global e nos estados que as apoiam ou lhes sirvam de santuário. Destes estados, merecem especial atenção, aqueles que tentem possuir armamento de destruição massiva e respectivas plataformas de lançamento.

Em Junho de 2002 foi executada a operação “*Southern Focus*”, em resposta a violações do Iraque às zonas de exclusão aérea e também como preparação do Campo de Batalha. Mais uma vez, foram realizados ataques precisos sobre os sistemas de C2 e fibra óptica que ligava Bagdade ao Sul do Iraque. Em Setembro de 2002 é realizada a operação “*Internal Look 02*”, em que 600

oficiais testaram a capacidade de projecção de um QG em situação de campanha. Ainda nesse mês num discurso perante a Assembleia Geral da ONU, o presidente norte-americano exige a Saddam Hussein que retire ou destrua imediatamente e sem condições, todas as armas de destruição massiva. Poucos dias depois, o Iraque aceita o regresso incondicional dos inspectores da ONU. O primeiro-ministro inglês, divulga um relatório dos serviços secretos onde se refere que o Iraque continua a desenvolver armamento de destruição massiva, e o congresso americano autoriza o recurso unilateral, à força contra o regime iraquiano.

Em Novembro de 2002, o UNSC aprova a resolução 1441, que ordena a destruição dos programas de armas de destruição massiva iraquianos, sob pena do recurso a todos os meios disponíveis para o conseguir. Nesse mesmo mês iniciam-se as inspecções da Comissão de monitorização, verificação e inspecção da ONU (UNMOVIC) e da Agência Internacional de Energia Atómica. No final desse ano, o UNSC aprova uma nova resolução, a 1454, que reforça as sanções ao Iraque.

Em Janeiro de 2003, no primeiro relatório da UNMOVIC, é referido que após sessenta dias de inspecções, ainda não se tinham detectado, quaisquer armas de destruição massiva. Na sequência deste relatório, em Fevereiro de 2003, o Secretário de Estado Colin Powell, apresenta perante o UNSC, algumas evidências da não cooperação do regime iraquiano e da existência de armas de destruição massiva. Ainda neste mês, é apresentado novo relatório dos inspectores, onde se reforça a ideia de nada se ter detectado, focando no entanto a falta de cooperação das autoridades iraquianas.

A posição norte-americana e inglesa face ao Iraque, encontrou nalguns membros do UNSC, nomeadamente na China, França, Rússia e Alemanha, uma forte oposição no sentido da aprovação de uma nova resolução, que desse autorização para um ataque militar, pois segundo estes países, as provas apresentadas não eram convincentes e que se deveria prosseguir com as inspecções durante o tempo necessário. Na sequência deste impasse, realiza-se a 16 de Março a Cimeira das Lajes, que juntou o Presidente norte-americano aos Primeiro-Ministros português, espanhol e inglês, para debaterem esta situação, tendo-se apelado à ONU que tomasse uma decisão sobre a questão sob pena de se realizar uma intervenção à margem desta organização. Face à oposição encontrada no UNSC, os EUA e o Reino Unido, desistem da ideia da aprovação de uma nova resolução e lançam em 17 de Março um ultimato para que Saddam Hussein e os seus filhos abandonem o Iraque em 48 horas, tendo sido o mesmo rejeitado de imediato.

A 19 de Março de 2003, o presidente dos EUA ordena o início da operação “*Iraqi Freedom*”.

